

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO

Faculdade de Ciências – Campus de Bauru

**Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem**

**JHENIFER PRESCILLA DIAS**

**ESTRESSORES OCUPACIONAIS, BURNOUT, SUPORTE LABORAL,  
SINTOMATOLOGIA DEPRESSIVA E ANSIOSA EM PROFISSIONAIS DA  
ENFERMAGEM**

**Bauru**

**2020**

**JHENIFER PRESCILLA DIAS**

**ESTRESSORES OCUPACIONAIS, BURNOUT, SUPORTE LABORAL,  
SINTOMATOLOGIA DEPRESSIVA E ANSIOSA EM PROFISSIONAIS DA  
ENFERMAGEM**

Dissertação apresentada à Pós-Graduação da Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP, Campus Bauru, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem.

**Orientador:** Prof. Dr. Hugo Ferrari Cardoso

**Bauru**

**2020**

Dias, Jhenifer Prescilla.

Estressores ocupacionais, burnout, suporte laboral, sintomatologia depressiva e ansiosa em profissionais da enfermagem/ Jhenifer Prescilla Dias, 2020  
95 f.

Orientador: Hugo Ferrari Cardoso

Dissertação (Mestrado)-Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências, Bauru, 2020

1. Estressores ocupacionais. 2. Enfermagem. 3. Saúde Mental do Trabalhador. I. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências. II. Título.

## FOLHA DE APROVAÇÃO



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Bauru



**ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE JHENIFER PRESCILLA DIAS, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS - CÂMPUS DE BAURU.**

Aos 15 dias do mês de janeiro do ano de 2020, às 09:00 horas, no(a) Sala 01 do prédio da pós-graduação da Faculdade de Ciências, reuniu-se a Comissão Examinadora da Defesa Pública, composta pelos seguintes membros: Prof. Dr. HUGO FERRARI CARDOSO - Orientador(a) do(a) Departamento de Psicologia / Universidade Estadual Paulista , Prof. Dr. MAKILIM NUNES BAPTISTA do(a) Diretoria Acadêmica de Pós-graduação / Universidade São Francisco, Profa. Dra. SANDRA LEAL CALAIS do(a) Departamento de Psicologia / Universidade Estadual Paulista , sob a presidência do primeiro, a fim de proceder a arguição pública da DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de JHENIFER PRESCILLA DIAS, intitulada **Estressores ocupacionais, burnout, suporte laboral, sintomatologia depressiva e ansiosa em profissionais da enfermagem**. Após a exposição, a discente foi arguida oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo recebido o conceito final: APROVADO \_\_\_\_\_. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelos membros da Comissão Examinadora.

Prof. Dr. HUGO FERRARI CARDOSO

Prof. Dr. MAKILIM NUNES BAPTISTA

Profa. Dra. SANDRA LEAL CALAIS

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente à Deus, pela saúde, força e proteção, me possibilitando superar todos os obstáculos encontrados.

À minha família, em especial minha mãe (Andréa) e meus irmãos (Allan, Beatriz e Lorena) pelo incentivo, paciência e carinho.

Ao meu amado noivo Guilherme, pelo apoio incondicional, amor, compreensão e companheirismo em todos os momentos. Sempre me motiva a continuar lutando em prol dos meus objetivos, me ajudando em todos os sentidos e permitindo que essa caminhada fosse mais leve e feliz.

Aos meus amigos e colegas de trabalho, pelas palavras de carinho e motivação.

Ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem da Faculdade de Ciências da UNESP de Bauru, pela oportunidade de formação, aquisição de conhecimento e crescimento profissional.

Ao meu estimado orientador Prof<sup>o</sup> Dr. Hugo Ferrari Cardoso, por toda dedicação, paciência, amizade e conhecimento adquirido ao longo dessa jornada acadêmica, que se prossegue com o doutorado. Não há palavras para descrever a enorme satisfação e privilégio que sinto por estar sendo orientada por um professor de tamanha competência e profissionalismo. Enquanto aluna e orientanda, posso dizer que seu olhar humano transmite confiança, encorajando seus alunos a enfrentarem os desafios da vida acadêmica, nos motivando a aprender e a crescer sempre.

Aos professores que compuseram a banca examinadora da qualificação e defesa, Prof<sup>o</sup> Dr. Makilim Nunes Baptista e Prof<sup>a</sup> Dra. Sandra Leal Calais, por terem aceito o convite e pelas valiosas contribuições para o aperfeiçoamento deste trabalho. Para mim, é uma grande honra tê-los presentes neste momento tão importante para o meu crescimento profissional.

Aos professores suplentes da banca examinadora da qualificação e defesa, Prof<sup>a</sup> Dra. Marianne Ramos Feijó e Prof<sup>o</sup> Dr. Alessandro Gabriel Macedo Veiga por terem aceito o convite e estarem dispostos a contribuir para este trabalho.

À todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem, por proporcionarem conhecimento e contribuírem para a minha formação.

Às instituições Hospital Amaral Carvalho, Associação Hospitalar Thereza Perlatti e Santa Casa de Jahu pela parceria e adesão à pesquisa.

À CAPES. O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001.

DIAS, J.P. **Estressores ocupacionais, burnout, suporte laboral, sintomatologia depressiva e ansiosa em profissionais da enfermagem**. 2020. 95f. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem) – UNESP, Faculdade de Ciências, Bauru, 2020.

### RESUMO

Esta dissertação foi dividida em dois artigos. O primeiro se refere a um estudo, cujo objetivo geral foi analisar a literatura nacional acerca de estressores ocupacionais na área da enfermagem, nas bases de dados eletrônicas PePSIC e SciELO, entre 2008 e 2017. Com base nos critérios de inclusão, 42 artigos foram analisados. Dos principais resultados, a maioria dos artigos investigou os estressores fazendo uso de amostras pequenas, com prevalência do gênero feminino, principalmente em adultos-jovens e adultos, de trabalhadores de hospitais gerais. A maioria dos artigos foram publicados em português, tendo profissionais da área de enfermagem e de psicologia como primeiros autores. A maior frequência de publicações foi em 2016, nos periódicos Revista Latino-Americana de Enfermagem e Revista da Escola de Enfermagem da USP. Também se analisou os construtos associados aos estressores nas pesquisas e observou-se que burnout e qualidade de vida no trabalho foram os mais frequentes. Os instrumentos mais utilizados para investigar os estressores ocupacionais foram a *Job Stress Scale* e a Escala de Estresse no Trabalho. O segundo artigo diz respeito a uma pesquisa empírica, cujo objetivo geral foi avaliar os estressores ocupacionais, sintomatologia depressiva, ansiedade cognitiva, percepção de suporte laboral e *burnout* a partir de variáveis sociodemográficas, em uma amostra de 584 trabalhadores da enfermagem do contexto hospitalar. Para a coleta de dados foram utilizados seis instrumentos: Ficha de dados sociodemográfico, Escala de Vulnerabilidade ao Estresse no Trabalho (EVENT), Escala Baptista de Depressão (EBADEP-A), Escala Cognitiva de Ansiedade (ECOGA), Escala de Suporte Laboral (ESUL) e a Escala Brasileira de *Burnout* (EBB). Dos resultados, observou-se que fatores como idade e tempo (de trabalho na função e na instituição) elevam a percepção de estressores ocupacionais, aumentando a sintomatologia de ansiedade cognitiva, o que pode colocar o indivíduo em posição vulnerável ao adoecimento psíquico, implicando em prejuízos na dinâmica pessoal e organizacional. Por fim, destaca-se a importância do desenvolvimento de mais pesquisas nesta temática, cujo delineamento consista em ampliar o conhecimento acerca do contexto ocupacional da enfermagem, explorando outras bases de dados, com outros períodos e palavras-chave e estudos com amostras maiores e que investiguem as associações entre os construtos.

**Palavras-chave:** Estressores ocupacionais; Enfermagem; Saúde Mental do Trabalhador.

DIAS, J.P. **Occupational stressors, burnout, work support, depressive and anxious symptomatology in nursing professionals.** 2020. 95f. Thesis (Master's Degree in Developmental and Learning Psychology) – São Paulo State University, College of Sciences, Bauru, 2020.

### **ABSTRACT**

This dissertation was divided into two articles. The first refers to a study, whose general objective was to analyze the national literature on occupational stressors in the field of nursing, in the electronic databases PePSIC and SciELO, between 2008 and 2017. Based on the inclusion classification, 42 articles were analyzed. The main results, most of the articles investigated by stressors who use small amounts, with a prevalence of females, mainly in adults and young people and in hospitals of general hospitals. Most articles published in portuguese, with nursing and psychology professionals as the first authors. The highest frequency of publications was in 2016, in the journals Revista Latino-Americana de Enfermagem and Revista da Escola de Enfermagem da USP. It also analyzed the builders associated with stressors in the research and those who burned and the quality of life at work were the most frequent. The most used instruments to investigate occupational stressors were the Job Stress Scale and Escala de Estresse no Trabalho. The second article concerns an empirical research, whose general objective was assessed as occupational stressors, depressive symptoms, cognitive anxiety, perception of work support and burnout from sociodemographic variables, in a sample of 584 nursing students from the hospital context. For data collection, six instruments were used: Sociodemographic Questionary, Escala de Vulnerabilidade ao Estresse no Trabalho (EVENT), Escala Baptista de Depressão (EBADEP-A), Escala Cognitiva de Ansiedade (ECOGA), Escala de Suporte Laboral (ESUL) and Escala Brasileira de Burnout (EBB). From the results, if you consider factors such as age and time (work in the position and institution), raise the perception of occupational stressors, measure the symptoms of cognitive anxiety, or you can put the individual in a vulnerable position to psychological impairment, resulting in impaired safety personal and organizational. Finally, select whether the importance of developing more research on this topic, whose objective is to consider increasing knowledge about the occupational context of nursing, exploring other databases, with other indexes and keywords and studies with the largest and which investigate as associations between constructs.

**Key words:** Occupational stressors; Nursing; Occupational Mental Health.

## LISTA DE TABELAS

### **ARTIGO 1 – *Estressores ocupacionais no contexto da enfermagem: análise da literatura nacional entre 2008 e 2017.***

<b>Tabela 1:</b> Síntese dos estudos que analisaram a literatura científica nacional em relação aos estressores ocupacionais na enfermagem.....	16
<b>Tabela 2:</b> Representação dos construtos associados aos estressores ocupacionais.....	24
<b>Tabela 3:</b> Instrumentos utilizados para mensurar os estressores ocupacionais.....	24

### **ARTIGO 2 - *Estressores ocupacionais na enfermagem: relação com burnout, suporte laboral, sintomatologia depressiva e ansiosa.***

<b>Tabela 1:</b> Médias, desvios-padrão e mediana dos participantes nos instrumentos aplicados.....	49
<b>Tabela 2:</b> Diferenças de médias de respostas nos instrumentos com base na variável sexo.....	51
<b>Tabela 3:</b> Diferenças de médias de respostas nos instrumentos com base na variável idade.....	52
<b>Tabela 4:</b> Diferenças de médias de respostas nos instrumentos com base na variável tempo de formação.....	53
<b>Tabela 5:</b> Diferenças de médias de respostas nos instrumentos com base na variável tempo de trabalho na instituição.....	55
<b>Tabela 6:</b> Diferenças de médias de respostas nos instrumentos com base na variável tempo de trabalho na função.....	56
<b>Tabela 7:</b> Diferenças de médias de respostas nos instrumentos com base na variável possui outro trabalho.....	57
<b>Tabela 8:</b> Correlações entre os instrumentos.....	59

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	10
-------------------	----

*Capítulo 1 - Artigo 1: Estressores ocupacionais no contexto da enfermagem: Análise da literatura nacional entre 2008 e 2017.*

1. INTRODUÇÃO.....	13
2. MÉTODO.....	18
2.1 Fontes e procedimentos de busca de artigos.....	18
2.2 Procedimentos de análise dos artigos.....	20
3. RESULTADOS .....	21
4. DISCUSSÃO.....	25
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS.....	31

*Capítulo 2 - Artigo 2: Estressores ocupacionais na enfermagem: relação com burnout, suporte laboral, sintomatologia depressiva e ansiosa.*

1. INTRODUÇÃO.....	43
2. MÉTODO.....	46
2.1 Participantes.....	46
2.2 Instrumentos.....	46
2.3 Procedimentos.....	48
2.4 Análise dos dados.....	49
3. RESULTADOS.....	49
4. DISCUSSÃO.....	60
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	65
REFERÊNCIAS.....	66

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	76
---------------------------	----

REFERÊNCIAS GERAIS.....	78
-------------------------	----

APÊNDICE.....	94
---------------	----

## **APRESENTAÇÃO**

O estresse tem sido visto como um assunto de grande preocupação por parte das políticas públicas, por afetar em grande intensidade a saúde e bem-estar psicossocial dos indivíduos. Estudiosos da área (OMS, 2013; MORAES-FILHO; ALMEIDA, 2016; AZEVEDO *et al.*, 2017) tendem a afirmar que o estresse pode produzir impactos negativos na saúde e em diversos espaços em que os indivíduos atuam, inclusive em seu ambiente laboral (LIPP; COSTA; NUNES, 2017; MENDONÇA, 2017). O estresse proveniente do trabalho (estresse ocupacional) pode ser definido como situações e/ou condições do ambiente laboral que provocam incômodos nos trabalhadores, onde os mesmos não possuem estratégias para enfrentá-las. Tais situações ou condições passam a serem percebidas como estímulos ameaçadores ao bem-estar e saúde psíquica, denominando estes, como estressores ocupacionais.

O estresse ocupacional tende a ser avaliado com base nos estressores ocupacionais percebidos pelos trabalhadores. De acordo com Faro e Pereira (2013), os estressores podem ser divididos em duas categorias, quais sejam, a de macroestressores (situações ou eventos que proporcionam grandiosas mudanças na vida das pessoas, sendo necessária a mobilização em maior escala de esforços para lidar assertivamente e adaptar-se à demanda) e a de microestressores (ocorrências na vida de menor proporção, que requerem certo esforço para o enfrentamento, entre elas, as questões relacionadas ao ambiente laboral por exemplo). Sobre os estressores laborais, alguns pesquisadores (CARAYON; SMITH; HAIMS, 1999; LIPP; COSTA; NUNES, 2017; SOARES *et al.*, 2017; UENO *et al.*, 2017) apontaram como os mais frequentes o fato do indivíduo possuir muitas responsabilidades nesse contexto, poucas possibilidades de tomada de decisão e de controle nas atividades realizadas, excesso de trabalho, condições insalubres no local, relacionamentos difíceis e conflituosos (tanto com trabalhadores de um mesmo nível hierárquico como com líderes), falta de plano de carreira, percepção negativa quanto ao clima organizacional, dificuldades no equilíbrio entre carreira e família, falta de treinamento, bem como orientação e ciclos trabalho-descanso incoerentes com os limites do organismo.

No que tange ao mercado de trabalho, os profissionais da saúde são considerados os que possuem elevada vulnerabilidade ao estresse, devido às constantes exposições a condições que colocam em risco a saúde e a integridade dos trabalhadores, podendo até contribuir para o desenvolvimento de transtornos mentais e comportamentais. Investigar construtos relacionados à saúde do trabalhador desta categoria pode ser visto como um importante requisito no sentido de identificar fatores estressores, além de construtos associados geralmente ao processo de

adoecimento e à caracterização do perfil de morbidade desse trabalhador (ANDOLHE *et al.*, 2015; PEREIRA; GOMES, 2016; GUIRARDELLO, 2017; FERNANDES *et al.*, 2018). Alguns dos construtos frequentemente sinalizados pela literatura como associados aos estressores ocupacionais em enfermeiros são a ansiedade, depressão e *burnout* (SENA *et al.*, 2015; POZZEBON *et al.*, 2016; NOGUEIRA, 2018; VIDOTTI, 2018).

Assim, esta dissertação está dividida em dois estudos. O primeiro diz respeito a uma investigação sobre os estressores ocupacionais em enfermeiros, realizado por meio de uma análise de artigos científicos empíricos publicados em periódicos nacionais entre 2008 e 2017. A segunda pesquisa refere-se a um estudo empírico, no qual buscou-se avaliar os estressores ocupacionais e as variáveis associadas (sintomatologia depressiva, ansiedade cognitiva, percepção de suporte laboral e *burnout*) em uma amostra de 584 profissionais da enfermagem que atuam no contexto hospitalar.

A seguir, serão apresentados os dois estudos supracitados (Capítulos 1 e 2) em formato de artigo científico. Após serão apresentadas as considerações finais da dissertação, um tópico com todas as referências que compuseram a dissertação, bem como o questionário sociodemográfico (na forma de apêndice) aplicado no Estudo 2.

## Capítulo 1

### **Artigo 1 - Estressores ocupacionais no contexto da enfermagem: Análise da literatura nacional entre 2008 e 2017**

**Resumo:** A área da enfermagem é constantemente apontada na literatura como uma categoria laboral afetada por diversas situações que podem ser consideradas estressoras. O presente estudo analisou a literatura nacional acerca de estressores ocupacionais na área da enfermagem nas bases de dados eletrônicas PePSIC e SciELO, entre 2008 e 2017. As palavras-chave utilizadas foram: “Estresse” e “Enfermagem”; “Estressores” e “Enfermagem”; “Estressores ocupacionais” e “Enfermagem”; “Estresse Ocupacional” e “Enfermagem”; “Estresse Organizacional” e “Enfermagem”; “Estresse no trabalho” e “Enfermagem” e “Estressores no trabalho” e “Enfermagem”. Entretanto, apenas nos conjuntos “Estresse” e “Enfermagem” e “Estressores” e “Enfermagem” foram localizados artigos publicados. Com base nos critérios de inclusão, 42 artigos foram analisados. Dos resultados, a maioria dos artigos foi publicado em 2016, em português, com maiores frequências nos periódicos Revista Latino-Americana de Enfermagem e Revista da Escola de Enfermagem da USP. Quanto às amostras analisadas nos estudos, a maior parte investigou os estressores em amostras pequenas, com prevalência do gênero feminino, principalmente em adultos jovens e adultos, de trabalhadores de hospitais gerais. Qualidade de vida no trabalho e *burnout* foram os construtos mais associados aos estressores nos artigos analisados. No que se refere aos instrumentos utilizados para investigar os estressores ocupacionais, a *Job Stress Scale* e sua versão brasileira (Escala de Estresse no Trabalho) foram os mais frequentes. A partir deste estudo sugere-se novas investigações que analisem períodos superiores a 10 anos, e que também levem em consideração bases de dados e estudos internacionais, visando comparar os resultados aqui apresentados.

**Palavras-chave:** Análise da literatura; Estressores Ocupacionais; Enfermagem.

## 1 INTRODUÇÃO

Com as constantes transformações na sociedade e as intensas exigências do mercado de trabalho, cada vez mais tem sido exigido dos indivíduos um processo de adaptação frente às novas demandas apresentadas (MENDONÇA, 2017). Ao se deparar com dificuldades no gerenciamento dessa adaptação, o mesmo poderá vivenciar situações de conflitos, desequilíbrio emocional e estresse, que podem ser refletidos em seus diversos âmbitos de atuação, como pessoal, familiar e profissional (SELYE, 1956). Uma vez que cada contexto possui características específicas em que o indivíduo tende a responder aos estímulos encontrados a partir do modo como o percebe, suas consequências podem ser positivas ou negativas - nesse último caso podendo gerar, por exemplo, o estresse (ANDERSON; RODRIGUES, 2016).

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2013) o estresse é considerado uma epidemia global, estando presente na vida de grande parte da população. Pode ser entendido como um estado geral de tensão fisiológica, que mantém relação direta com as demandas do ambiente em que o indivíduo interage (GREENBERG, 2002). Dos diversos contextos de atuação dos seres humanos, Faro (2013) afirmou que o âmbito laboral tem sido caracterizado como a maior fonte de estresse para os adultos.

Embora o termo estresse seja cotidianamente utilizado, percebe-se certa confusão conceitual, tanto no senso comum como também na literatura científica, principalmente no que tange às diferenciações entre estresse e estressores (SILVA; GOULART; GUIDO, 2018). Para melhor compreensão, pode-se afirmar que o estresse se refere às sensações de fadiga e ao cansaço (FARIAS *et al.*, 2011), podendo ser caracterizado por uma reação complexa, composta por alterações psicofisiológicas. Tais alterações tendem a ocorrer devido a um processo no qual o indivíduo não apresenta habilidades de enfrentamento frente a estímulos considerados, por ele, estressores (LIPP, 1996). Os estressores dizem respeito aos estímulos que podem gerar incômodos nos indivíduos, ou seja, são anteriores ao estresse.

Quando há um direcionamento para o contexto laboral é possível encontrar na literatura científica termos como estresse ocupacional e estressores ocupacionais. Neste aspecto, o estresse ocasionado pelo trabalho (estresse ocupacional) pode ser visto como um processo que pode acarretar o adoecimento, no qual o indivíduo se percebe incapaz de enfrentar as demandas do ambiente de trabalho (CARDOSO; BAPTISTA, 2015). No que tange aos estressores ocupacionais, estes podem ser descritos como ameaças que, se não enfrentadas, podem desencadear reações de estresse no indivíduo.

Situações interpessoais, condições relacionadas à organização de trabalho e sua estrutura física são fontes de estressores ocupacionais. A partir dessas, alguns exemplos podem ser elencados, como o fato de possuir muitas responsabilidades de trabalho, pouca autonomia no processo de tomada de decisão, elevada carga de trabalho, executar funções em ambientes insalubres, falta de treinamentos para realizar sua atividade profissional, relação abusiva entre supervisores e subordinados, dificuldades no relacionamento interpessoal (tanto com a liderança como com os demais trabalhadores), dentre outras situações. Percebe-se que os estressores ocupacionais são diversos, podendo aparecer em maior ou menor frequência de acordo com o tipo de organização, bem como a natureza do trabalho (CARAYON; SMITH; HAIMS, 1999; SOARES *et al.*, 2017; UENO *et al.*, 2017).

É importante destacar que nessa análise acerca de estressores ocupacionais é necessário considerar as características e a subjetividade de cada trabalhador, o modo como interpretam as situações, além de suas capacidades de interagirem com cada um desses, pois um evento pode ser considerado estressor em um determinado momento (e para alguns trabalhadores), mas não em outros (PASCHOAL; TAMAYO, 2005; GOULART-JUNIOR *et al.*, 2014). Nessa mesma direção, o presente artigo teve como foco a investigação dos estressores ocupacionais no contexto da saúde, mais especificamente na área da enfermagem.

Tal área geralmente é vista como uma categoria muito propensa a inúmeros estressores, uma vez que está associada a um tipo de trabalho que presta cuidados à saúde e que tem constante contato com os usuários desse sistema (pacientes e familiares, por exemplo), além da própria equipe de saúde (demais enfermeiros, médicos e outros profissionais que fazem parte desse contexto). Este trabalhador, ao se deparar com os estressores ocupacionais, pode assumir uma resposta psicológica de modo disfuncional, ou seja, que ocasione o desequilíbrio em sua saúde mental, resultando em adoecimento (BELANCIERI; BIANCO, 2004; GUERRER; BIANCHI, 2008; FREITAS *et al.*, 2014; TRINDADE *et al.*, 2014; SOARES *et al.*, 2017; UENO *et al.*, 2017). Santos *et al.* (2010) e Pereira *et al.* (2013) investigaram os estressores laborais em equipes de enfermagem e constataram que o tempo reduzido para realizar as tarefas, atender às emergências na unidade, dar assistência aos familiares de pacientes críticos, morte de pacientes, inadequadas condições físicas do ambiente, dupla jornada, falta de autonomia, insatisfação com o trabalho, relacionamentos interpessoais, bem como liderar e supervisionar a equipe de enfermagem foram os estressores mais frequentes sinalizados por esses profissionais.

Ao analisar os estudos sobre os estressores na área da enfermagem, Bianchi (1999) classificou-os nas seguintes categorias: a) Relações humanas e comunicação (compreendendo as relações da equipe com os superiores, pacientes, familiares e colegas) e a falta de suporte, o

descontentamento e apatia para com os colegas; b) Estressores inerentes à unidade de trabalho (relacionados aos recursos físicos, às mudanças tecnológicas e profissionais, carga horária e pressão no trabalho, à monotonia em razão do trabalho repetitivo, exposição constante a riscos, aos odores desagradáveis e aos recursos materiais e humanos insuficientes); c) Assistência prestada (lidar com a morte e doenças terminais, pacientes com dor, lidar com necessidades emocionais do paciente e da família, bem como a agressividade por parte de pacientes e familiares); d) Interferência na vida pessoal (conflitos entre as responsabilidades do trabalho e familiar, o desenvolvimento da carreira, tomada de decisões quanto ao futuro profissional); e) Estressores relacionados à atuação do enfermeiro (ambiguidade e o conflito de papéis, pouca autonomia, a falta de treinamentos e de suporte administrativo, bem como a falta de oportunidade de crescimento na organização).

Além desse estudo, outros também se propuseram a realizar a análise da literatura científica na área da enfermagem. Como forma de elucidar melhor essas pesquisas, bem como possibilitar a compreensão dos principais achados e lacunas existentes, a seguir, na Tabela 1, será apresentada a síntese de alguns estudos selecionados de análise da literatura sobre a temática dos estressores na enfermagem, publicados em periódicos nacionais, entre 2008 e 2017, encontrados a partir de uma busca no *Google Scholar*, com as palavras-chave: “Estresse” e “Enfermagem”; “Estressores” e “Enfermagem”; “Estressores ocupacionais” e “Enfermagem”; “Estresse Ocupacional” e “Enfermagem”; “Estresse Organizacional” e “Enfermagem”; “Estresse no trabalho” e “Enfermagem” e “Estressores no trabalho” e “Enfermagem”.

**Tabela 1 – Síntese dos estudos que analisaram a literatura científica nacional em relação aos estressores ocupacionais na enfermagem**

<b>Autores</b>	<b>Período</b>	<b>Bases de dados</b>	<b>Revistas</b>	<b>Formação 1º autor</b>	<b>Tamanho da amostra</b>	<b>Tipo de amostra</b>	<b>Instituição investigada</b>	<b>Construtos associados</b>	<b>Instrumentos utilizados</b>
Santos <i>et al.</i> (2010)	2006-2008	LILACS SciELO	Rev. Esc. Enferm. USP; Rev. Bras. Terap. Intensiva.	Enfermagem Medicina Psicologia	Não apresenta	Não apresenta	Não apresenta	Ansiedade	Não apresenta
Bezerra, Silva e Ramos (2012)	2001-2010	BDENF LILACS Medline PubMed	Não apresenta	Não apresenta	Não apresenta	Não apresenta	Não apresenta	Não apresenta	Não apresenta
Andrade <i>et al.</i> (2013)	2002-2011	BVS	Rev. Eletrônica de Enfermagem Revista Latino Americana de Enfermagem	Não apresenta	Pequena	Enfermeiros, técnicos e auxiliares de enfermagem	Não apresenta	Não apresenta	Maslach Burnout Inventory; Escala Bianchi de Stress; Inventário dos Sintomas de Estresse de Lipp; Escala de Atitude do índice de Satisfação Profissional; questionários não-validados.
Ascari, Schmitz e Silva (2013)	2006-2011	BVS	Não apresenta	Não apresenta	Não apresenta	Não apresenta	Não apresenta	<i>Burnout</i> ; Distúrbios musculoesqueléticos; Distúrbios osteomusculares; Depressão; LER/DORT; Arritmia Cardíaca e Transtornos mentais e comportamentais.	Não apresenta
Hora, Ferreira e Silva (2013)	2003-2013	SciELO LILACS	Não apresenta	Não apresenta	Não apresenta	Não apresenta	Não apresenta	Não apresenta	Não apresenta
Moura <i>et al.</i> (2014)	2009-2013	BDENF LILACS SciELO Google Scholar	Rev. Latino Americana de Enfermagem; Caderno Saúde Pública Online.	Não apresenta	Não apresenta	Não apresenta	Não apresenta	Não apresenta	Maslach Burnout Inventory; Escala Bianchi de Stress; Inventário dos Sintomas de Estresse de Lipp; questionários não-validados e entrevistas semiestruturadas.

**Tabela 1 – Síntese dos estudos que analisaram a literatura científica nacional em relação aos estressores ocupacionais na enfermagem**

<b>Autores</b>	<b>Período</b>	<b>Bases de dados<sup>1</sup></b>	<b>Revistas</b>	<b>Formação 1º autor</b>	<b>Tamanho da amostra</b>	<b>Tipo de amostra</b>	<b>Instituição investigada</b>	<b>Construtos associados</b>	<b>Instrumentos utilizados</b>
Moraes Filho e Almeida (2016)	2010-2015	BVS CAPES PubMed	Rev. Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online; Rev. Latino Americana de Enfermagem; Rev. da Escola de Enfermagem da USP; Rev.de Enfermagem da UFRJ.	Não apresenta	Não apresenta	Não apresenta	Não apresenta	<i>Burnout</i>	Self Report Questionnaire; Maslach Burnout Inventory; Moral Distrees Scale; Questionário Relação de Ansiolíticos e Trabalho; Job Stress Scale; Occupational Stress Indicator; Effort Reward Imbalance; Escala Bianchi de Stress Modificado; questionários não-validados e entrevistas semiestruturadas.
Silva, Santos e Nascimento (2016)	2011-2015	LILACS SciELO	Não apresenta	Não apresenta	Não apresenta	Não apresenta	Não apresenta	<i>Burnout</i>	Não apresenta
Santana <i>et al.</i> (2017)	2009-2016	LILACS BDENF SciELO	Não apresenta	Não apresenta	Pequena e suficiente quando informado.	Não apresenta	Não apresenta	Não apresenta	Job Stress Scale; Escala de Estresse no Trabalho e Escala Bianchi de Stress.
Azevedo <i>et al.</i> (2017)	2006-2012	LILACS IBECs	Rev. Latino-Americana de Enf.; Rev. da Esc. de Enf. da USP; Rev. Bras. de Terapia Intensiva; Acta Paulista de Enfermagem.	Enfermagem Medicina Psicologia	Não apresenta	Não apresenta	Não apresenta	Estratégias de Enfrentamento	Não apresenta

Fonte: Elaborada pelos autores.

<sup>1</sup> Legenda:

BDENF: Bases de dados de Enfermagem da BVS.

BVS: Biblioteca Virtual em Saúde.

IBECs: Índice Bibliográfico Espanhol de Ciências da Saúde.

LILACS: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde.

Medline: Sistema Online de Busca e Análise de Literatura Médica a partir dos dados bibliográficos da Biblioteca Nacional de Medicina dos Estados Unidos da América.

PubMed: *United State National of Medicine.*

SciELO: *Scientific Eletronic Library Online.*

Por meio da Tabela 1 é possível verificar que algumas variáveis são mais exploradas pelos autores em análise da literatura nessa área de atuação (como período analisado, bases de dados, periódicos, construtos associados aos estressores, bem como os instrumentos utilizados para mensurar os mesmos). Outras informações foram pouco exploradas, podendo se considerar, dessa forma, lacunas quanto às investigações (formação dos autores, tamanho e tipo amostral e instituições investigadas). Embora se corrobore com a afirmação trazida por Azevedo *et al.* (2017), os quais destacaram que o aumento das publicações nesse contexto sugere maior preocupação com a temática do estresse com o passar dos anos, ainda há pouco documentado (em termos de análise da literatura) acerca do tamanho amostral das pesquisas empíricas brasileiras sobre estressores ocupacionais com equipes de enfermagem. Igualmente, pouca informação existe em termos do tipo de amostra (por exemplo, se os profissionais investigados estão, em sua maioria, em início de carreira ou não), bem como se os profissionais investigados trabalham em instituições hospitalares públicas ou privadas.

Levando em consideração a responsabilidade da enfermagem em lidar com o sofrimento e a vida humana, pode-se verificar a importância de estudos que tenham por objetivo compreender o contexto ocupacional vivenciado por esses trabalhadores, até mesmo pelos altos índices de adoecimento psíquico neste eixo de mercado de trabalho. Contudo, conforme verificado na Tabela 1, existem lacunas na literatura científica nacional, por meio das quais é possível identificar variáveis que foram pouco exploradas a respeito dos estressores ocupacionais nesse grupo de trabalhadores. Assim, o objetivo deste artigo foi proporcionar um avanço nos estudos de análise da produção científica nacional sobre os estressores ocupacionais na área da enfermagem. Levou-se em consideração o período de 2008 a 2017, e buscou-se explorar as variáveis nos periódicos que publicaram os artigos analisados, formação dos autores, tamanho e tipo amostral, composição da equipe de enfermagem (em relação ao gênero), tipo de instituição de atuação, construtos associados aos estressores ocupacionais e instrumentos utilizados para a mensuração dos mesmos.

## **2 MÉTODO**

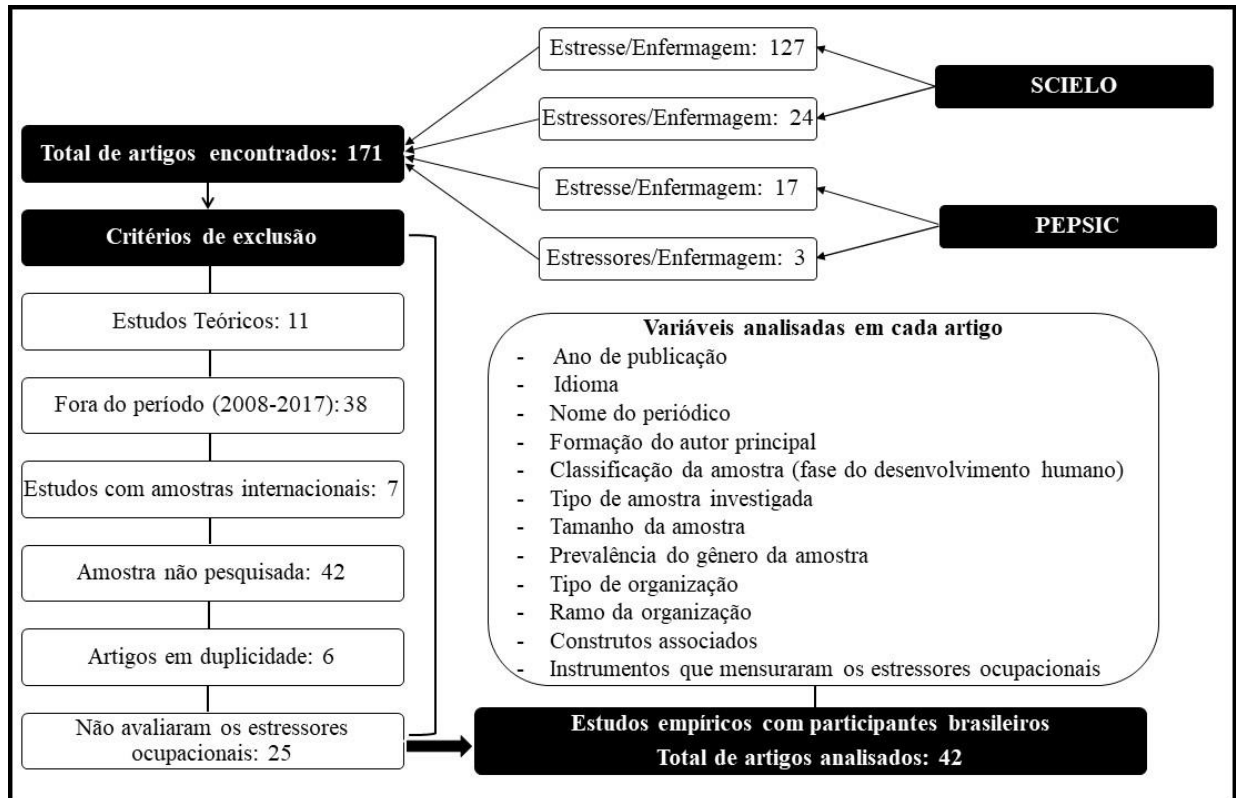
### **2.1 Fontes e procedimentos de busca de artigos**

Para a busca dos artigos foram utilizadas duas bases de dados eletrônicas, a *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e o portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC). A busca pelos artigos foi realizada em 01 de Abril de 2018, e utilizou-se sete

conjuntos de palavras-chave, as quais deveriam estar contidas no resumo das publicações: “Estresse” e “Enfermagem”; “Estressores” e “Enfermagem”; “Estressores ocupacionais” e “Enfermagem”; “Estresse Ocupacional” e “Enfermagem”; “Estresse Organizacional” e “Enfermagem”; “Estresse no trabalho” e “Enfermagem” e “Estressores no trabalho” e “Enfermagem”. Entretanto, apenas nos conjuntos “Estresse” e “Enfermagem” e “Estressores” e “Enfermagem” foram localizados artigos publicados.

Conforme abordado na introdução deste estudo, na literatura há uma confusão conceitual entre “estresse” e “estressores”. Neste sentido, alguns estudos publicados podem ter avaliado estressores, mas estes escritos como “estresse” e vice-versa. Por essa razão, optou-se por considerar os dois termos na busca das publicações a serem analisadas, muito embora foram apenas utilizadas no presente estudo as pesquisas que avaliaram de fato os estressores ocupacionais no contexto da Enfermagem.

Os critérios de inclusão foram: a) artigos publicados no período entre 2008 e 2017; (b) amostra da pesquisa composta exclusivamente por enfermeiros e/ou técnicos/auxiliares de enfermagem de nacionalidade brasileira; c) artigos de caráter empírico; e d) artigos que avaliaram estressores ocupacionais no contexto da Enfermagem. A Figura 1 representa o caminho metodológico empregado, assim como a quantidade de artigos excluídos da análise. Cabe destacar que na Figura 1 estão apresentados apenas os conjuntos de palavras-chave que obtiveram pesquisas científicas.



Fonte: Elaborada pelos autores.

**Figura 1 – Procedimentos de busca e total de artigos analisados.**

Pode-se constatar por meio da Figura 1 que inicialmente foram encontrados 171 artigos e, após analisados com base nos critérios de inclusão, 129 foram retirados. Cabe destacar que a categoria “Amostra não pesquisada” apresentada na Figura 1, referiu-se aos estudos que não contemplaram exclusivamente amostras de profissionais da área de enfermagem, mas sim estudantes de diversas áreas, docentes ou pacientes. Portanto, esses artigos não foram analisados (tais como MUSSO *et al.*, 2008; DELGADO, 2009; FAVERO; JANSEN; SANTOS, 2010; SOARES; AGNOL, 2011; PRADO; KUREBAYASHI; SILVA, 2012; MOREIRA; FUREGATO, 2013; CAHÚ *et al.*, 2014; DIAS; RESENDE; DINIZ, 2015; NOVAIS *et al.*, 2016; PADILHA *et al.*, 2017, entre outros).

## 2.2 Procedimentos de análise dos artigos

Os 42 artigos que cumpriram os critérios de inclusão foram lidos na íntegra e diversas variáveis foram analisadas em cada: periódico em que foi publicado; idioma; ano de publicação; formação do primeiro autor; tamanho da amostra (PRIETO; MUNIZ, 2000); prevalência do gênero na amostra; classificação do ciclo vital da amostra (PAPALIA; FELDMAN, 2013); tipo

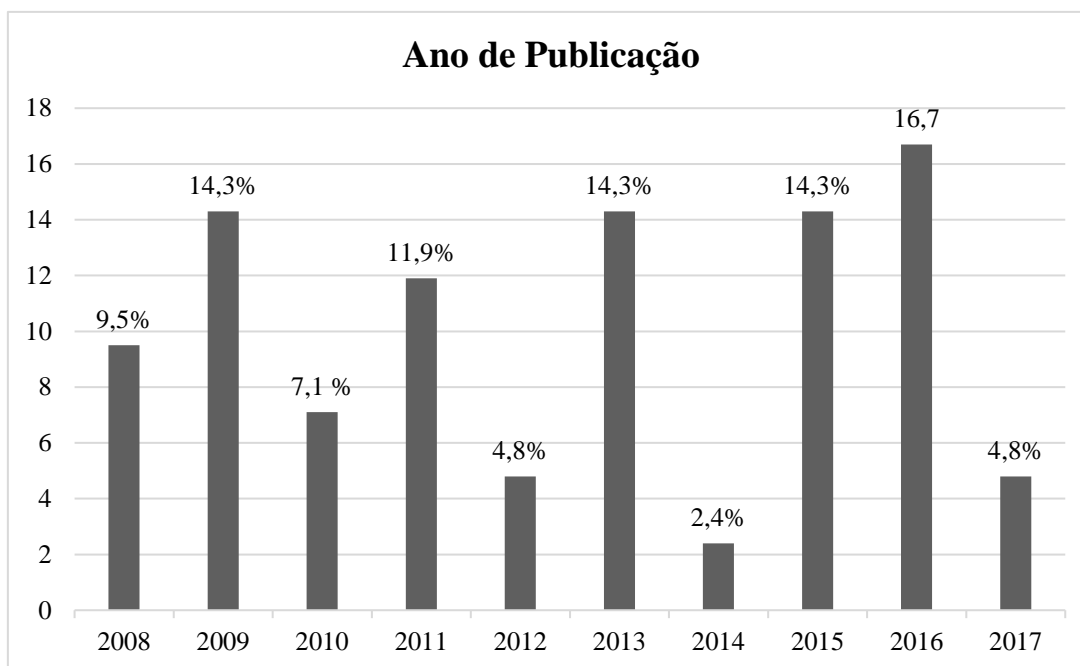
de amostra (Enfermeiros, técnicos, auxiliares ou mista – esta última refere-se quando composta por Enfermeiros, Técnicos e/ou Auxiliares de Enfermagem); Tipo de Organização (pública, privada ou terceiro setor); Construtos associados aos estressores ocupacionais e Instrumentos que avaliaram os estressores ocupacionais.

Como referenciais para a descrição e a classificação dos dados em relação ao tamanho da amostra, bem como a faixa etária, foram utilizados Prieto e Muñiz (2000) e Papalia e Feldman (2013), respectivamente. De forma mais específica, Prieto e Muñiz (2000) classificaram as amostras com base no número de participantes, sendo pequena (até 150 participantes), suficiente (de 150 a 300), moderada (300 a 600), grande (de 600 a 1.000) e muito grande (número de participantes superior a 1.000). Papalia e Feldman (2013) classificaram as fases do desenvolvimento humano com base na faixa etária, em período pré-natal (da concepção ao nascimento), primeira infância (período entre o nascimento até 3 anos), segunda infância (de 3 a 5 anos e 11 meses), terceira infância (de 6 a 11 anos e 11 meses), adolescência (de 12 a 20 anos), jovem adulto (de 21 a 40 anos), meia-idade (de 41 a 65 anos) e terceira idade (de 65 anos em diante).

Todos os artigos foram analisados e as informações relacionadas às variáveis de interesse para a presente pesquisa foram tabuladas em um programa estatístico. Após esse procedimento, foram realizadas análises por meio da estatística descritiva em que as variáveis foram investigadas no que tange às frequências e porcentagens.

### **3 RESULTADOS**

Os estudos de análise da literatura permitem, dentre outros objetivos, que seja possível verificar lacunas de pesquisas sobre determinadas temáticas e públicos, bem como verificar as características mais comuns entre as publicações. Das análises realizadas no presente estudo, a primeira informação averiguada nos 42 artigos foi em relação ao ano de publicação, conforme visualizado na Figura 2.



Fonte: Elaborada pelos autores.

***Figura 2 – Distribuição dos artigos analisados em relação ao ano de publicação***

Destaca-se que a maior frequência de publicações foi em 2016 (16,7%), seguida por 2009, 2013 e 2015 (14,3%), com uma média de quatro artigos por ano. Com base no período analisado (entre 2008 e 2017) não é possível afirmar que houve um aumento ou diminuição constantes no que tange às publicações, mas sim oscilações na frequência ao longo dos anos. Em relação ao idioma, a maior frequência foi publicada em português (88,1%), seguido por estudos em inglês (9,5%) e espanhol (2,4%).

Com relação aos periódicos, verificou-se que a Revista Latino-Americana de Enfermagem foi a de maior índice de publicações (19%), seguido pela Revista da Escola de Enfermagem da USP (16,7%). Os periódicos: Revista Acta Paulista de Enfermagem, Texto Contexto Enfermagem e Escola Anna Nery Revista de Enfermagem obtiveram um índice de 7,1% cada, enquanto as revistas Saúde Pública e Revista Gaúcha de Enfermagem 4,8% cada. Os menores índices de publicação, cada um com uma publicação (2,4%), foram a Revista Estudos de Psicologia, Arquivos Brasileiros de Psicologia, Revista Brasileira Epidemiologia, Revista Brasileira de Enfermagem, Revista de Administração de Empresas – FGV/EAESP, Revista Ciência e Saúde Coletiva, Revista Fisioterapia em Movimento, Revista Psicologia: Ciência e Profissão, Revista Paidéia, Revista Brasileira de Saúde Ocupacional, Revista Estudos Interdisciplinares em Psicologia, Revista Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar, Revista Psicólogo in Formação e Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas.

Quanto à formação do primeiro autor, constatou-se que a maior parte era composta por profissionais da área da enfermagem (61,9%), seguido por psicólogos (21,4%). Com frequências inferiores, foram também encontrados pesquisadores de outras áreas, tais como: Odontologia (2,4%), Administração (2,4%), Medicina (2,4%), Educação Física (2,4%) e Fisioterapia (7,1%).

No que se refere ao tamanho amostral (PRIETO; MUNIZ, 2000), percebeu-se uma frequência maior em amostras pequenas (54,8%), havendo também artigos com amostras suficientes (19%), moderadas (19%), grandes (4,8%) e muito grande (2,4%). Sobre as equipes de enfermagem investigadas nos estudos, essas se apresentaram de formas variadas, como mistas, ou seja, com enfermeiros, técnicos e auxiliares de enfermagem (50%), seguido por enfermeiros e técnicos (16,7%), auxiliares e técnicos (9,5%), apenas enfermeiros (9,5%), apenas técnicos (2,4%) e enfermeiros e auxiliares (2,4%) e, em alguns casos (9,5%), os artigos não informaram a composição da amostra.

Quanto ao gênero da amostra, a maior frequência foi de profissionais mulheres (85,7%), enquanto o público masculino foi de 2,4%. Cabe destacar que em alguns estudos (11,9%) não havia informações sobre os participantes quanto ao gênero. As idades variaram entre 21 e 65 anos, porém em quase metade dos estudos (45,2%) os profissionais apresentaram idades entre 21 e 40 anos (fase adulto-jovem), seguido por 21 e 64 anos (fases adulto-jovem e meia-idade) com 16,7% e 41 e 64 anos (meia-idade) com 11,9% (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Em relação ao tipo de instituição, as maiores frequências de estudos foram com profissionais da enfermagem que atuavam em organizações públicas (66,7%) e os menores índices em instituições privadas (2,4%), filantrópicas (2,4%), havendo também um estudo misto (2,4%), ou seja, com instituições privadas e públicas. Alguns artigos (26,1%) não forneceram informações sobre o tipo de instituição onde os dados foram coletados.

A próxima variável a ser apresentada é sobre os construtos associados aos estressores ocupacionais. Tais informações podem ser visualizadas na Tabela 2.

**Tabela 2 – Representação dos construtos associados aos estressores ocupacionais**

<i>Construtos Associados</i>	<i>Fr</i>	<i>%</i>
Avaliou somente os estressores ocupacionais	21	50,0
<i>Burnout</i>	6	14,4
Qualidade de Vida no Trabalho	4	9,5
Estratégias de Enfrentamento	3	7,2
Ansiedade	3	7,2
Depressão	3	7,2
Significado do Trabalho	2	4,8
Comprometimento no trabalho	1	2,4
Distúrbio Psíquico Menor (DPM)	1	2,4
Síndrome Metabólica	1	2,4
Satisfação Profissional	1	2,4
Sentido no Trabalho	1	2,4
Bases do Poder Organizacional	1	2,4
Conflitos Intragrupais	1	2,4
Resiliência	1	2,4

Fonte: Elaborada pelos autores.

É possível perceber que metade das pesquisas (50%) avaliou somente os estressores ocupacionais. As demais pesquisas associaram os construtos *Burnout* (14,4%), Qualidade de Vida no Trabalho (9,5%), Estratégias de Enfrentamento (7,2%), Ansiedade (7,2%), Depressão (7,2%) e Significado atribuído ao trabalho (4,8%). Outra informação investigada pelo presente estudo, foi a utilização de instrumentos para avaliar os estressores ocupacionais. Os dados encontrados podem ser visualizados na Tabela 3.

**Tabela 3 – Instrumentos utilizados para mensurar os estressores ocupacionais**

<i>Instrumentos que avaliaram os estressores</i>	<i>Fr</i>	<i>%</i>
<i>Job Stress Scale</i> (JSS)/ Escala de Estresse no Trabalho	16	38,4
Entrevistas	11	26,4
Questionário organizado pelos autores	9	21,6
<i>Effort-Reward Imbalance</i> (ERI)	3	7,2
Escala Bianchi de Stress (EBS)	2	4,8
<i>Job Content Questionnaire</i> (JCQ)	2	4,8
Escala de Estresse Percebido (PSS)	1	2,4
Escala Sueca de Demanda-Control-apoio social (DCS)	1	2,4
Escala de Vulnerabilidade ao Estresse no Trabalho (EVENT)	1	2,4
Inventário de Estresse em Enfermeiros (IEE)	1	2,4
Escala de Modos de Enfrentamento dos Problemas (EMEP)	1	2,4

Fonte: Elaborada pelos autores.

É possível observar que os instrumentos mais utilizados foram a *Job Stress Scale* (JSS) ou Escala de Estresse no Trabalho (EET) com a maior frequência (38,4%), seguida pelas

entrevistas (26,4%), questionários elaborados pelos autores (21,6%), a *Effort-Reward Imbalance* (ERI), com 7,2%, a Escala Bianchi de Stress (EBS), com 4,8% e o *Job Content Questionnaire* (JCQ) com 4,8%.

#### 4 DISCUSSÃO

Estudos de análise da literatura são importantes para se verificar lacunas e avanços em determinadas áreas a objetos de estudos ao longo dos tempos. Investigar os estressores no contexto da enfermagem se torna relevante na medida em que estudiosos apontam para a grande influência desses na saúde mental dos profissionais nesse contexto (BELANCIERI; BIANCO, 2004; GUERRER; BIANCHI, 2008; FREITAS *et al.*, 2014; TRINDADE *et al.*, 2014; SOARES *et al.*, 2017; UENO *et al.*, 2017).

A primeira informação analisada na presente pesquisa foi com relação ao período das publicações, sendo constatada maior concentração de artigos em 2016, porém também é importante destacar que houve oscilações na frequência de publicações ao longo dos anos analisados. Tais achados vão ao encontro das informações levantadas por outros autores (ASCARI; SCHMITZ; SILVA, 2013; MORAES-FILHO; ALMEIDA, 2016) acerca do contexto da enfermagem. O ano de 2017 apresentou poucas publicações, sendo que uma possível hipótese para explicar a baixa frequência pode ser decorrente do fato de que alguns periódicos estariam com edições do ano de 2017 ainda a serem publicadas, uma vez que a realização desta pesquisa ocorreu em abril de 2018. Talvez, se a busca desta pesquisa tivesse ocorrido no segundo semestre de 2018, essas publicações de 2017 teriam uma frequência superior.

O idioma mais frequente nas publicações foi o português, o que de certa forma, era o esperado, uma vez que as bases de dados utilizadas para a busca possuem muitas revistas brasileiras indexadas (PEPSIC, 2018; SCIELO, 2018). Além disso, as palavras-chave utilizadas para as buscas também estavam em português, fato esse que direcionou para estudos escritos no idioma.

Os periódicos que mais publicaram sobre estressores ocupacionais na enfermagem no período analisado foram a Revista Latino-Americana de Enfermagem e a Revista da Escola de Enfermagem da USP. Essa constatação também foi encontrada na análise de literatura realizada por Azevedo *et al.* (2017), na qual destacaram o periódico Revista Latino-Americana de Enfermagem como um dos que mais publicou sobre a temática no período 2006 a 2012. Possivelmente as maiores frequências de publicações foram em revistas específicas de

enfermagem pelo fato das mesmas possuírem como foco o desenvolvimento científico nessa área da saúde, conforme visualizado nos escopos das mesmas. De forma mais específica, os objetivos apresentados, tanto a Revista Latino-Americana de Enfermagem (RLAE, 2018), como a Revista da Escola de Enfermagem da USP (REEUSP, 2018), estão relacionados às contribuições para o avanço do conhecimento científico, dos fundamentos e da prática profissional em enfermagem.

Quanto à formação do primeiro autor, dados aproximados foram encontrados em um estudo realizado por Azevedo *et al.* (2017), ao analisarem a literatura entre o período de 2006 e 2012, em que também foi observado como maioria dos autores de formação em enfermagem, medicina e psicologia. Acerca desse dado é possível se pensar em duas hipóteses. A primeira, quanto ao elevado número de enfermeiros como autores, pode ter relação com o fato desses profissionais terem interesses por estudos na área e no contexto de atuação da categoria a qual pertencem, assim como pelo fato de vivenciarem no cotidiano da prática diversos fatores, em geral percebidos como estressores ocupacionais (SANTOS *et al.*, 2010). A segunda hipótese, quanto ao número considerável de psicólogos, é possível indagar que, por investigarem temáticas ligadas à saúde mental, assim como o contexto laboral, a área de enfermagem e a investigação dos estressores ocupacionais possam ser de interesse para parte desses estudiosos (BAPTISTA *et al.*, 2016).

No que tange à composição amostral dos estudos analisados, a maior parte foi composta por amostras classificadas como mistas (sendo analisados tanto auxiliares, técnicos e enfermeiros), pequenas (até 100 participantes), com profissionais da área provenientes de instituições públicas de saúde e com prevalência do sexo feminino. Acerca da composição das equipes, a investigação de amostras mistas pode ser vista como um importante fator para o conhecimento da realidade de trabalho como um todo desses profissionais, pois além de serem analisadas as atividades profissionais, outras variáveis (como a interação no contexto de atuação) podem ser levadas em consideração (BELANCIERI; BIANCO, 2004; GUERRER; BIANCHI, 2008; FRANÇA *et al.*, 2012; TRINDADE *et al.*, 2014; SOARES *et al.*, 2017; UENO *et al.*, 2017). O fato de serem amostras pequenas não permite realizar inferências mais amplas sobre os resultados encontrados nas pesquisas, o que pode ser visto com uma limitação sendo que o número de profissionais nessa área de atuação no Brasil é bastante elevado. Segundo dados da Fundação Oswaldo Cruz (BRASIL, 2015) cerca de 1,7 milhão de trabalhadores no Brasil atuam na área da enfermagem. Em relação ao sexo das amostras, os dados apresentados pelo Conselho Federal de Enfermagem (BRASIL, 2013) sinalizaram que 85,1% das equipes de enfermagem são compostas por mulheres.

Apesar da quantidade significativa de trabalhadores nessa área (BRASIL, 2015), possivelmente a dificuldade de acesso e participação em pesquisas pode explicar a maior frequência de amostras pequenas. Sabe-se que os profissionais da enfermagem possuem intensas demandas de trabalho devido aos atendimentos de alta complexidade, que requerem elevadas cargas de prontidão e de responsabilidade, o que pode acarretar em baixa adesão a pesquisas (MAIA *et al.*, 2012; MORAES-FILHO; ALMEIDA, 2016). O maior interesse por instituições de saúde públicas pode ser decorrente da grande concentração dos profissionais de enfermagem nesse contexto. Nessa direção, com base no levantamento da Fundação Oswaldo Cruz (BRASIL, 2015), a maior frequência (59,3%) dos profissionais de enfermagem do país atuam em instituições públicas, do restante, 31,8% estão em instituições privadas, 14,6% em filantrópicas e 8,2% em atividades de ensino.

Quanto aos construtos associados aos estressores ocupacionais, constatou-se que em metade dos estudos os autores avaliaram somente os estressores, conforme também verificado por Pimenta e Assunção (2016) e Ferreira *et al.* (2017). Nos demais estudos analisados, os autores associaram os estressores ocupacionais com a qualidade de vida no trabalho (QVT), *burnout*, ansiedade, depressão, significado do trabalho e estratégias de enfrentamento.

A QVT tende a ser associada aos estressores ocupacionais nas investigações científicas e são esperadas associações negativas entre os construtos (AZEVEDO; NERY; CARDOSO, 2017). Para a Organização Mundial da Saúde (OMS, 1993), a QVT consiste na percepção do indivíduo em relação à sua posição na vida e na atividade profissional, abrangendo o contexto cultural, sistema de valores nos quais ele vive, objetivos, expectativas, padrões e preocupações. Frequentemente os estressores são associados à percepção de QVT no contexto da enfermagem, uma vez que o alto nível de responsabilidade exigida, acrescidos dos diversos agentes estressores encontrados nessa prática, tendem a interferir diretamente na QVT (ANDRADE; ANDRADE, LEITE, 2015; SILVA *et al.*, 2015; SILVA; GUIMARÃES, 2016; SOARES *et al.*, 2017).

Por estarem sob frequente exposição à estímulos estressores, o profissional da enfermagem pode estar mais vulnerável ao estresse ocupacional e ao *burnout*, esse último sendo destacado pela literatura na área como o construto que mais se associa ao estresse e estressores nesses profissionais da saúde (JODAS; HADDAD, 2009; FERREIRA; LUCCA, 2015; CARDOSO *et al.*, 2017; SILVA; GOULART; GUIDO, 2018; SILVA *et al.*, 2018). A literatura destaca que os sintomas de *burnout* tendem a aparecer quando os trabalhadores não são mais capazes de enfrentar situações estressoras no contexto laboral, ficando vulneráveis ao desenvolvimento de transtornos em comorbidade. Além do *burnout*, os estudos apontam

frequentemente em amostras de profissionais da área da saúde associações entre estressores ocupacionais, ansiedade e depressão (GOMES *et al.*, 2014; GHERARDI-DONATO *et al.*, 2015; SENA *et al.*, 2015; POZZEBON *et al.*, 2016; BARDAQUIM; SANTOS; ROBAZZI, 2017; FERNANDES *et al.*, 2018; OLIVEIRA *et al.*, 2019), assim como observado no presente estudo.

Outro construto que foi associado aos estressores ocupacionais nas pesquisas analisadas foi o significado atribuído ao trabalho, o qual se refere à percepção, interpretação e sentimentos relacionados ao ambiente laboral, ou seja, os significados atribuídos ao contexto laboral tendem a influenciar diretamente ao modo em que serão percebidos e enfrentados os estressores ocupacionais (TOLFO *et al.*, 2011; BANDASSOLLI; ALVES; TORRES, 2014). Por fim, as estratégias de enfrentamento também apareceram com certa frequência como construto associado aos estressores ocupacionais na presente investigação. De forma geral, estratégias de enfrentamento podem ser descritas como o repertório de recursos intencionais, cognitivos e comportamentais, os quais os indivíduos utilizam para se adaptar às demandas internas e externas percebidas (ANDOLHE *et al.*, 2015; SILVA *et al.*, 2015; PEREIRA *et al.*, 2016; MELO *et al.*, 2016). Nas pesquisas com os profissionais da área da enfermagem frequentemente as estratégias de enfrentamento são investigadas junto aos estressores ocupacionais com o intuito de averiguar a percepção de capacidade desses para lidarem com possíveis situações que possam promover estresse no contexto de trabalho. Em acréscimo, a literatura tende a considerar as estratégias de enfrentamento como variáveis preditoras do estresse ocupacional.

Quanto aos instrumentos utilizados para a mensuração dos estressores ocupacionais, identificou-se as maiores frequências na *Job Stress Scale* (JSS)/Escala do Estresse no Trabalho (EST), entrevistas, questionários elaborados pelos autores, *Effort-Reward Imbalance* (ERI), Escala Bianchi de Stress (EBS) e a *Job Content Questionnaire* (JCQ). O instrumento *Job Stress Scale* (JSS) foi construído por Thöres Theorell, em 1988, com base no modelo demanda-controle de trabalho, de Karasek e o modelo de apoio social no ambiente de trabalho de Johnson. A escala tem como objetivo avaliar a percepção de exigência no ambiente laboral, apoio social e controle que o indivíduo acredita possuir sobre o trabalho desempenhado. A versão adaptada da JSS para amostras brasileiras, foi realizada por Alves et. Al (2004), dando origem à Escala de Estresse no Trabalho (EET), a qual avalia as dimensões demanda; controle; discernimento intelectual; autoridade para decisão; e apoio social.

A partir da teoria de estresse de Selye, Bianchi (2009) construiu a Escala Bianchi de Stress para avaliar os estressores ocupacionais presentes no contexto da enfermagem. A EBS é autoaplicável e avalia seis dimensões, quais sejam, relacionamento com outras unidades e

supervisores, funcionamento adequado da unidade, administração de pessoal, assistência de enfermagem prestada ao paciente, coordenação das atividades e condições de trabalho.

A escala *Effort-Reward Imbalance* (ERI), que também é baseada no modelo demanda-controle, tem como objetivo avaliar o impacto dos estressores ocupacionais na saúde. É composta por três dimensões, sendo essas esforço extrínseco, recompensa e super comprometimento. Os estudos de adaptação para amostras brasileiras foram realizados com profissionais da enfermagem e auxiliares de enfermagem de um hospital geral (CHOR et. al., 2008).

Baseado no modelo demanda-controle, Karasek (1985) criou o *instrumento Job Content Questionnaire* (JCQ). Trata-se de um questionário autoaplicável composto por 49 questões, que avaliam as dimensões controle sobre o trabalho, autoridade decisória, demanda psicológica, demanda física, suporte social, insegurança no trabalho e nível de qualificação exigida para o trabalho que é executado. Porém, tal instrumento não possui validação ou versão para a população brasileira.

Os instrumentos anteriormente apresentados também foram citados como os mais frequentes em outros estudos que realizaram análise da literatura sobre estressores ocupacionais em profissionais da enfermagem (MORAES-FILHO; ALMEIDA, 2016; SANTANA et al. 2017). Apesar das bases de dados utilizadas serem diferentes, pode-se constatar que esses instrumentos são utilizados em larga escala para a mensuração dos estressores ocupacionais nesse contexto. Sobre o elevado número de pesquisas que utilizaram entrevistas e/ou elaboração de questionários para mensurar os estressores ocupacionais, cabe destacar que esses recursos são importantes ferramentas de coleta de dados, podendo coletar dados adicionais que não são contemplados pelas escalas com estudos psicométricos (SILVA; GUIMARÃES, 2016). Em acréscimo, Rosa e Arnoldi (2017) salientam que a partir destas ferramentas é possível contextualizar os comportamentos, sentimentos, crenças e valores encontrados, analisando em longo prazo o fenômeno em estudo.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Compreender o fenômeno dos estressores ocupacionais no contexto da enfermagem abre possibilidades para a reflexão acerca de melhorias nas condições laborais, a fim de proporcionar qualidade de vida no trabalho e bem-estar ocupacional ao trabalhador. Diante disso, este estudo pretendeu analisar a produção científica nacional sobre a temática dos estressores ocupacionais

na área da enfermagem entre 2008 e 2017. Foram encontrados 171 artigos nas bases utilizadas, porém a partir dos critérios de inclusão, analisou-se 42 artigos. Foi observado que a maioria dos estudos foram publicados em 2016, em português, nos periódicos Revista Latino-Americana de Enfermagem e Revista da Escola de Enfermagem da USP, tendo profissionais da enfermagem e da psicologia como primeiros autores nas produções. As amostras se constituem em maior frequência por mulheres, com até 40 anos, que atuam como auxiliares, técnicas e enfermeiras em instituições públicas. Metade dos artigos se propuseram a estudar somente os estressores ocupacionais, apesar de haver uma porcentagem que associou os estressores com Qualidade de Vida no Trabalho, Estratégias de Enfrentamento, Burnout, Ansiedade, Depressão e Significado do Trabalho. Quanto aos instrumentos utilizados para mensurar os estressores ocupacionais, a literatura apontou maior frequência da *Job Stress Scale (JSS)*/Escala de Estresse no Trabalho (EET), entrevistas e questionários organizados pelos autores.

Os objetivos estipulados foram cumpridos, entretanto é importante fazer algumas constatações. As bases de dados utilizadas, bem como as palavras-chave, direcionaram os resultados a artigos nacionais. Assim, recomenda-se que sejam realizados estudos que ampliem o número de base de dados e palavras-chave em outros idiomas, visando, inclusive, a comparação de informações contidas nas pesquisas internacionais e nacionais. Foi observado e discutido acerca da escassez de instrumentos brasileiros que avaliem os estressores ocupacionais, verificando-se a necessidade de desenvolver novas pesquisas que se proponham a construir e validar instrumentos sobre tal temática e público, o que pode estar relacionado com as elevadas frequências do uso de questionários e entrevistas pelos autores. A partir de instrumentos específicos para a identificação dos estressores ocupacionais na enfermagem, é possível mensurar as variáveis e ter parâmetros de modo a intervir assertivamente neste contexto.

## REFERÊNCIAS<sup>2</sup>

ALVES, M.G.M. *et al.* Versão resumida da “job stress scale”: adaptação para o português. *Revista Saúde Pública*, v.38, n.2, pp. 164-171, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsp/v38n2/19774.pdf>> Acesso em: 05 Out. 2018.

ANDERSON, M.I.P.; RODRIGUES, R.D. O paradigma da complexidade e os conceitos da Medicina Integral: saúde, adoecimento e integralidade. *Revista do Hospital Universitário Pedro Ernesto*, v. 15, n.3, pp. 242-252, 2016. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistahupe/article/view/29450/23247>> Acesso em: 02 Jan. 2019.

\*ANDOLHE, R. *et al.* Estresse, coping e *burnout* da Equipe de Enfermagem de Unidades de Terapia Intensiva: fatores associados. *Isso. Esc. Enferm. USP*, v. 49, pp. 58-64, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v49nspe/1980-220X-reeusp-49-spe-0058.pdf>> Acesso em: 05 Out. 2018.

ANDRADE, D.L.B. *et al.* Estresse na equipe de enfermagem de emergência. Uma revisão de literatura. *Revista Digital*, v.17, n.178, 2013. Disponível em: <<https://www.efdeportes.com/efd178/estresse-na-equipe-de-enfermagem-de-emergencia.htm>> Acesso em: 10 Jul. 2019.

ANDRADE, K.O.; ANDRADE, P.O.; LEITE, L.F. Qualidade de vida dos trabalhadores na área da saúde: revisão de literatura. *Revista Científica do ITPAC*, Araguaína, v.8, n.1, Pub.1, 2015. Disponível em: <<https://assets.itpac.br/arquivos/coppex/revista%20volume%208/artigo1.pdf>> Acesso em: 03 Out. 2018.

ASCARI, R.A.; SCHMITZ, S.S.; SILVA, O.M. Prevalência de doenças ocupacionais em profissionais da enfermagem: revisão de literatura. *Revista UNINGÁ Review*, v.15, n.2, pp.26-31, 2013. Disponível em: <<http://revista.uninga.br/index.php/uningareviews/article/view/1449/1065>> Acesso em: 08 Set. 2018.

AZEVEDO, V.G.B. *et al.* Estresse ocupacional em profissionais de enfermagem que atuam em unidades de urgência e emergência. *R. Interd.*, v. 10, n. 4, p. 112-124, 2017. Disponível em: <<https://revistainterdisciplinar.uninovafapi.edu.br/index.php/revinter/article/view/1339>> Acesso em: 16 Set. 2018.

\*AZEVEDO, B.D.S.; NERY, A.A.; CARDOSO, J.P. Estresse ocupacional e insatisfação com a qualidade de vida no trabalho da enfermagem. *Revista Texto Contexto Enferm*, Florianópolis, v. 26, n.1, pp.1-11, 2017. Disponível em: <[http://www.scielo.br/pdf/tce/v26n1/pt\\_1980-265X-tce-26-01-e3940015.pdf](http://www.scielo.br/pdf/tce/v26n1/pt_1980-265X-tce-26-01-e3940015.pdf)> Acesso em: 06 Jan. 2019.

BANDASSOLLI, P.F.; ALVES, J.S.C.; TORRES, C.C. Inventário sobre significado do trabalho de profissionais de indústrias criativas. *Avaliação Psicológica*, v.13, n.2, pp. 177-186, 2014. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5115058>> Acesso em: 05 Jan. 2019.

<sup>2</sup> Os 42 artigos analisados encontram-se sinalizados por asterisco (\*).

BAPTISTA, M. N. *et al.* *Escala de Suporte Laboral*. São Paulo: Editora Hogrefe, 2016.

BARDAQUIM, V.A.; SANTOS, S.V.M.; ROBAZZI, M.L.C.C. Evidências científicas sobre fatores de ansiedade e depressão entre trabalhadores de enfermagem. *Revista de enfermagem baseada em la evidencia*, ISSN-e 1697-638X, v. 14, n. 1, 2017.

BELANCIERI, M.F.; BIANCO, M.H.B.C. Enfermagem: estresse e repercussões psicossomáticas em trabalhadores da área da enfermagem de um hospital universitário. *Isso. Texto e Contexto Enfermagem*, Santa Catarina, v.13, n.21, pp.124-131, 2004. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/714/71413117.pdf>> Acesso em: 08 Jul. 2018.

BEZERRA, F.N.; SILVA, T.M.; RAMOS, V.P. Estresse ocupacional dos enfermeiros de urgência e emergência: Revisão Integrativa da Literatura. *Acta Paul Enferm.*, v. 25, n.2, pp.151-6, 2012. Disponível em: < [http://www.scielo.br/pdf/ape/v25nspe2/pt\\_24.pdf](http://www.scielo.br/pdf/ape/v25nspe2/pt_24.pdf)> Acesso em: 10 Jul. 2019.

BIANCHI, E.R.F. Escala Bianchi de Stress. *Isso. Esc. Enferm. USP*, v.43, (Esp), pp. 1055-1062, 2009. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v43nspe/a09v43ns.pdf>> Acesso em: 06 Out. 2018.

BIANCHI, E.R.F. *Stress entre enfermeiros hospitalares*. 1999.101 f. Tese (Livre Docência em Enfermagem) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

BRASIL, CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM. *Perfil da enfermagem no Brasil*, 2013. Disponível em: < [http://www.cofen.gov.br/perfilenfermagem/blocoBr/QUADRO%20RESUMO\\_Brasil\\_Final.pdf](http://www.cofen.gov.br/perfilenfermagem/blocoBr/QUADRO%20RESUMO_Brasil_Final.pdf)> Acesso em: 15 Set. 2018.

BRASIL, Ministério da Saúde, Fundação Oswaldo Cruz. *Pesquisa inédita traça perfil da enfermagem no Brasil*, 2015. Disponível em: <<https://portal.fiocruz.br/noticia/pesquisa-inedita-traca-perfil-da-enfermagem-no-brasil>> Acesso em: 15 Set. 2018.

CAHÚ, R.A.G. *et al.* Estresse e qualidade de vida em residência multiprofissional em saúde. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, Campinas, v. 10, n. 2, p.76-83, 2014. Disponível em: < [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-56872014000200003](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872014000200003)> Acesso em: 08 Mai. 2018.

CARAYON, P.; SMITH, M.,J; HAIMS, M.,C. Work organization, job stress, and work-related musculoskeletal disorders. *Hum. Factors*, Texas, v. 41, pp. 644-663, 1999.

CARDOSO, H.F.; BAPTISTA, M.N. Escala de Suporte Laboral: Correlação com suporte social, estresse e suporte organizacional. *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho*, v.15, n. 4, pp. 374-383, 2015. Disponível em: < <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpot/v15n4/v15n4a05.pdf>> Acesso em: 02. Jan. 2019.

CARDOSO, H., F. *et al.* Síndrome de *Burnout*: Análise da literatura nacional entre 2006 e 2015. *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho*, Brasília, v. 17, n. 2, pp. 121-128, 2017. Disponível em: < <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpot/v17n2/v17n2a07.pdf>> Acesso em: 02. Jan. 2019.

CHOR, D. *et al.* The Brazilian version of the effort-reward imbalance questionnaire to assess job stress. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 24, n.1, pp.219-224, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v24n1/21.pdf>> Acesso em: 06 Out. 2018.

\*COSTA, D.T.; MARTINS, M.C.F. Estresse em profissionais de enfermagem: impacto do conflito no grupo e do poder do médico. *Isso. Esc. Enferm. USP*, v.45, n. 5, pp.1191-1198, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v45n5/v45n5a23.pdf>> Acesso em: 01 Abr. 2018.

DELGADO, S.E. Atuação fonoaudiológica na Unidade De Terapia Intensiva em bebê com síndrome de pterígeo poplíteo. *Revista Soc. Bras. Fonoaudiol*, São Paulo, v. 14, n. 1, p.123-128, 2009. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-80342009000100019&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-80342009000100019&script=sci_abstract&tlng=pt)> Acesso em: 05 Mai. 2018.

DIAS, D.S.; RESENDE, M.V.; DINIZ, G.C.L.M. Estresse do paciente na terapia intensiva: comparação entre unidade coronariana e pós-operatória geral. *Revista Bras. Ter. Intensiva*, São Paulo, v. 27, n.1, p.18-25, 2015. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-507X2015000100018&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-507X2015000100018&script=sci_abstract&tlng=pt)> Acesso em: 05 Mai. 2018.

\*FARIAS, S.M.C. *et al.* Caracterização dos sintomas físicos de estresse na equipe de pronto atendimento. *Isso. Esc. Enfermagem USP*, São Paulo, v.45, n.3, p.722-729, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v45n3/v45n3a25.pdf>> Acesso em: 05 Jul. 2018.

FAVERO, L.; JANSEN, M. F.; SANTOS, R. M. Benefícios da utilização do brinquedo durante o cuidado de enfermagem prestado à criança hospitalizada. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, Porto Alegre, v.31, n.2, p. 247-253, 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1983-14472010000200007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-14472010000200007)> Acesso em: 10 Mai. 2018.

FERNANDES, B.M.A. *et al.* Ansiedade em técnicos de enfermagem da atenção básica. *Revista Eletrônica Trimestral de Enfermaria*, v.17, n.3, pp.101-111, 2018. Disponível em: <<https://revistas.um.es/eglobal/article/view/289541/230201>> Acesso em: 01 Ago. 2019.

\*FERREIRA, N.N.; LUCCA, S.R. Síndrome de *Burnout* em técnicos de enfermagem de um hospital público do Estado de São Paulo. *Isso. Bras. Epidemiologia*, v. 18, n. 1, pp. 68-79, 2015. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1415-790X2015000100068&script=sci\\_abstract](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1415-790X2015000100068&script=sci_abstract)> Acesso em: 05 Out. 2018.

\*FERREIRA, T. S. *et al.* Efectos de isso turno de 12 horas isso los estados de ánimo y somnolencia de las 33eriódicos33 de la Unidad de Cuidados Intensivos Neonatales. *Isso. Esc. Enferm. USP*, v. 51, pp. 1-7, 2017. Disponível em: <[http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v51/es\\_1980-220X-reeusp-51-e03202.pdf](http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v51/es_1980-220X-reeusp-51-e03202.pdf)> Acesso em: 05 Out. 2018.

FRANÇA, F. M. *Burnout* e os aspectos laborais na equipe de enfermagem de dois hospitais de médio porte. *Isso. Latino-Am. Enfermagem USP*, v. 20, n. 5, 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/pdf/rlae/v20n5/pt\\_19.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rlae/v20n5/pt_19.pdf)>. Acesso em: 09 Set. 2018.

\*FREITAS, A.R. *et al.* Impact of a physical activity program on the anxiety, depression, occupational stress and *burnout* syndrome of nursing professionals. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*, Ribeirão Preto, v.22, n.2, pp.332-336, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v22n2/0104-1169-rlae-22-02-00332.pdf>> Acesso em 05 Fev. 2018.

\*GARANHANI, M.L. *et al.* O trabalho de enfermagem em unidade de terapia intensiva: significados para técnicos de enfermagem. *Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas*, v.4, n.2, pp. 1-15, 2008. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/smad/v4n2/v4n2a07.pdf>> Acesso em: 01 Abr. 2018.

\*GHERARD-DONATO, E.C.S. *et al.* Associação entre depressão e estresse laboral em profissionais de enfermagem de nível médio. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*, v. 23, n. 4, pp. 733-40, 2015. Disponível em: <[http://www.scielo.br/pdf/rlae/v23n4/pt\\_0104-1169-rlae-23-04-00733.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rlae/v23n4/pt_0104-1169-rlae-23-04-00733.pdf)> Acesso em: 01 Abr. 2018.

GOULART-JUNIOR, E. *et al.* Trabalho e estresse: Identificação do estresse e dos estressores ocupacionais em trabalhadores de uma unidade administrativa de uma instituição pública de ensino superior (IES). *Revista Gestão Universitária na América Latina – GUAL*, Santa Catarina, v. 7, n. 1, p. 1-17, 2014. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/3193/319330058002.pdf>> Acesso em: 05 Fev. 2018.

GOMES, E.T. *et al.* Ansiedade e medo em enfermagem médico-cirúrgica. *Enfermagem Brasil*, v.13, n.1, pp. 49-54, 2014. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/profile/Eduardo\\_Tavares\\_Gomes/publication/289672906\\_Ansiedade\\_e\\_medo\\_em\\_enfermagem\\_medico-cirurgica/links/5691605808aed0aed81496d5.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Eduardo_Tavares_Gomes/publication/289672906_Ansiedade_e_medo_em_enfermagem_medico-cirurgica/links/5691605808aed0aed81496d5.pdf)> Acesso em: 02 Abr. 2019.

GREENBERG, J.S. *Administração do Estresse*. 6ª ed. Traduzido por Dayse Batista. São Paulo: Manole, 2002.

\*GUERRER, F.J.L.; BIANCHI, E.R.F. Caracterização do estresse nos enfermeiros de Unidades de Terapia Intensiva. *Isso. Esc. Enferm. USP*, São Paulo, v.42, n.2, pp.355-362, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v42n2/a19.pdf>> Acesso em: 05 Jul. 2018.

\*GRIEP, R.H. *et al.* Uso combinado de modelos de estresse no trabalho e a saúde auto-referida na enfermagem. *Rev. Saúde Pública*, v. 45, n.1, pp.145-152, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsp/v45n1/2171.pdf>> Acesso em: 01 Abr. 2018.

\*GUIDO, L.A. *et al.* Estressores na assistência de enfermagem ao potencial doador de órgãos. *Rev. Latino-am. Enfermagem*, v. 17, n. 6, pp. 1-7, 2009. Disponível em: <[http://www.scielo.br/pdf/rlae/v17n6/pt\\_15.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rlae/v17n6/pt_15.pdf)> Acesso em: 01 Abr. 2018.

\*HANZELMANN, R.S.; PASSOS, J.P. Imagens e representações da enfermagem acerca do stress e sua influência na atividade laboral. *Rev. Esc. Enfermagem da USP*, v. 44, n. 3, pp. 694-701, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v44n3/20.pdf>> Acesso em: 01 Abr. 2018.

HORA, K.P.H.S.; FERREIRA, M.G.L.; SILVA, A.P.F. Elementos desencadeadores de estresse no trabalho do enfermeiro hospitalar: uma revisão integrativa de literatura. *Cadernos de*

*Graduação - Ciências Biológicas e da Saúde*, Maceió, v. 1, n.2, p. 167-180, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.set.edu.br/index.php/fitsbiosaude/article/view/1227/617>> Acesso em: 10 Jul. 2019.

\*JODAS, D.A.; HADDAD, M.C.L. Síndrome de *Burnout* em trabalhadores de enfermagem de um pronto socorro de hospital universitário. *Acta Paul Enferm.*, v. 22, n.2, pp. 192-197, 2009. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-21002009000200012&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-21002009000200012&script=sci_abstract&tlng=pt)> Acesso em: 05 Out. 2018.

LIPP, M.E.N. *Pesquisas sobre stress no Brasil: saúde, ocupações e grupos de risco*. Campinas: Papirus, 1996.

MAIA, E. C *et al.* Avaliação do nível de estresse de equipe de enfermagem de serviço de atendimento móvel de urgência. *Rev. Pesqui. Cuid. Fundam.*, v. 4, n.4, pp. 3060-3068, 2012.

\*MANZO, B.F. *et al.* A enfermagem no processo de acreditação hospitalar: atuação e implicações no cotidiano de trabalho. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*, v. 20, n. 1, pp. 1-8, 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/pdf/rlae/v20n1/pt\\_20.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rlae/v20n1/pt_20.pdf)> Acesso em: 01 Abr. 2018.

\*MARTINEZ, M.C.; LATORRE, M.R.D.O.; FISHER, F.M. Estressores afetando a capacidade para o trabalho em diferentes grupos etários na Enfermagem: seguimento de 2 anos. *Ciênc. saúde coletiva*, v.22, n.5, pp.1589-1600, 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v22n5/1413-8123-csc-22-05-1589.pdf>> Acesso em: 01 Abr. 2018.

\*MARTINS, M.G.T.; CASTRO, O.; PEREIRA, P.P.G. Body, stress and nursing: Ethnography of an Intensive Care and Surgical Center. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 30, n. 4, pp. 525-537, 2013. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v30n4/06.pdf>> Acesso em 01 Abr. 2018.

MELO, L.P. *et al.* Estratégias de enfrentamento (coping) em trabalhadores: revisão sistemática da literatura nacional. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 68, n.3, pp.125-144, 2016. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arb/v68n3/10.pdf>> Acesso em: 04 Out. 2018.

MENDONÇA, H. P. F. *A problemática da saúde na sociedade capitalista e suas implicações no processo de adoecimento dos trabalhadores brasileiros*. 2017. 134 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, Alagoas.

\*MININEL, V.A. *et al.* Cargas psíquicas e processos de desgaste em trabalhadores de enfermagem de hospitais universitários brasileiros. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*, v. 19, n. 2, pp. 1-9, 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/pdf/rlae/v19n2/pt\\_16.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rlae/v19n2/pt_16.pdf)> Acesso em: 01 Abr. 2018.

MORAES-FILHO, I.M.; ALMEIDA, R.J. Estresse Ocupacional no trabalho da enfermagem no Brasil: uma revisão integrativa. *Isso. Bras. Promoç. Saúde*, Fortaleza, v. 29, n.3, pp. 447-454, 2016. Disponível em: <<http://periodicos.unifor.br/RBPS/article/view/4645/pdf>> Acesso em: 15 Set. 2018.

MOREIRA, D.P.; FUREGATO, A.R.F. Estresse e depressão entre alunos do último período de dois cursos de enfermagem. *Isso. Latino-Am. Enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 21, p.1-8, 2013. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-11692013000700020&script=sci\\_arttext&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-11692013000700020&script=sci_arttext&tlng=pt)> Acesso em: 08 Mai. 2018.

MOURA, R.S. *et al.* Estresse da equipe de enfermagem atuante no cuidado da UTI adulto: revisão integrativa. *Revista Hórus*, v. 9, n.1, p. 35-52, 2014. Disponível em: <<http://periodicos.estacio.br/index.php/revistahorus/article/viewFile/4223/1941>> Acesso em: 10 Jul. 2019.

MUSSO, L.B. *et al.* Fatores derivados dos laboratórios intra-hospitalares que provocam estresse nos estudantes de enfermagem. *Revista Latino-Am. Enfermagem*, Ribeirão Preto, v.16, n. 5, 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-11692008000500002&script=sci\\_arttext&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-11692008000500002&script=sci_arttext&tlng=pt)> Acesso em: 05 Mai. 2018.

NOVAIS, P. G. N. *et al.* Efeito do relaxamento muscular progressivo como intervenção de enfermagem no estresse de pessoas com esclerose múltipla. *Revista Latino-Am. Enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 24, n. 2789, p.1-9, 2016. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010411692016000100409&script=sci\\_arttext&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010411692016000100409&script=sci_arttext&tlng=pt)> Acesso em: 05 Mai. 2018.

OLIVEIRA, D.M. *et al.* Afastamento do trabalho por transtornos mentais e comportamentais entre profissionais de enfermagem. *Revista Cuidarte*, v.10, n.02, pp. 1-11, 2019. Disponível em: <<https://revistacuidarte.udes.edu.co/index.php/cuidarte/article/view/631/1110>> Acesso em: 01 Ag. 2019.

\*OLIVEIRA, E.B.; LISBOA, M.T.L. Exposição ao ruído tecnológico em CTI: Estratégias coletivas de defesa dos trabalhadores de enfermagem. *Esc. Anna Nery Rev. Enferm.* v.13, n.1, pp. 24-30, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ean/v13n1/v13n1a04.pdf>> Acesso em: 01 Abr. 2018.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Classificação estatística internacional de doenças e problemas relacionados à saúde, décima revisão (CID-10) (8ª ed.)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE LA SALUD, *Plan de acción sobre salud mental 2013-2020*. Ginebra, 2013. Disponível em: <[http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/97488/1/9789243506029\\_spa.pdf](http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/97488/1/9789243506029_spa.pdf)> Acesso em: 28 Jun. 2018.

\*OTTATI, F.; FREITAS, V. Avaliação da Qualidade de Vida e vulnerabilidade ao estresse no contexto hospitalar. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, Londrina, v. 4, n. 1, p. 15-29, 2013. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/eip/v4n1/a03.pdf>> Acesso em: 01 Abr. 2018.

PADILHA, K.G. *et al.* Carga de trabalho de enfermagem, estresse/burnout, satisfação e incidentes em unidade de terapia intensiva do trauma. *Texto Contexto Enferm.*, Santa Catarina, v. 26, n. 3, p. 1-8, 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v26n3/0104-0707-tce-26-03-e1720016.pdf>> Acesso em: 10 Mai. 2018.

PAPALIA, D.E.; FELDMAN, R.D. *Desenvolvimento Humano*. 12 ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.

\*PASCHOALINI, B. *et al.* Efeitos cognitivos e emocionais do estresse ocupacional em profissionais de enfermagem. *Acta Paul Enferm.*, v. 21, n. 3, pp. 487-92, 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/pdf/ape/v21n3/pt\\_17.pdf](http://www.scielo.br/pdf/ape/v21n3/pt_17.pdf)> Acesso em: 01 Abr. 2018.

PASCHOAL, T.; TAMAYO, A. Impacto dos Valores Laborais e da Interferência Família – Trabalho no Estresse Ocupacional. *Isso. Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 21, n. 2, pp. 173-180, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v21n2/a07v21n2.pdf>> Acesso em: 05 Fev. 2018.

PEPSIC, Periódicos Eletrônicos em Psicologia Instituto de Psicologia da USP. *Estatísticas de Publicação*, 2018. Disponível em: <<https://analytics.scielo.org/w/publication/article?collection=psi>> Acesso em: 16 Set. 2018.

\*PEREIRA, D.S. *et al.* Estressores laborais entre enfermeiros que trabalham em unidades de urgência e emergência. *Isso Gaúcha Enferm.*, v. 34, n. 4, pp. 55-61, 2013. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/RevistaGauchadeEnfermagem/article/view/39824/28931>> Acesso em: 10 Jan. 2019.

\*PEREIRA, S.S. *et al.* A relação entre estressores ocupacionais e estratégias de enfrentamento em profissionais de nível técnico de enfermagem. *Texto Contexto Enferm.*, v. 25, n. 4, pp. 1-8, 2016. Disponível em: <[http://www.scielo.br/pdf/tce/v25n4/pt\\_0104-0707-tce-25-04-2920014.pdf](http://www.scielo.br/pdf/tce/v25n4/pt_0104-0707-tce-25-04-2920014.pdf)> Acesso em: 05 out. 2018.

\*PIMENTA, A.M.; ASSUNÇÃO, A.A. Estresse no trabalho e hipertensão arterial em profissionais de enfermagem da rede municipal de saúde de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. *Isso. Bras. Saúde Ocup.*, v.41,6 ed., 2016. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S030376572016000100204&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S030376572016000100204&script=sci_abstract&tlng=pt)> Acesso em: 05 Out. 2018.

\*POZZEBON, D. *et al.* Relationship among perceived stress, anxiety, depression and craniocervical pain in nursing professionals under stress at work. *Fisioter. Mov.*, v. 29, n. 2, pp. 377-85, 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/fm/v29n2/1980-5918-fm-29-02-00377.pdf>> Acesso em: 01 Abr. 2018.

\*POZZEBON, D. *et al.* Disfunção temporomandibular e dor craniocervical em profissionais da área da enfermagem sob estresse no trabalho. *Rev. CEFAC*, v. 18, n. 2, pp. 439-448, 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rcefac/v18n2/1982-0216-rcefac-18-02-00439.pdf>> Acesso em: 01 Abr. 2018.

PRADO, J.M.; KUREBAYASHI, L.F.S.; SILVA, M.J.P. Eficácia da auriculoterapia para diminuição de estresse em estudantes de enfermagem: ensaio clínico randomizado. *Revista Latino-Am. Enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 20, n. 4, p. 1-9, 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010411692012000400013&script=sci\\_arttext&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010411692012000400013&script=sci_arttext&tlng=pt)> Acesso em: 10 Mai. 2018.

PRIETO, G.; MUÑIZ, J. Um modelo para evaluar la calidad de tests usados na Espanha. *Papeles del Psicólogo*, Madrid, n. 77, p. 65-75, 2000. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/778/77807709.pdf>> Acesso em: 05 Mai. 2018.

REVISTA DA ESCOLA DE ENFERMAGEM DA USP, REEUSP. Disponível em: <<http://www.scielo.br/revistas/reeusp/iaboutj.htm>> Acesso em: 02 Jan. 2019.

REVISTA LATINO-AMERICANA DE ENFERMAGEM, RLAE. Disponível em: <<http://www.scielo.br/revistas/rlae/iinstruc.htm>> Acesso em: 02 Jan. 2019.

\*RIBEIRO, R.P. *et al.* Prevalência da Síndrome Metabólica entre trabalhadores de Enfermagem e associação com estresse ocupacional, ansiedade e depressão. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*, v.23, n.3, pp. 435-440, 2015. Disponível em: <[http://www.scielo.br/pdf/rlae/2015nahead/pt\\_0104-1169-rlae-0383-2573.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rlae/2015nahead/pt_0104-1169-rlae-0383-2573.pdf)> Acesso em: 01 Abr. 2018.

\*RODRIGUES, A.L.; BARRICHELO, A.; MORIN, E.N. Os sentidos do trabalho para profissionais de enfermagem: um estudo multimétodos. *RAE*, São Paulo, v. 56, n. 2, pp. 192-208, 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v56n2/0034-7590-rae-56-02-0192.pdf>> Acesso em: 01 Abr. 2018.

ROSA, M.V.F.P.C.; ARNOLDI, M.A.G.C. *A entrevista na pesquisa qualitativa – mecanismos para validação dos resultados*. Rio de Janeiro: Autêntica, 2017.

\*SALOMÉ, G.M.; MARTINS, M. F.M.S.; ESPÓSITO, V.H.C. Sentimentos vivenciados pelos profissionais de enfermagem que atuam em unidade de emergência. *Rev. Bras. Enferm.*, Brasília, v.62, n.6, pp. 856-862, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v62n6/a09v62n6.pdf>> Acesso em: 01 Abr. 2018.

\*SALVADOR, R.S.P.; SILVA, B.A.S.A.; LISBOA, M.T.L. Estresse da equipe de enfermagem do corpo de bombeiros no atendimento pré-hospitalar móvel. *Esc. Anna Nery*, v.17, n.2, pp. 361-368, 2013. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/ean/v17n2/v17n2a22.pdf>> Acesso em: 01 Abr. 2018.

SANTANA, J.S. *et al.* Instrumento de Avaliação do Estresse na equipe de Enfermagem. *Isso. Aten. Saúde*, São Caetano do Sul, v. 15, n. 52, p.61-65, 2017. Disponível: <[http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista\\_ciencias\\_saude/article/view/4424/pdf](http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_ciencias_saude/article/view/4424/pdf)> Acesso em: 10 Jan. 2019.

SANTOS, A.F. *Determinantes psicossociais da capacidade adaptativa: Um modelo teórico para o estresse*. 2010. 318 f. (Tese de Doutorado não publicada). Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, BA.

SANTOS, F.D. *et al.* O estresse do enfermeiro em unidades de terapia intensiva adulto: uma revisão de literatura. *Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas*, v.6, n.1, p. 1-16, 2010. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/smad/article/view/38711/41562>> Acesso em: 28 Ago. 2018.

\*SCHMIDT, D.R.C. *et al.* Estresse Ocupacional entre profissionais de Enfermagem do Bloco Cirúrgico. *Texto Contexto Enferm.*, Florianópolis, v.18, n. 2, pp. 330-337, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v18n2/17.pdf>> Acesso em: 01 Abr. 2018.

SCIELO – Scientific Electronic Library Online. *Estatísticas de Publicação*, 2018. Disponível em: <<https://analytics.scielo.org/w/publication/article?collection=scl>> Acesso em: 16 Set. 2018.

\*SELEGUIM, M.R. *et al.* Sintomas de estresse em trabalhadoras de Enfermagem de uma unidade de pronto socorro. *Rev. Gaúcha Enferm.*, v. 33, n. 3, pp.165-173, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rgenf/v33n3/22.pdf>> Acesso em: 01 Abr. 2018.

SELYE, H. *The Stress of Life*. New York: McGraw-Hill Book Co., 1956.

SENA, A.F.J. *et al.* Estresse e ansiedade em trabalhadores de enfermagem no âmbito hospitalar. *J Nurs Health*, v.5, n.1, pp. 27-37, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/enfermagem/article/view/5089/4298>> Acesso em: 02 Abr. 2019.

\*SILVA, A.A. *et al.* Health-related quality of life and working conditions among nursing providers. *Rev. Saúde Pública*, v. 44, n.4, pp.718-725, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsp/v44n4/16.pdf>> Acesso em: 01 Abr. 2018.

\*SILVA, A.M.; GUIMARÃES, L.A.M. Occupational Stress and Quality of Life in Nursing. *Paidéia*, v. 26, n. 63, pp. 63-70, 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v26n63/1982-4327-paideia-26-63-0063.pdf>> Acesso em: 05 Out. 2018.

SILVA, D.P.; SANTOS, N.R.O.; NASCIMENTO, L.K.A.S. Fatores que influenciam o estresse ocupacional na enfermagem. *Carpe Diem: Revista Cultural e Científica do UNIFACEX*, v. 14, n. 2, pp. 66-74, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.unifacex.com.br/Revista/article/viewFile/858/pdf>> Acesso em: 09 Jan. 2019.

SILVA, G.S.A. *et al.* Estresse e *Burnout* em profissionais de enfermagem de unidade de terapia intensiva e semi-intensiva. *Isso. Cient. Sena Aires*, v.7, n.1, pp. 5-11, 2018. Disponível em: <<http://revistafacesa.senaaires.com.br/index.php/revisa/article/view/297/207>> Acesso em: 04 Out. 2018.

SILVA, R.M.; GOULART, C.T.; GUIDO, R.A. Evolução histórica do conceito de estresse. *Isso. Cient. Sena Aires*, v. 7, n.2, pp. 148-56, 2018. Disponível em: <<http://revistafacesa.senaaires.com.br/index.php/revisa/article/view/316/225>> Acesso em: 16 Set. 2018.

\*SILVA, R.P. *et al.* *Burnout* e estratégias de enfrentamento em profissionais de enfermagem. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 67, n. 1, pp.130-45, 2015. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-52672015000100010](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672015000100010)> Acesso em: 05 Out. 2018.

\*SILVA, T.D.; CARLOTTO, M.S. Síndrome de Burnout em trabalhadores da enfermagem de um hospital geral. *Rev. SBPH*, Rio de Janeiro, v.11, n.1, pp.113-130, 2008. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rsbph/v11n1/v11n1a09.pdf>> Acesso em: 01 Abr. 2018.

SOARES, N.V.; AGNOL, C.M. Privacidade dos pacientes – uma questão ética para a gerência do cuidado em enfermagem. *Acta Paul Enferm.*, São Paulo, v. 24, n. 5, p. 683-688, 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010321002011000500014&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010321002011000500014&script=sci_abstract&tlng=pt)> Acesso em: 05 Mai. 2018.

SOARES, J.P. *et al.* Qualidade de Vida, Estresse, Nível de Atividade Física e Cronotipo dos Auxiliares/Técnicos de Enfermagem em Unidades de Pronto Atendimento em Palmas/TO. *Revista CPAQV – Centro de Pesquisas Avançadas em Qualidade de Vida*, v.9, n.1, pp.9, 2017. Disponível em: <<http://www.cpaqv.org/revista/CPAQV/ojs-2.3.7/index.php?journal=CPAQV&page=article&op=view&path%5B%5D=180&path%5B%5D=141>> Acesso em: 08 Mai. 2018.

\*SOUZA, V.F.S.; ARAÚJO, T.C.C.F. Estresse Ocupacional e Resiliência Entre Profissionais de Saúde. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 35, n. 3, pp. 900-915, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v35n3/1982-3703-pcp-35-3-0900.pdf>> Acesso em: 01 Abr. 2018.

\*TAVARES, D.M.S. *et al.* Diabetes mellitus: fatores de risco, ocorrência e cuidados entre trabalhadores de enfermagem. *Acta Paul Enferm.*, v. 23, n. 5, pp. 671-766, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ape/v23n5/14.pdf>> Acesso em 01 Ab. 2018.

\*THEME-FILHA, M.M.; COSTA, M.A.S.; GUILAM, M.C.R. Estresse ocupacional e autoavaliação de saúde entre profissionais de enfermagem. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*, v. 21, n. 2, pp.1-9, 2013. Disponível em: <[http://www.scielo.br/pdf/rlae/v21n2/pt\\_0104-1169-rlae-21-02-0475.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rlae/v21n2/pt_0104-1169-rlae-21-02-0475.pdf)> Acesso em: 01Abri. 2018.

TOLFO, S.R. *et al.* Sentidos y significados del trabajo: isso análisis isso base isso diferentes perspectivas teórico-epistemológicas isso Psicología. *Universitas Psychologica*, Bogotá, v.10, n.1, pp.175-188, 2011. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=64719284015>> Acesso em: 05 Jan. 2019.

TRINDADE, L.L. *et al.* Absenteísmo na equipe de enfermagem no ambiente hospitalar. *Revista Electrónica Trimestral de Enfermería*, Murcia, v.13, n.4, 2014. Disponível em: <<http://revistas.um.es/global/article/view/181541/166581>> Acesso em: 25 Jun. 2017.

UENO, L.G.S. *et al.* Estresse Ocupacional: Estressores referidos pela equipe de enfermagem. *Revista de Enfermagem – UFPE*, Recife, v.11, n.4, pp.1632-1638, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/15232/18002>> Acesso em: 09 Mai. 2018.

\*URBANETTO, J.S. *et al.* Estresse no trabalho da enfermagem em hospital de pronto-socorro: análise usando a *Job Stress Scale*. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*, v. 19, n. 5, pp. 1-10, 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/pdf/rlae/v19n5/pt\\_09.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rlae/v19n5/pt_09.pdf)> Acesso em: 01 Abr. 2018.

\*URBANETTO, J.S. *et al.* Estresse no trabalho segundo o Modelo Demanda-Controlle e distúrbios psíquicos menores em trabalhadores de enfermagem. *Rev. Esc. Enferm. USP*, v.47,

n.3, pp. 1186-1193, 2013. Disponível em: < [http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v47n5/pt\\_0080-6234-reeusp-47-05-1180.pdf](http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v47n5/pt_0080-6234-reeusp-47-05-1180.pdf)> Acesso em: 01 Abr. 2018.

\*VASCONCELOS, E.F.; GUIMARÃES, L.A.M. Esforço e recompensa no trabalho de uma amostra de profissionais de enfermagem. *Psicólogo in Formação*, v. 13, n, 13, pp. 11-36, 2009. Disponível em: < <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/PINFOR/article/view/2075/2040>> Acesso em: 01 Abr. 2018.

WORLD HEALTH ORGANIZATION, The WHOQOL Group. 1995. Quality of life assessment (WHOQOL): position paper from the World Health Organization. *Social Science and Medicine*, v. 10, pp. 1403-1409, 1995. Disponível em: < <https://www.sciencedirect.com/periódi/article/pii/027795369500112K?via%3Dihub>> Acesso em: 05 Out. 2018.

## CAPÍTULO 2

### **Artigo 2 - Estressores ocupacionais na enfermagem: relação com *burnout*, suporte laboral, sintomatologia depressiva e ansiosa**

**Resumo:** O estresse ocupacional tem sido um fator de grande preocupação no mundo corporativo, sendo frequentemente associado a transtornos como depressão, ansiedade e *burnout*. O presente estudo teve como objetivo geral avaliar os estressores ocupacionais, sintomatologia depressiva, ansiedade cognitiva, percepção de suporte laboral e *burnout* a partir de variáveis sociodemográficas, em uma amostra de 584 trabalhadores da enfermagem do contexto hospitalar, bem como compreender as associações entre os construtos. Foram utilizados os instrumentos: Ficha de Dados Sociodemográficos, Escala de Vulnerabilidade ao Estresse no Trabalho (EVENT), Escala Baptista de Depressão (EBADEP-A), Escala Cognitiva de Ansiedade (ECOGA), Escala de Suporte Laboral (ESUL) e a Escala Brasileira de *Burnout* (EBB). Na EVENT, houve diferenças de médias de respostas em todas as variáveis, indicando que quanto maior a idade, tempo de formação, tempo de trabalho (na função e na instituição) e possuir dupla jornada, maior é a percepção de estressores ocupacionais. Na ECOGA, observou-se diferenças de médias de respostas quanto à idade e ao tempo (formação, trabalho na instituição e na função) apontando que pessoas de até 30 anos e que possuem até 10 anos (de formação, de trabalho na função e na instituição), apresentam maiores indicadores de ansiedade. Quanto a ESUL, houve diferenças de médias de respostas em indivíduos que possuem até 40 anos e com até 5 anos de formação, de trabalho na função e na instituição, demonstrando que estes possuem maior percepção de suporte laboral. A EBADEP-A apresentou diferenças de médias de resposta apenas na variável possuir outra atividade remunerada, indicando que pessoas com dupla jornada possuem maiores indicadores de depressão. As análises indicaram correlações positivas entre estressores ocupacionais, ansiedade, depressão e *burnout* e correlações negativas entre os construtos e a percepção de suporte laboral. A partir dos resultados, sugere-se que o desenvolvimento de mais pesquisas com amostras maiores possa contribuir em maior proporção para a mensuração dos estressores ocupacionais e sua relação com os construtos e as variáveis aqui investigadas.

**Palavras-chave:** Estressores Ocupacionais na Enfermagem; Ansiedade; Depressão; *Burnout*; Suporte Laboral.

## 1 INTRODUÇÃO

O mercado de trabalho tem passado por diversas transformações provenientes do processo de globalização. É perceptível que tais mudanças refletem em diversas dimensões na vida dos trabalhadores, principalmente por demandar constantemente a habilidade de adaptação frente às exigências do contexto laboral (ROQUE *et al.*, 2015; FERNANDES *et al.*, 2018). A inabilidade dos trabalhadores no enfrentamento e resolução de tais exigências pode levar ao estresse ocupacional, o qual segundo alguns autores tem sido apontada como um dos fatores que mais prejudicam a saúde mental dos indivíduos, estando frequentemente relacionado ao desenvolvimento de inúmeras doenças, tanto na esfera física quanto psíquica (SCHMIDT *et al.*, 2009; KHAMISA *et al.*, 2015; CARDOSO *et al.*, 2017; SUGUWARA *et al.*, 2017; FREITAS; CALAIS; CARDOSO, 2018; LENTHALL *et al.*, 2018).

Dentre as diversas profissões existentes, aquelas relacionadas com a prestação de serviços em cuidados à saúde frequentemente são apontadas pela literatura como sendo muito propensas a diversos estressores ocupacionais. A enfermagem (tanto os profissionais de nível superior, como técnico e profissionalizante) é considerada como uma profissão bastante vulnerável aos estressores. Isso se deve, principalmente, pela grande frequência de situações que podem ser percebidas como estressoras pelos profissionais, especialmente pela exposição excessiva às condições insalubres inerentes ao ambiente hospitalar, sobrecargas físicas e emocionais, responsabilidades e tempo insuficiente para o repouso (GREENGLASS; BURKE, 2001; MARZIALE; RODRIGUES, 2002; GUERRER; BIANCHI, 2008; SILVA; PINTO, 2012; LIMA *et al.*, 2013; SHARMA, *et al.*, 2014; TRINDADE *et al.*, 2014; SOARES *et al.*, 2017; UENO *et al.*, 2017; LAEEQUE *et al.* 2018).

Em estudo, Lima *et al.* (2013) pretendeu investigar os estressores ocupacionais vivenciados por 30 profissionais da enfermagem que possuíam dupla jornada (trabalhavam em duas instituições hospitalares). Fatores estressores como a falta de lazer, sobrecarga de trabalho, ter longas jornadas, insatisfação salarial, ritmo intenso de trabalho e relacionamento interpessoal prejudicado foram os mais relatados pelos participantes. Em um outro estudo realizado por Rissardo e Gasparino (2013) com 69 profissionais da enfermagem, foram identificados como estressores mais frequentes a baixa remuneração, ter vários vínculos empregatícios, sobrecarga de trabalho, ter longas jornadas e trabalhar no período noturno. Em pesquisa com 271 profissionais da enfermagem, Koronaiou e Antoniou (2018) identificaram que fatores como realizar tarefas secundárias à função, pressão no trabalho, relações interpessoais e carga horária foram percebidos em maior frequência como estressores.

Ao se deparar com os estressores ocupacionais o trabalhador pode apresentar, como respostas às demandas, comportamentos e pensamentos não assertivos e pouco eficientes. Em médio prazo também pode passar a perceber a ocorrência de sintomas relacionados à ansiedade e depressão, tornando-se ainda mais vulnerável ao desenvolvimento de psicopatologias em comorbidade (FREITAS *et al.*, 2014; SEMMER *et al.*, 2015; SARAFIS *et al.*, 2016).

Sobre a depressão, o Manual Diagnóstico Estatístico dos Transtornos Mentais – DSM-5 (APA, 2013) a coloca como um dos principais transtornos incapacitantes e relacionado a elevados índices globais de doenças. De forma geral, alguns indicadores de depressão envolvem a presença de humor deprimido, perda de interesse ou prazer, perda de energia, mudanças no apetite, alterações no ciclo do sono, perda de concentração, indecisão, desesperança, entre outros. Estima-se que mais de 300 milhões de pessoas, entre todas as faixas etárias, sofram com esse transtorno, sendo que muitos desses são trabalhadores (OMS, 2018). No contexto da enfermagem, Ross *et al.* (2019) sugerem que a avaliação e intervenção em relação à sintomatologia depressiva deve ser feita de forma sistêmica, uma vez que existem muitas variáveis, e dentre elas os diversos estressores ocupacionais, que podem afetar a saúde mental desse público.

Alguns pesquisadores (GHERARDI-DONATO *et al.*, 2015; POZZEBON *et al.*, 2016) mensuraram em profissionais da enfermagem a associação entre estressores ocupacionais e sintomas de depressão, encontrando correlações positivas, de magnitudes moderadas (entre 0,40 e 0,69) e significativas entre esses dois construtos. Além disso, os autores ressaltaram que profissionais do sexo feminino obtiveram médias de respostas superiores em sintomatologia depressiva quando comparadas às médias dos homens. Em acréscimo, Pozzebon *et al.* (2016) investigaram também a correlação entre os estressores ocupacionais e sintomas de ansiedade, também encontrando associação positiva, moderada e significativa entre os mesmos.

A ansiedade pode ser caracterizada pela ocorrência de sensações desagradáveis, mal-estar psíquico e somático, geralmente como consequência às expectativas percebidas como negativas (APA, 2013). Em termos cognitivos, o indivíduo tende a vivenciar sentimentos de medo, insegurança e geralmente passa a ter pensamentos recorrentes de perigo, agindo com cautela ou esquiva (APA, 2013; GOMES *et al.*, 2014). Sena *et al.* (2015) realizaram um estudo cujo objetivo foi verificar sintomas de ansiedade e estressores ocupacionais em enfermeiros de um hospital público. Quanto aos resultados, dos 16 profissionais da enfermagem que fizeram parte da amostra, 88% consideraram o trabalho como estressante e 94% percebiam o ritmo do ambiente laboral como acelerado. Em relação aos sintomas de ansiedade e estresse, as maiores frequências relatadas foram irritabilidade, perda da concentração, cefaleia, excesso de

preocupação, alterações no sono e apetite, problemas de memória e sensação de fadiga e desgaste físico.

Além da ansiedade e da depressão, muitos trabalhadores da área da enfermagem podem desenvolver em comorbidade a Síndrome de *Burnout* (LAEEQUE *et al.*, 2018; LI; CHENG; ZHU, 2018). Essa síndrome se caracteriza pela exaustão emocional, distanciamento e baixa realização profissional, provenientes da exposição a altos níveis de tensão, sobrecarga de trabalho, frustrações, pouca autonomia, atitudes de enfrentamento inadequadas na atuação profissional e percepção negativa do ambiente organizacional em geral (MASLACH; JACKSON, 1981; MASLACH; LEITER, 1997; KHAMISA *et al.*, 2015; CARDOSO *et al.*, 2017). A exemplo, em um estudo transversal, Nogueira *et al.* (2018) buscou identificar associações entre *burnout* e às características do ambiente de trabalho em 745 profissionais da enfermagem que atuavam em instituições públicas. Os resultados apontaram que quanto maior a frequência de sintomas de *burnout*, menor foi a percepção de autonomia e controle sobre o ambiente de trabalho, bem como do suporte organizacional.

O suporte organizacional, também documentado na literatura como suporte laboral, diz respeito ao conjunto de crenças globais em relação às expectativas dos trabalhadores no contexto laboral em que atuam. Em outras palavras, se relaciona a quanto os trabalhadores se sentem valorizados e reconhecidos pela organização, bem como o quanto essa se preocupa com seu bem-estar e o reconhecimento (EISENBERGER *et al.*, 1986). Pode ser considerada como uma importante variável protetiva frente aos estressores ocupacionais quando o suporte for percebido como adequado pelos trabalhadores. Vidotti *et al.* (2018), em um estudo transversal realizado com 502 profissionais da enfermagem verificaram que a baixa percepção de suporte organizacional foi uma variável considerada como estressora entre os trabalhadores.

Diversas pesquisas tendem a indicar que ambientes laborais favoráveis na área da saúde podem proporcionar uma percepção positiva do ambiente organizacional, menores níveis de estresse, *burnout*, ansiedade e depressão, bem como maior percepção de qualidade de vida no trabalho (SENA *et al.*, 2015; PEREIRA; GOMES, 2016; POZZEBON *et al.*, 2016; SANTANA *et al.*, 2016; GUIRARDELLO, 2017). Levando em consideração os apontamentos supracitados, bem como a responsabilidade dos profissionais de enfermagem em lidar com o sofrimento e a vida humana, percebeu-se a relevância de estudos que objetivam compreender o contexto ocupacional vivenciado pelos profissionais dessa categoria, e assim identificar situações (estressoras ou de suporte) que podem estar associadas à promoção ou não de saúde mental.

Portanto, este estudo teve como objetivo geral avaliar os estressores ocupacionais, sintomatologia depressiva, ansiedade cognitiva, percepção de suporte laboral e indicadores de

burnout. De forma específica, o estudo buscou analisar as possíveis diferenças de médias de respostas com base em variáveis sociodemográficas nos instrumentos aplicados, bem como verificar associações entre os construtos avaliados (estressores ocupacionais, sintomatologia depressiva e ansiosa, indicadores de *burnout* e percepção de suporte laboral).

## 2 MÉTODO

### 2.1 Participantes

A amostra foi composta por 584 profissionais da enfermagem, que atuavam em instituições hospitalares do interior do estado de São Paulo. A maior frequência era do sexo feminino (N=483; 82,7%) com idades variando entre 20 e 65 anos (M=35,41; DP=9,54). Ao categorizar a amostra em faixas etárias, observou-se que 32,6% possuíam até 30 anos, 41,2% com idade entre 31 a 40 anos e 26,2% acima de 41 anos. No que se refere ao estado civil dos participantes, a maior frequência foi de casados (46,9%) e solteiros (41,1%). No que diz respeito à escolaridade, a maior frequência foi ensino médio (auxiliares e técnicos de enfermagem) com (79%), seguido por pós-graduação (13%) e graduação em enfermagem (8%).

Com relação ao tempo de formação, 38,8% eram formados em um período de até cinco anos da realização deste estudo, 27% com tempo de 5 a 10 anos e 34,2% superior a 10 anos. Quanto ao turno de trabalho, as maiores frequências foram no período noturno com carga horária de 12 horas (36%), seguido pelo período da manhã com seis horas (33,6%) e tarde também com seis horas (24,8%), sendo que mais da metade da amostra não realizava outra atividade remunerada (64%). Sobre o tempo de trabalho na instituição, a maioria trabalhava até cinco anos (60,3%), seguido por um período de 5 a 10 anos (21,1%) e acima de 10 anos (18,7%). No que tange ao tempo de trabalho na função, a maior frequência da amostra atuava até cinco anos (62,5%), seguido por 5 a 10 anos (21,2%) e a menor frequência atuava na função acima de 10 anos (16,1%).

### 2.2 Instrumentos

- ***Ficha de Dados Sociodemográficos.***

Instrumento composto por perguntas abertas e fechadas a respeito de informações sobre dados sociodemográficos dos participantes. De forma mais específica, as questões diziam respeito às informações sobre idade, estado civil, escolaridade e número de filhos, bem como

sobre a situação de trabalho (setor, turno, tempo de formação, tempo de trabalho na função e na instituição, carga horária e se possui outra atividade remunerada).

- ***Escala de Vulnerabilidade ao Estresse no Trabalho – EVENT*** (SISTO, *et al.*, 2007).

A EVENT tem como objetivo avaliar o quanto as circunstâncias do cotidiano organizacional influenciam a conduta do trabalhador e sua satisfação no trabalho. A escala é composta por 40 itens, respondidos por intermédio de uma escala *Likert* de três pontos, distribuídos em três fatores: Clima e Funcionamento Organizacional, Pressão no Trabalho e Infraestrutura e Rotina. O instrumento possui diversos estudos psicométricos (alguns exemplos como SISTO *et al.*, 2008; SUEHIRO *et al.*, 2008).

- ***Escala de Percepção do Suporte Laboral – ESUL*** (BAPTISTA *et al.*, 2016).

A escala avalia informações a respeito da percepção sobre o suporte que o indivíduo percebe no seu local de trabalho. É respondida por intermédio de um sistema *Likert* de quatro pontos (sempre, frequentemente, raramente, nunca) e seus 21 itens são agrupados em dois fatores (Interação e Benefícios). A ESUL possui diversos estudos que atestam suas qualidades psicométricas (por exemplo, RUEDA *et al.*, 2010; BAPTISTA *et al.*, 2012; CARDOSO; BAPTISTA, 2015).

- ***Escala Baptista de Depressão (Versão Adulto) – EBADEP-A*** (BAPTISTA, 2012).

A EBADEP-A é um instrumento de autoaplicação que tem como objetivo avaliar os sintomas depressivos presentes no indivíduo. O instrumento pode ser aplicado na faixa etária de 17 a 81 anos de idade, sendo constituído por 45 itens divididos, os quais são respondidos por um sistema *Likert* de quatro pontos. Esse instrumento apresenta diversos estudos que atestam suas qualidades psicométricas (como exemplos as publicações de BAPTISTA; GOMES, 2011; BAPTISTA; CARDOSO; GOMES, 2012; BIGHETTI; ALVES; BAPTISTA, 2014).

- ***Escala de Ansiedade Cognitiva (Versão Adulto) – ECOGA*** (FALCONE *et al.*, 2016).

A ECOGA tem por objetivo avaliar o grau de concordância do sujeito quanto às crenças distorcidas associadas à ansiedade. Trata-se de um instrumento de autorrelato para adultos, que possui evidência de validade com base no conteúdo. A versão utilizada é composta por 40 itens, agrupados em quatro categorias, quais sejam: Crenças Catastróficas/Incompetência, Hipervigilância/Controle, Vulnerabilidade pessoal/Evitância e Preocupação/Autocriticismo.

Possui estudo de qualidade psicométrica e está em processo de busca por outras evidências (FALCONE *et al.*, 2016)

- ***Escala Brasileira de Burnout – EBB*** (CARDOSO; BAPTISTA, 2017).

O EBB é um instrumento que avalia os indicadores de *burnout* com base no modelo proposto por Maslach, contendo duas dimensões teóricas, distribuídas em 28 itens: Exaustão emocional/Frustração Profissional e Despersonalização/Distanciamento. Quanto à mensuração do EBB, quanto maior a pontuação referida pelo trabalhador, maiores os indicadores de *burnout*. O instrumento está em início do processo de busca por evidências psicométricas.

## 2.3 Procedimentos

### 2.3.1 Coleta de dados

Inicialmente, o projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) sob o número do parecer 3.198.777 (CAAE 87123018.7.0000.5398). Posteriormente, foi realizado o convite a três hospitais de referência, localizados em um município do interior do estado de São Paulo, e o projeto foi apresentado e analisado pela diretoria dessas instituições. Após aprovação da coleta, os profissionais de enfermagem dos três hospitais que atenderam aos critérios de inclusão, foram convidados para responderem os instrumentos da pesquisa. Os critérios de inclusão consistiram em: a) concordância formal com a participação na pesquisa, por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE); b) exercer a função de técnico(a) de enfermagem, auxiliar de enfermagem ou enfermeiro(a) nas instituições em que ocorreram as coletas e c) estar atuando no mínimo há seis meses na instituição e na função.

A coleta de dados teve duração de 46 dias e foi realizada em todos os setores e turnos das três instituições (matutino, vespertino e noturno), de segunda à sexta-feira. Em um dos hospitais, a pesquisadora foi acompanhada por duas enfermeiras responsáveis pela área de educação continuada da instituição e, com isso, teve acesso a todos os setores, em todos os turnos. Em outra instituição os trabalhadores foram informados sobre a pesquisa e aqueles que tiveram o interesse em participar se dirigiram a uma sala de reunião. Na terceira instituição hospitalar, a pesquisadora mediante apresentação do crachá de autorização fornecido pelo setor de recursos humanos, teve livre acesso a todos os setores e em todos os turnos.

### 2.3.2 Análise dos dados

Após a coleta dos dados os mesmos foram tabulados em um programa estatístico. Para a análise foram utilizados procedimentos da estatística descritiva e inferencial. Inicialmente, por meio dos testes de medida central (média, mediana, moda e desvio-padrão) foram realizadas análises descritivas com base nas informações da Ficha de Dados Sociodemográficos, bem como os dados dos escores dos instrumentos aplicados. Quanto às análises inferenciais, foram verificadas possíveis diferenças de médias de respostas de grupos com base nos escores obtidos pelos participantes nos instrumentos aplicados. Para tanto, foi utilizado o teste t de *Student* para analisar as variáveis com dois grupos, e o teste estatística ANOVA, quando a variável apresentou três ou mais grupos. Utilizou-se a correlação de Pearson para verificar as associações entre os construtos analisados por meio dos instrumentos.

## 3 RESULTADOS

Inicialmente serão apresentados os dados relacionados às análises descritivas obtidas por meio da aplicação dos instrumentos. Com o intuito de identificar o nível de vulnerabilidade aos estressores ocupacionais, a percepção de suporte laboral e a intensidade dos indicadores de depressão, ansiedade e *burnout*, foram analisados a média, desvio padrão, mediana e classificação dos participantes nas dimensões de cada instrumento, conforme visualizado na Tabela 1.

**Tabela 1 - Médias, desvios-padrão e medianas dos participantes nos instrumentos aplicados**  
(*Continua*)

Instrumento	Média	DP	Mediana	Classificação*	%**
EVENT-F1	11,68	6,56	12,00	Até percentil 25	38,8
				Percentil 26 a 50	31,8
				Percentil 51 a 75	19,4
				Percentil acima de 75	10,1
EVENT-F2	12,14	5,21	12,00	Até percentil 25	100,0
				Percentil 26 a 50	-
				Percentil 51 a 75	-
				Percentil acima de 75	-
EVENT-F3	5,36	3,19	5,00	Até percentil 25	31,3
				Percentil 26 a 50	34,9
				Percentil 51 a 75	23,9
				Percentil acima de 75	9,8
EBADEP-A	29,48	24,14	24,00	Sem sintomatologia	90,4
				Sintomatologia depressiva leve	4,2

Instrumento	Média	DP	Mediana	Classificação*	%**
				Sintomatologia depressiva moderada	4,4
				Sintomatologia depressiva severa	1,0
ECOGA-F1	13,65	8,28	13,00	Até percentil 25	52,6
				Percentil 26 a 50	41,3
				Percentil 51 a 75	4,9
				Percentil acima de 75	1,2
ECOGA-F2	17,75	5,83	18,00	Até percentil 25	5,3
				Percentil 26 a 50	34,3
				Percentil 51 a 75	52,8
				Percentil acima de 75	7,5
ECOGA-F3	13,01	5,01	13,00	Até percentil 25	13,9
				Percentil 26 a 50	45,1
				Percentil 51 a 75	37,8
				Percentil acima de 75	3,2
ECOGA-F4	21,91	9,60	22,00	Até percentil 25	22,4
				Percentil 26 a 50	59,0
				Percentil 51 a 75	9,7
				Percentil acima de 75	8,9
ESUL-F1	27,61	8,32	28,00	Baixo	1,9
				Médio-baixo	8,1
				Médio-alto	21,4
				Alto	68,7
ESUL-F2	10,92	4,08	10,00	Baixo	2,1
				Médio-baixo	30,9
				Médio-alto	34,4
				Alto	32,6
EBB-F1	16,77	10,72	15,00	Até percentil 25	50,7
				Percentil 26 a 50	39,1
				Percentil 51 a 75	9,3
				Percentil acima de 75	0,9
EBB-F2	3,40	3,06	3,00	Até percentil 25	84,7
				Percentil 26 a 50	14,4
				Percentil 51 a 75	0,9
				Percentil acima de 75	-

EVENT-F1: Clima e Funcionamento Organizacional; EVENT-F2: Pressão no Trabalho; EVENT-F3: Infraestrutura e Rotina; EBADEP-A: Escala Baptista de Depressão (Versão Adulto); ECOGA-F1: Cognitiones Catastróficas/Incompetência; ECOGA-F2: Hipervigilância/Controle; ECOGA-F3: Vulnerabilidade pessoal/Evituação; ECOGA-F4: Preocupação/Autocriticismo; ESUL-F1: Interação; ESUL-F2: Benefícios; EBB-F1: Exaustão emocional/Frustração Profissional; EBB-F2: Despersonalização/Distanciamento; \* Classificação com base na pontuação média e de acordo com as normas dos instrumentos (alguns instrumentos ainda não possuem normatização). \*\*Porcentagens válidas.

Como pode ser visto na Tabela 1, na EVENT, as maiores porcentagens de trabalhadores se concentraram em faixas de percentis classificados como baixos (F1: 38,8%; F2: 100%) e médio baixo (F3: 34,9%), indicando pouca vulnerabilidade ao estresse no trabalho. No caso dos indicadores de depressão, a maior parte dos profissionais não apresentam sintomatologia (90,4%), conforme observado pela EBADEP-A.

Do instrumento ECOGA, as maiores porcentagens de trabalhadores oscilaram entre faixas de percentis consideradas baixo (F1: 52,6%), médio baixo (F3: 45,1%; F4: 59%) e médio

alta (F2: 52,8%), demonstrando que mais da metade da amostra apresenta poucos indicadores de ansiedade, apesar de uma parte dos trabalhadores indicarem sintomas de ansiedade relacionados a Hipervigilância/Controle.

Com relação a ESUL, tanto em termos de interação entre os profissionais, quanto em benefícios, a classificação foi alta (F1: 68,7%) e médio alta (F2: 34,4%), sugerindo que uma grande porcentagem dos trabalhadores percebe de modo satisfatório o suporte laboral. Quanto a EBB, as maiores porcentagens de profissionais se concentraram em percentis de baixa classificação, indicando pouca presença de sintomas de burnout (F1: 50,7%; F2: 84,7%).

A seguir, serão apresentadas as análises inferenciais em relação às diferenças de médias de respostas entre grupos e correlações entre os dados dos instrumentos coletados. Embora todas as informações estejam presentes nas tabelas, apenas os dados que apresentarem significância estatística serão descritos. Para investigar as diferenças de médias respostas em relação ao sexo utilizou-se o teste t de *Student*. Essas informações podem ser observadas na Tabela 2.

**Tabela 2 - Diferenças de médias de respostas nos instrumentos com base na variável sexo**

Instrumento	Grupo	Média	t	p
EVENT-F1	Feminino	11,77	0,595	0,553
	Masculino	11,29		
EVENT-F2	Feminino	12,27	1,272	0,206
	Masculino	11,94		
EVENT-F3	Feminino	5,37	0,236	0,814
	Masculino	5,28		
EBADEP-A	Feminino	30,44	2,214	0,029*
	Masculino	24,61		
ECOGA-F1	Feminino	14,15	3,073	0,003**
	Masculino	11,31		
ECOGA-F2	Feminino	17,54	-2,100	0,038*
	Masculino	18,90		
ECOGA-F3	Feminino	13,40	3,383	0,001**
	Masculino	11,32		
ECOGA-F4	Feminino	22,44	2,503	0,014**
	Masculino	19,49		
ESUL-F1	Feminino	27,51	-0,611	0,542
	Masculino	28,14		
ESUL-F2	Feminino	10,82	-0,929	0,354
	Masculino	11,27		
EBB-F1	Feminino	17,15	1,681	0,096
	Masculino	14,93		
EBB-F2	Feminino	3,42	0,630	0,530
	Masculino	3,18		

EVENT-F1: Clima e Funcionamento Organizacional; EVENT-F2: Pressão no Trabalho; EVENT-F3: Infraestrutura e Rotina; EBADEP-A: Escala Baptista de Depressão (Versão Adulto); ECOGA-F1: Cognitiones Catastróficas/Incompletência; ECOGA-F2: Hipervigilância/Controle, ECOGA-F3: Vulnerabilidade pessoal/Evituação; ECOGA-F4: Preocupação/Autocriticismo; ESUL-F1: Interação; ESUL-F2: Benefícios; EBB-F1: Exaustão emocional/Frustração Profissional; EBB-F2: Despersonalização/Distanciamento; \* p<0,050; \*\* p<0,010.

É possível verificar pela Tabela 2 que houve diferenças de médias de respostas nos instrumentos EBADEP-A e ECOGA (em todos os fatores). Apenas na ECOGA (F2 – Hipervigilância/Controle) o grupo masculino apresentou média de resposta superior ao feminino. Dos demais, o grupo feminino apresentou médias superiores às do grupo masculino.

Ou seja, pode-se dizer que as mulheres apresentaram maior sintomatologia depressiva e ansiosa em relação aos homens. Para investigar as diferenças de médias de respostas nos instrumentos a partir da variável idade, foi utilizado o teste estatístico ANOVA. Para tanto, a amostra foi classificada em três categorias de faixa etária (até 30 anos, de 31 a 40 anos e mais de 40 anos)., como pode ser visto na Tabela 3.

**Tabela 3 - Diferenças de médias de respostas nos instrumentos com base na variável idade**

Instrumento	Idade	Média	F	p
EVENT-F1	Até 30 anos	11,00	1,807	0,165
	De 31 a 40 anos	12,28		
	Mais de 40 anos	11,67		
EVENT-F2	Até 30 anos	12,53	2,982	0,052
	De 31 a 40 anos	12,41		
	Mais de 40 anos	11,16		
EVENT-F3	Até 30 anos	4,74	<b>4,886</b>	<b>0,008**</b>
	De 31 a 40 anos	5,72		
	Mais de 40 anos	5,60		
EBADEP-A	Até 30 anos	31,31	1,155	0,316
	De 31 a 40 anos	29,67		
	Mais de 40 anos	26,87		
ECOGA-F1	Até 30 anos	15,67	<b>8,872</b>	<b>0,001**</b>
	De 31 a 40 anos	13,01		
	Mais de 40 anos	11,80		
ECOGA-F2	Até 30 anos	18,04	0,369	0,692
	De 31 a 40 anos	17,58		
	Mais de 40 anos	17,55		
ECOGA-F3	Até 30 anos	14,03	<b>6,104</b>	<b>0,002**</b>
	De 31 a 40 anos	12,70		
	Mais de 40 anos	12,17		
ECOGA-F4	Até 30 anos	24,25	<b>8,797</b>	<b>0,001**</b>
	De 31 a 40 anos	21,16		
	Mais de 40 anos	19,77		
ESUL-F1	Até 30 anos	28,98	<b>4,311</b>	<b>0,014*</b>
	De 31 a 40 anos	27,15		
	Mais de 40 anos	26,22		
ESUL-F2	Até 30 anos	11,12	<b>7,146</b>	<b>0,001**</b>
	De 31 a 40 anos	11,47		
	Mais de 40 anos	9,81		
EBB-F1	Até 30 anos	18,04	2,429	0,089
	De 31 a 40 anos	16,63		
	Mais de 40 anos	15,03		
EBB-F2	Até 30 anos	3,27	0,605	0,546
	De 31 a 40 anos	3,58		
	Mais de 40 anos	3,30		

EVENT-F1: Clima e Funcionamento Organizacional; EVENT-F2: Pressão no Trabalho; EVENT-F3: Infraestrutura e Rotina; EBADEP-A: Escala Baptista de Depressão (Versão Adulto); ECOGA-F1: Cognitiones Catastróficas/Incompetência; ECOGA-F2: Hipervigilância/Controle, ECOGA-F3: Vulnerabilidade pessoal/Evitacão; ECOGA-F4: Preocupacão/Autocriticismo; ESUL-F1: Interaçao; ESUL-F2: Benefícios; EBB-

F1: Exaustão emocional/Frustração Profissional; EBB-F2: Despersonalização/Distanciamento; \*  $p < 0,050$ ; \*\*  $p < 0,010$ .

Ao analisar a Tabela 3, percebe-se que houve diferenças significativas de médias de respostas entre os grupos em um fator da EVENT (F3 – Infraestrutura e Rotina), em três fatores da ECOGA (F1 – Cognições Cat/Incomp, F3 – Vulnerabilidade Pessoal/Evituação e F4 – Preocupação Autocriticismo) e em todos os fatores da ESUL. Na EVENT-F3 as maiores médias foram apresentadas pelos grupos de 31 a 40 anos e mais de 40 anos. Sendo assim, observou-se que os participantes acima de 31 anos se diferenciam dos mais jovens (até 30 anos) em termos de estressores relacionados à Infraestrutura e Rotina do contexto em que atuam, sugerindo que os profissionais de até 30 anos estão menos vulneráveis aos estressores ocupacionais nesse aspecto.

Sobre o instrumento ECOGA, verificou-se que as maiores médias nos três fatores foram obtidas pelo grupo de até 30 anos, apontando que os trabalhadores mais jovens possuem maiores indicadores de ansiedade, em relação aos indivíduos acima de 31 anos. Com relação ao suporte laboral, verificou-se que nos dois fatores da ESUL as maiores médias foram dos grupos de até 30 e de 31 a 40 anos, apontando que os trabalhadores de até 40 anos percebem maior suporte no trabalho do que àqueles participantes com idades superiores a 40 anos.

Para compreender as diferenças de médias de resposta nos instrumentos com base na variável tempo de formação, foi utilizado o teste estatístico ANOVA, classificando a amostra em três categorias de períodos (até 5 anos, de 5 a 10 anos e mais de 10 anos). Tais informações podem ser visualizadas na Tabela 4.

**Tabela 4 - Diferenças de médias de respostas nos instrumentos com base na variável tempo de formação**

*(Continua)*

Instrumento	Tempo de Formação	Média	F	p
EVENT-F1	Até 5 anos	10,84	2,770	0,064
	De 5 a 10 anos	12,15		
	Mais de 10 anos	12,35		
EVENT-F2	Até 5 anos	11,88	0,442	0,643
	De 5 a 10 anos	12,35		
	Mais de 10 anos	12,30		
EVENT-F3	Até 5 anos	4,85	5,465	0,004**
	De 5 a 10 anos	5,39		
	Mais de 10 anos	5,95		
EBADEP-A	Até 5 anos	29,31	1,083	0,339
	De 5 a 10 anos	31,87		
	Mais de 10 anos	27,68		
ECOGA-F1	Até 5 anos	14,28	6,491	0,002**
	De 5 a 10 anos	15,12		
	Mais de 10 anos	11,89		

Instrumento	Tempo de Formação	Média	F	p
ECOGA-F2	Até 5 anos	17,48	0,367	0,693
	De 5 a 10 anos	17,93		
	Mais de 10 anos	17,95		
ECOGA-F3	Até 5 anos	13,32	<b>3,495</b>	<b>0,031*</b>
	De 5 a 10 anos	13,60		
	Mais de 10 anos	12,25		
ECOGA-F4	Até 5 anos	22,65	2,617	0,074
	De 5 a 10 anos	22,63		
	Mais de 10 anos	20,54		
ESUL-F1	Até 5 anos	29,43	<b>8,075</b>	<b>0,000**</b>
	De 5 a 10 anos	26,93		
	Mais de 10 anos	26,05		
ESUL-F2	Até 5 anos	11,39	2,327	0,099
	De 5 a 10 anos	10,77		
	Mais de 10 anos	10,50		
EBB-F1	Até 5 anos	15,76	1,439	0,238
	De 5 a 10 anos	17,57		
	Mais de 10 anos	17,45		
EBB-F2	Até 5 anos	3,07	2,230	0,109
	De 5 a 10 anos	3,49		
	Mais de 10 anos	3,71		

EVENT-F1: Clima e Funcionamento Organizacional; EVENT-F2: Pressão no Trabalho; EVENT-F3: Infraestrutura e Rotina; EBADEP-A: Escala Baptista de Depressão (Versão Adulto); ECOGA-F1: Cognições Catastróficas/Incompetência; ECOGA-F2: Hipervigilância/Controle, ECOGA-F3: Vulnerabilidade pessoal/Evituação; ECOGA-F4: Preocupação/Autocriticismo; ESUL-F1: Interação; ESUL-F2: Benefícios; EBB-F1: Exaustão emocional/Frustração Profissional; EBB-F2: Despersonalização/Distanciamento; \*  $p < 0,050$ ; \*\*  $p < 0,010$ .

Pode-se identificar que houve diferenças de médias de respostas entre os grupos em um fator da EVENT (F3 – Infraestrutura e Rotina), em dois fatores da ECOGA (F1 – Cognições Catastróficas/Incompetência; e F3 – Vulnerabilidade Pessoal/Evituação) e em um fator da ESUL (F1 – Interação). Das diferenças de médias, os profissionais de 5 a 10 anos e com mais de 10 anos de formação obtiveram as maiores médias de respostas fator 3 da EVENT, sugerindo que esses profissionais formados há mais tempo perceberam mais estressores ocupacionais em termos de Infraestrutura e Rotina do que o grupo de trabalhadores formados em um período de até cinco anos da realização do estudo.

Em relação aos fatores da ECOGA, os grupos de participantes de até 5 e de 5 a 10 anos de formação apresentam maiores médias de resposta em dois fatores, demonstrando que os profissionais com até 10 anos de formação possuem mais sintomas de ansiedade (em termos de cognições catastróficas e sentimento de incompetência, bem como vulnerabilidade pessoal e evituação) quando comparados aos profissionais formados há mais tempo. No que tange à ESUL, profissionais com menos tempo de formação perceberam o ambiente de trabalho mais acolhedor em termos de interações sociais do que profissionais que estavam formados há mais tempo.

Para comparar as diferenças de médias de respostas a partir da variável tempo de

trabalho na instituição, dividiu-se a amostra em três categorias (até 5 anos, de 5 a 10 anos e mais de 10 anos). Os dados foram analisados estatisticamente pela ANOVA e podem ser visualizados na Tabela 5.

**Tabela 5 - Diferenças de médias de respostas nos instrumentos com base na variável tempo de trabalho na instituição**

Instrumento	Tempo de trabalho na instituição	Média	F	p
EVENT-F1	Até 5 anos	10,76	<b>8,128</b>	<b>0,001**</b>
	De 5 a 10 anos	13,26		
	Mais de 10 anos	13,12		
EVENT-F2	Até 5 anos	12,03	0,199	0,819
	De 5 a 10 anos	12,28		
	Mais de 10 anos	12,37		
EVENT-F3	Até 5 anos	4,98	<b>7,970</b>	<b>0,001**</b>
	De 5 a 10 anos	5,53		
	Mais de 10 anos	6,49		
EBADEP-A	Até 5 anos	29,15	1,014	0,364
	De 5 a 10 anos	32,22		
	Mais de 10 anos	27,30		
ECOGA-F1	Até 5 anos	13,75	2,884	0,057
	De 5 a 10 anos	14,76		
	Mais de 10 anos	11,96		
ECOGA-F2	Até 5 anos	17,21	<b>3,378</b>	<b>0,035*</b>
	De 5 a 10 anos	18,74		
	Mais de 10 anos	18,43		
ECOGA-F3	Até 5 anos	12,95	2,250	0,106
	De 5 a 10 anos	13,79		
	Mais de 10 anos	12,34		
ECOGA-F4	Até 5 anos	21,68	2,911	0,055
	De 5 a 10 anos	23,74		
	Mais de 10 anos	20,52		
ESUL-F1	Até 5 anos	28,70	<b>6,679</b>	<b>0,001**</b>
	De 5 a 10 anos	26,28		
	Mais de 10 anos	25,57		
ESUL-F2	Até 5 anos	10,90	0,429	0,651
	De 5 a 10 anos	11,20		
	Mais de 10 anos	10,68		
EBB-F1	Até 5 anos	16,46	0,415	0,661
	De 5 a 10 anos	17,61		
	Mais de 10 anos	16,86		
EBB-F2	Até 5 anos	3,33	0,527	0,591
	De 5 a 10 anos	3,35		
	Mais de 10 anos	3,69		

EVENT-F1: Clima e Funcionamento Organizacional; EVENT-F2: Pressão no Trabalho; EVENT-F3: Infraestrutura e Rotina; EBADEP-A: Escala Baptista de Depressão (Versão Adulto); ECOGA-F1: Cognitiones Catastróficas/Incompetência; ECOGA-F2: Hipervigilância/Controle, ECOGA-F3: Vulnerabilidade pessoal/Evituação; ECOGA-F4: Preocupação/Autocriticismo; ESUL-F1: Interação; ESUL-F2: Benefícios; EBB-F1: Exaustão emocional/Frustração Profissional; EBB-F2: Despersonalização/Distanciamento; \* p<0,050; \*\* p<0,010.

De acordo com a Tabela 5, houve diferenças de médias de respostas entre os grupos em dois fatores da EVENT (F1 – Clima e Funcionamento Organizacional e F3 – Infraestrutura e Rotina), um fator da ECOGA (F2 – Hipervigilância/Controle) e em um fator da ESUL (F1 – Interação), sendo que os grupos de 5 a 10 anos e mais de 10 anos apresentam médias superiores em todos os instrumentos, com exceção da ESUL. Em outras palavras, foi possível observar que os trabalhadores que atuavam há mais tempo na instituição perceberam mais estressores ocupacionais no que se refere ao Clima e Funcionamento Organizacional e à Infraestrutura e Rotina e apresentam maiores indicadores de ansiedade em termos de Hipervigilância e Controle, comparado aos indivíduos que atuavam até 5 anos. Contudo, os trabalhadores que estavam há menos tempo perceberam maior suporte laboral em relação às interações no trabalho.

A próxima análise realizada buscou verificar possíveis diferenças de médias respostas em razão do tempo de trabalho na função. Utilizou-se as três categorias de tempo supracitadas. Os dados foram analisados por meio do teste estatístico ANOVA, conforme a Tabela 6.

***Tabela 6 - Diferenças de médias de respostas nos instrumentos com base na variável tempo de trabalho na função***

*(Continua)*

<b>Instrumento</b>	<b>Tempo de trabalho na função</b>	<b>Média</b>	<b>F</b>	<b>p</b>
EVENT-F1	Até 5 anos	10,95	<b>5,985</b>	<b>0,003**</b>
	De 5 a 10 anos	12,90		
	Mais de 10 anos	13,30		
EVENT-F2	Até 5 anos	12,16	0,305	0,737
	De 5 a 10 anos	11,90		
	Mais de 10 anos	12,50		
EVENT-F3	Até 5 anos	5,01	<b>9,528</b>	<b>0,000**</b>
	De 5 a 10 anos	5,42		
	Mais de 10 anos	6,79		
EBADEP-A	Até 5 anos	29,39	0,722	0,486
	De 5 a 10 anos	31,67		
	Mais de 10 anos	27,20		
ECOGA-F1	Até 5 anos	13,73	<b>4,944</b>	<b>0,007**</b>
	De 5 a 10 anos	15,15		
	Mais de 10 anos	11,30		
ECOGA-F2	Até 5 anos	17,26	<b>3,023</b>	<b>0,050*</b>
	De 5 a 10 anos	18,73		
	Mais de 10 anos	18,40		
ECOGA-F3	Até 5 anos	12,99	2,058	0,129
	De 5 a 10 anos	13,74		
	Mais de 10 anos	12,29		

Instrumento	Tempo de trabalho na função	Média	F	p
ECOGA-F4	Até 5 anos	21,72	2,760	0,064
	De 5 a 10 anos	23,66		
	Mais de 10 anos	20,38		
ESUL-F1	Até 5 anos	28,51	<b>5,060</b>	<b>0,007**</b>
	De 5 a 10 anos	26,66		
	Mais de 10 anos	25,49		
ESUL-F2	Até 5 anos	10,48	0,662	0,516
	De 5 a 10 anos	11,12		
	Mais de 10 anos	8,78		
EBB-F1	Até 5 anos	16,65	0,116	0,891
	De 5 a 10 anos	17,26		
	Mais de 10 anos	16,81		
EBB-F2	Até 5 anos	3,33	0,451	0,637
	De 5 a 10 anos	3,41		
	Mais de 10 anos	3,68		

EVENT-F1: Clima e Funcionamento Organizacional; EVENT-F2: Pressão no Trabalho; EVENT-F3: Infraestrutura e Rotina; EBADEP-A: Escala Baptista de Depressão (Versão Adulto); ECOGA-F1: Cognições Catastróficas/Incompetência; ECOGA-F2: Hipervigilância/Controle, ECOGA-F3: Vulnerabilidade pessoal/Evituação; ECOGA-F4: Preocupação/Autocriticismo; ESUL-F1: Interação; ESUL-F2: Benefícios; EBB-F1: Exaustão emocional/Frustração Profissional; EBB-F2: Despersonalização/Distanciamento; \*  $p < 0,050$ ; \*\*  $p < 0,010$ .

Identificou-se diferenças de médias de respostas em dois fatores da EVENT (F1 – Clima e Funcionamento Organizacional e F3 – Infraestrutura e Rotina), um fator da ECOGA (F1 – Cognições Catastróficas/Incompetência) e um fator da ESUL (F1 – Interação). Como observado, os trabalhadores que atuavam há mais tempo na função tiveram maior percepção aos estressores ocupacionais no que se refere ao Clima e Funcionamento Organizacional e à Infraestrutura e Rotina. No entanto, os profissionais que atuam até 10 anos de trabalho na função apresentam médias superiores na ECOGA e ESUL, sugerindo que estes possuem maior sintomatologia ansiosa e percebem maior suporte laboral em relação às interações sociais no contexto laboral.

Outro objetivo deste estudo foi verificar a diferença de médias de respostas nos instrumentos em função de exercer outra atividade remunerada. Para análise de dados, foi utilizado o teste estatístico ANOVA. Estes achados foram representados na Tabela 7.

**Tabela 7 - Diferenças de médias de respostas nos instrumentos com base na variável possui outro trabalho**

(Continua)

Instrumento	Possui outro trabalho?	Média	t	p
EVENT-F1	Sim	13,18	<b>3,727</b>	<b>0,001**</b>
	Não	10,89		
EVENT-F2	Sim	12,66	1,498	0,135

Instrumento	Possui outro trabalho?	Média	t	p
EVENT-F3	Não	11,90	<b>2,229</b>	<b>0,026*</b>
	Sim	5,79		
	Não	5,12		
EBADEP-A	Sim	32,72	<b>2,029</b>	<b>0,043*</b>
	Não	27,67		
ECOGA-F1	Sim	12,98	-1,256	0,210
	Não	13,99		
ECOGA-F2	Sim	17,71	-0,110	0,912
	Não	17,77		
ECOGA-F3	Sim	12,91	-0,328	0,743
	Não	13,06		
ECOGA-F4	Sim	21,60	-0,486	0,627
	Não	22,06		
ESUL-F1	Sim	26,72	-1,741	0,083
	Não	28,09		
ESUL-F2	Sim	11,19	1,193	0,234
	Não	10,75		
EBB-F1	Sim	18,01	1,799	0,073
	Não	16,03		
EBB-F2	Sim	3,45	0,247	0,805
	Não	3,38		

EVENT-F1: Clima e Funcionamento Organizacional; EVENT-F2: Pressão no Trabalho; EVENT-F3: Infraestrutura e Rotina; EBADEP-A: Escala Baptista de Depressão (Versão Adulto); ECOGA-F1: Cognitiones Catastróficas/Incompetência; ECOGA-F2: Hipervigilância/Controle, ECOGA-F3: Vulnerabilidade pessoal/Evituação; ECOGA-F4: Preocupação/Autocriticismo; ESUL-F1: Interação; ESUL-F2: Benefícios; EBB-F1: Exaustão emocional/Frustração Profissional; EBB-F2: Despersonalização/Distanciamento; \*  $p < 0,050$ ; \*\*  $p < 0,010$ .

Como apresentado na Tabela 7, houve diferenças de médias de respostas em dois fatores da EVENT (F1 – Clima e Funcionamento Organizacional e F3 – Infraestrutura e Rotina) e na EBADEP-A. Percebe-se que o grupo que possuía outra atividade remunerada apresentou médias significativas em dois fatores da EVENT e na EBADEP-A, indicando que os trabalhadores que exerciam outra atividade remunerada encontravam-se mais vulneráveis a estressores ocupacionais, no que diz respeito ao Clima e Funcionamento Organizacional e à Infraestrutura e Rotina e apresentam maior sintomatologia depressiva.

Para verificar as associações entre os construtos analisados por intermédio dos instrumentos aplicados os dados foram analisados por meio da correlação de Pearson. Utilizou-se como referência a classificação com base nas magnitudes de correlação proposta por Dancey e Reidy (2006), assim sendo, até 0,39 (correlação fraca), entre 0,40 e 0,69 (moderada) e acima de 0,70 (forte). Os dados podem ser visualizados na Tabela 8.

Tabela 8 - Correlações entre os construtos

Instrumento	EV- F1	EV- F2	EV-F3	ES-F1	ES-F2	EC-F1	EC-F2	EC-F3	EC-F4	EBA-A	EB-F1	EB-F2
EV-F1	1											
EV-F2	<b>0,62**</b>	1										
EV-F-3	<b>0,63**</b>	<b>0,52**</b>	1									
ES-F1	<b>-0,47**</b>	<b>-0,26**</b>	<b>-0,32**</b>	1								
ES-F2	<b>-0,13**</b>	-0,01	<b>-0,11*</b>	<b>0,44**</b>	1							
EC-F1	<b>0,28**</b>	<b>0,21**</b>	<b>0,17**</b>	<b>-0,20**</b>	<b>-0,09*</b>	1						
EC-F2	<b>0,16**</b>	<b>0,13**</b>	<b>0,13**</b>	-0,04	0,01	<b>0,40**</b>	1					
EC-F3	<b>0,29**</b>	<b>0,24**</b>	<b>0,17**</b>	-0,07	-0,06	<b>0,61**</b>	<b>0,54**</b>	1				
EC-F4	<b>0,34**</b>	<b>0,30**</b>	<b>0,18**</b>	<b>-0,16**</b>	-0,03	<b>0,75**</b>	<b>0,55**</b>	<b>0,68**</b>	1			
EBA-A	<b>0,43**</b>	<b>0,37**</b>	<b>0,27**</b>	<b>-0,30**</b>	-0,08	<b>0,62**</b>	<b>0,24**</b>	<b>0,43**</b>	<b>0,60**</b>	1		
EB-F1	<b>0,55**</b>	<b>0,45**</b>	<b>0,34**</b>	<b>-0,46**</b>	<b>-0,21**</b>	<b>0,45**</b>	<b>0,24**</b>	<b>0,41**</b>	<b>0,52**</b>	<b>0,66**</b>	1	
EB-F2	<b>0,26**</b>	<b>0,17**</b>	<b>0,17**</b>	<b>-0,28**</b>	<b>-0,13**</b>	<b>0,31**</b>	0,05	<b>0,13**</b>	<b>0,22**</b>	<b>0,37**</b>	<b>0,53**</b>	1

EV-F1: Clima e Funcionamento Organizacional; EV-F2: Pressão no Trabalho; EV-F3: Infraestrutura e Rotina; EBA-A: Escala Baptista de Depressão (Versão Adulto); EC-F1: Cognitiones Catastróficas/Incompetência; EC-F2: Hipervigilância/Controle, EC-F3: Vulnerabilidade pessoal/Evituação; EC-F4: Preocupação/Autocriticismo; ES-F1: Interação; ES-F2: Benefícios; EB-F1: Exaustão emocional/Frustração Profissional; EB-F2: Despersonalização/Distanciamento; \* p<0,050; \*\* p<0,010.

Das 55 correlações entre os fatores dos instrumentos aplicados, apenas oito não obtiveram significância estatística. Em relação às magnitudes, 35 foram fracas e 12 moderadas (DANCEY; REIDY, 2006). Quanto aos estressores ocupacionais (EVENT), de forma geral, foi possível observar associações positivas e significativas com os dados dos instrumentos de mensuração de indicadores de depressão, ansiedade e burnout, e negativas com os dados do instrumento de suporte laboral. Em outras palavras, quanto maior a percepção de estressores no trabalho, maior tendem a ser os sintomas de depressão, ansiedade e burnout nessa amostra, assim como, quanto maior a percepção de estressores, menor tende a ser o suporte laboral percebido.

No que diz respeito à ESUL, os resultados mostraram correlação negativa com os construtos. Sendo assim, quanto maior a exposição a estressores ocupacionais e a presença de sintomas de ansiedade, depressão e burnout, menor tende a ser a percepção de suporte laboral. Em relação à ECOGA, houve correlações positivas com indicadores de depressão, burnout e estressores, e negativas com suporte laboral.

Foram encontradas correlações positivas entre os dados da EBADEP-A e indicadores de ansiedade, burnout e estressores ocupacionais, bem como associações negativas com suporte laboral. Por fim, ao analisar a correlação entre a EBB e os demais construtos os resultados apontaram correlações positivas com os estressores ocupacionais, sintomas de ansiedade e depressão, sugerindo que quanto maior a presença de indicadores de burnout, maior a presença de sintomas de ansiedade, depressão e maior vulnerabilidade ao estresse laboral. Com relação ao suporte laboral, a EBB apresentou correlações negativas.

#### **4 DISCUSSÃO**

A presente pesquisa buscou investigar a percepção de estressores ocupacionais e suporte laboral, bem como indicadores de depressão, ansiedade, burnout em uma amostra de profissionais que atuam na área da enfermagem (auxiliares, técnicos e/ou enfermeiros). Em geral, a amostra foi composta por maioria do sexo feminino, com até 40 anos, casada, com tempo de formação de até cinco anos e trabalhando com escalas de 12 horas. Acerca dessas informações, com base no Conselho Federal de Enfermagem (BRASIL, 2013) as equipes de enfermagem no Brasil são compostas, em maiores frequências, pelo sexo feminino (85,1%), com até 40 anos de idade (61,7%) e estado civil casadas (40,7%). Além disso, a maioria é

composta por auxiliares e técnicos de enfermagem que possuem até cinco anos de formação (77%).

No que se refere às pontuações e classificações mediante os instrumentos que avaliaram a presença de sintomas de ansiedade, depressão e burnout, os dados apontaram faixas de percentis consideradas em sua maioria como baixas e médio baixas, sugerindo que esses trabalhadores não apresentam índices significativos para estes transtornos. A maioria apresenta alta percepção de suporte laboral e baixa vulnerabilidade aos estressores ocupacionais. No que tange a esses dados, Rodrigues *et al.* (2014) e Pereira *et al.* (2017) em estudo identificaram que a maioria dos trabalhadores da enfermagem não apresentavam indicadores de depressão em suas amostras. Ademais, Carvalho (2018) ao estudar uma amostra de 43 profissionais da enfermagem, verificou que grande parte não apresentava indicadores de ansiedade (69,8%) e sintomas depressivos (76,7 %). Sobre a percepção de estressores, Ottati e Freitas (2013) e Ribeiro *et al.* (2015) também encontraram baixos índices, indicando pouca vulnerabilidade aos estressores nos profissionais analisados.

Ao investigar a prevalência de burnout e a percepção de suporte laboral em 116 trabalhadores da enfermagem, Campos *et al.* (2015) constataram que a maioria apresentava classificação baixo e média baixo nas três dimensões do construto, indicando pouca presença de indicadores. Quanto ao suporte laboral, essa amostra apresentou alta percepção (CAMPOS *et al.*, 2015), assim como identificado nas análises aqui realizadas.

Quanto aos resultados inferenciais, ao analisar as diferenças de médias de respostas entre os grupos com base na variável sexo, foi possível observar que as mulheres apresentaram média superior e com diferenças significativas, em relação aos instrumentos que avaliavam sintomatologia depressiva e ansiosa. Estatísticas globais disponíveis em manuais estatísticos de transtornos mentais apontam que mulheres tendem a apresentarem maiores indicadores de depressão e ansiedade quando comparadas aos homens (APA, 2013; OMS, 1993; 2018). Em outros estudos com amostras de profissionais da enfermagem, Gomes e Oliveira (2013), Gherardi-Donato *et al.* (2015), Khodadadi *et al.* (2016), Bertussi *et al.* (2018) e Fernandes *et al.* (2018) também encontraram maiores indicadores de depressão e ansiedade no grupo feminino.

Na comparação entre grupos com base na variável idade, foi possível constatar (de forma significativa) que os trabalhadores com até 30 anos perceberam menos estressores ocupacionais associados à infraestrutura e rotina, porém apresentam mais indicadores de ansiedade, quando comparados a profissionais com mais idade. Nessa mesma direção, profissionais que possuíam até 40 anos perceberam mais suporte laboral em termos de interações no trabalho. Em termos

de saúde ocupacional, para a amostra estudada, a idade em até certa faixa etária pode ser vista como um fator protetivo frente a alguns estressores ocupacionais, além de proporcionar maior percepção de suporte laboral. Em contrapartida, ao comparar os indicadores de ansiedade, os profissionais mais jovens apresentam mais sintomas. A respeito desses dados, Fernandes *et al.* (2018) ao analisarem em amostras de profissionais da enfermagem indicadores de transtornos de ansiedade e afastamento laboral, constataram que as maiores frequências de afastamentos tendem a ocorrer com profissionais mais jovens (com até 40 anos de idade). Outros autores, tais como, Martinez, Latorre e Fischer (2017) e Tsaras *et al.* (2018) verificaram diferenças significativas na percepção de estressores ocupacionais e indicadores de ansiedade em função da idade, sendo observado maior risco para desenvolvimento de indicadores de ansiedade em trabalhadores mais jovens e menor vulnerabilidade ao estresse ocupacional em indivíduos com idades superiores. É importante ressaltar que o Brasil é considerado o país com o maior número de casos de ansiedade, atingindo 9,3% da população, sendo grande parte constituída por trabalhadores. A idade é vista como um fator de risco ao desenvolvimento desse transtorno, onde índices maiores de sintomas são vistos com maior frequência entre o público mais jovem, principalmente no sexo feminino (OMS, 2018; TSARAS *et al.*, 2018).

Considerando as variáveis tempo de trabalho na função e tempo de trabalho na instituição, identificou-se maior sintomatologia ansiosa em trabalhadores com menor tempo de trabalho (função e instituição), conforme também apontado por Tran *et al.* (2019) e Huang *et al.* (2018), em estudos com amostras de enfermagem maiores (600 e 46.120 participantes, respectivamente). Em contrapartida, os indivíduos que possuem maior tempo de trabalho tanto na função, quanto na instituição, apresentam maior percepção de estressores ocupacionais, corroborando com os estudos realizados por Pereira *et al.* (2017) e Martinez, Latorre e Fischer (2017). Possivelmente, o fato do indivíduo estar exposto aos mesmos estressores (inerentes da área e particulares da instituição) há mais tempo, justifique a maior percepção de estressores por estes profissionais.

Quanto à variável exercer outra atividade remunerada, os resultados apontaram que as pessoas que possuem dupla jornada apresentam maior percepção de estressores ocupacionais, em relação ao Clima e Funcionamento Organizacional e à Infraestrutura e Rotina e maior presença de indicadores de depressão. Pelo fato do trabalhador estar exercendo atividades laborais em maior carga horária, a probabilidade de estar exposto a mais estressores ocupacionais é maior que os demais, tornando-o mais vulnerável a quadros depressivos. Contudo, a partir dos resultados desta pesquisa e demais autores que se propuseram a estudar o

fenômeno, observou-se que a maioria dos trabalhadores nessa área possuem apenas uma atividade laboral (SILVA *et al.*, 2015; MOURA *et al.*, 2019).

Por fim, no que tange às associações entre os construtos, as análises indicaram correlações positivas entre os estressores ocupacionais, ansiedade, depressão e burnout e negativas com o suporte laboral. Ou seja, foi observado que quanto maior a percepção de estressores no trabalho, maiores tendem a ser os sintomas de depressão, ansiedade e burnout e menor a percepção de suporte no trabalho. Esses resultados eram esperados, devido às conclusões de outros autores sobre a associação entre esses construtos, que indicam resultados próximos dos encontrados nesta pesquisa. Pozzebon *et al.* (2016) ao estudar uma amostra de 43 trabalhadores da enfermagem encontrou correlações positivas moderadas entre estressores e ansiedade ( $r = 0,57$ ;  $p < 0,000$ ) e estressores e depressão ( $r = 0,60$ ;  $p < 0,000$ ). Em outra pesquisa com 112 profissionais, Bertussi *et al.* (2018) observou correlações positivas e fortes entre estressores e depressão ( $r = 0,63$ ;  $p < 0,001$ ) e estressores e ansiedade ( $r = 0,78$ ;  $p < 0,001$ ), assim como apresentado por Bardaquim (2019).

Sobre as associações entre estressores e burnout, Koronaiou e Antoniou (2018) e Rashidazar, Alimohammadzadeh e Akhyani (2018) obtiveram correlações positivas entre esses construtos, com variações de magnitudes entre moderadas e fortes, assim como também constatado por Gonçalves *et al.* (2019) em um estudo com 221 profissionais da enfermagem. Quanto aos estressores ocupacionais e suporte no trabalho, foram percebidas correlações negativas, indicando que com o aumento da percepção de estressores, há diminuição da percepção de suporte. Correlações negativas de baixa magnitude ( $r = -0,23$ ;  $p < 0,001$ ) foram encontradas por Ahmed, Rayan e Khalil (2016) ao analisarem a relação desses construtos em 150 enfermeiros, assim como visto por Khrais *et al.* (2018) com o mesmo tamanho amostral ( $r = -0,32$ ;  $p < 0,001$ ).

Em relação à ansiedade, houve correlações positivas com os indicadores de depressão, burnout e estressores ocupacionais, indicando que, quanto maior a sintomatologia ansiosa, maior a presença de indicadores de depressão, burnout e estressores ocupacionais. As correlações negativas com o suporte laboral, indicam que quanto maior a presença de ansiedade, menor a percepção de suporte, como também apontado por Laing e Jones (2016) e Liu *et al.* (2018). A respeito dos estudos de correlações entre ansiedade e depressão, Pozzebon *et al.* (2016) identificaram correlações positivas moderadas ( $r = 0,61$ ;  $p < 0,000$ ) e Ghazwin *et al.* (2016) obtiveram correlações positivas altas entre ansiedade e depressão ( $r = 0,75$ ;  $p < 0,0001$ ) e correlações positivas moderadas entre ansiedade e estresse ( $r = 0,69$ ;  $p < 0,0001$ ). Correlações positivas entre ansiedade e depressão e ansiedade e estresse também foram constatadas por

Saquib *et al.* (2019). Sobre as associações entre ansiedade e burnout, Creedy *et al.* (2017) obtiveram correlações positivas moderadas entre os instrumentos analisados ( $r = 0,51$ ;  $p < 0,001$ ) e ( $r = 0,53$ ;  $p < 0,001$ ) em um estudo com 1037 profissionais da enfermagem.

Quanto à depressão, os dados indicam correlações positivas com indicadores de ansiedade, burnout e estressores ocupacionais, bem como associações negativas com suporte laboral. Ou seja, quanto maior a sintomatologia depressiva, maior a presença de indicadores de ansiedade, estressores e burnout e menor a percepção de suporte no trabalho. Sobre esses dados, autores como Ghazwin *et al.* (2016) e Maharaj, Lees e Lal (2018) apontaram correlações positivas com muita significância estatística entre depressão e estresse, com amostras de enfermeiros. No que se refere às associações entre depressão e burnout, Vasconcelos, Martino e França (2018) identificaram correlações positivas em suas pesquisas, cujas magnitudes variaram entre fraco e moderado nos instrumentos utilizados, assim como verificado por Porter *et al.* (2018) e Trigo *et al.* (2018). Em relação à depressão e ao suporte laboral, Hao *et al.* (2015) e Saquib *et al.* (2019) encontraram correlações significativas, indicando forte associação entre esses construtos.

Como pode ser visto nos estudos supracitados, a correlação entre indicadores de burnout e os demais construtos, apontam correlações positivas, sugerindo que quanto maior a presença de indicadores de burnout, maior a presença de sintomas de ansiedade, depressão e maior vulnerabilidade ao estresse laboral. Com relação ao suporte laboral, os dados apresentaram correlações negativas. Ou seja, quanto maior a presença de sintomas de um construto, maior será a sintomatologia dos demais e menor a percepção de suporte laboral. Ao analisar a associação entre burnout e suporte laboral, Guirardello (2017), Liu *et al.* (2018) e Nogueira *et al.* (2018) obtiveram correlações negativas, cujas magnitudes variaram entre fracas e moderadas.

As correlações negativas com o suporte laboral, indicam que quanto maior a exposição a estressores ocupacionais e a presença de sintomas de ansiedade, depressão e burnout, menor tende a ser a percepção de suporte laboral. Sabe-se que o suporte laboral é caracterizado pela satisfação e sensação de reconhecimento pela empresa e relações sociais no trabalho. No contexto da enfermagem, o suporte atua como fator protetivo em termos de saúde mental (EISENBERGER *et al.*, 1986), o que pode justificar as maiores frequências de pessoas em faixas de percentis que indicam baixa presença de indicadores de ansiedade, depressão e burnout e vulnerabilidade ao estresse do trabalho na maioria das pesquisas mencionadas neste trabalho (BERTONCELLO; BORGES-ANDRADE, 2015; HAO *et al.*, 2015; LAING; JONES, 2016; RAYAN; KHALIL, 2016; ANDRADE; PÉREZ-NEBRA, 2017; KHRAIS *et al.*, 2018;

LIU *et al.*, 2018; SAQUIB *et al.*, 2019). Ademais, segundo uma pesquisa realizada pelo Conselho Federal de Enfermagem (BRASIL, 2013), a maioria dos trabalhadores apresentam percepções satisfatórias em termos de suporte no trabalho, principalmente no que se refere às interações com os outros profissionais e gestores, o que pode justificar as altas pontuações nos instrumentos que avaliaram o suporte laboral, atrelados à baixa presença de indicadores nos transtornos e a baixa percepção de estressores.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo atingiu os objetivos propostos, bem como, contribui de modo significativo para as discussões nessa temática. Este estudo, contou com uma amostra de 584 trabalhadores, que atuavam em três instituições hospitalares, localizadas em um município do interior de São Paulo. Os trabalhadores não apresentaram índices significativos para transtornos de ansiedade, depressão e burnout. Os baixos índices de vulnerabilidade ao estresse ocupacional estão relacionados com as pontuações altas com relação à percepção de suporte laboral.

Dentre as contribuições deste artigo, destaca-se que fatores como a idade e o tempo de atuação na instituição e na função, podem influenciar na percepção de estressores ocupacionais, suporte laboral e na presença de sintomas de ansiedade, assim como o fato de possuir mais que uma atividade remunerada, pode influenciar na percepção de estressores ocupacionais e sintomatologia depressiva. Observou-se que indivíduos mais jovens, com menos tempo de trabalho na função e na instituição, apresentam mais indicadores de ansiedade, porém, percebem maior suporte laboral, ao passo que, profissionais que possuem uma carga horária maior, por trabalharem em mais de um local, podem apresentar maiores indicadores de depressão e maior vulnerabilidade ao estresse ocupacional.

No que tange as associações entre os construtos, as análises indicaram correlações positivas entre estressores ocupacionais, ansiedade, depressão e burnout, e correlações negativas entre os mesmos e suporte laboral. Ou seja, quanto maior a presença de sintomas de um construto, maior será a sintomatologia dos demais e menor a percepção de suporte laboral.

No que se refere às limitações do estudo, considera-se importante ressaltar as dificuldades procedimentais da coleta, o que pode justificar os tamanhos das amostras encontrados na maioria dos artigos que optaram pelo mesmo delineamento. Ademais, destaca-se a necessidade de mais pesquisas que investiguem a relação entre variáveis sociodemográficas (idade, sexo, tempo de formação, tempo de trabalho na função, tempo de trabalho na instituição, exercer outra atividade laboral) e indicadores de ansiedade, depressão, burnout, suporte laboral e

vulnerabilidade ao estresse no trabalho na área da enfermagem.

Portanto, sugere-se que o desenvolvimento de mais pesquisas com delineamentos metodológicos similares ao desta, possam contribuir para o preenchimento das lacunas existentes nesta temática, bem como possibilitar maior compreensão entre as variáveis organizacionais e individuais e o funcionamento dessas relações, para possíveis ações em saúde mental do trabalhador na área da enfermagem. Recomenda-se investigações com amostras maiores, que se proponham a estudar a presença de indicadores de ansiedade, depressão, burnout e estressores em função de variáveis não analisadas por esta pesquisa, como, carga horária, turno, setor, tipo de instituição (privada, filantrópica, pública), especialidade do hospital, função, estado civil, número de filhos e escolaridade. Além disso, poderiam ser realizados estudos comparativos com amostras internacionais, a partir das mesmas variáveis.

## REFERÊNCIAS

AHMED, M.; RAYAN, A.; KHALIL, M. Relationship between Job Stressors and Organizational Support among Jordanian Nurses. *American Journal of Nursing Research*, v. 4, n. 3, pp. 51-55, 2016. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/profile/Ahmad\\_Rayan/publication/304775993\\_Relationship\\_between\\_Job\\_Stressors\\_and\\_Organizational\\_Support\\_among\\_Jordanian\\_Nurses/links/577a30cc08ae355e74f05a9d/Relationship-between-Job-Stressors-and-Organizational-Support-among-Jordanian-Nurses.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Ahmad_Rayan/publication/304775993_Relationship_between_Job_Stressors_and_Organizational_Support_among_Jordanian_Nurses/links/577a30cc08ae355e74f05a9d/Relationship-between-Job-Stressors-and-Organizational-Support-among-Jordanian-Nurses.pdf)> Acesso em: 03 Jan. 2020.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). *Manual Diagnóstico Estatístico de Transtornos Mentais: DSM 5*. 5. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. P. 125-190.

ANDRADE, V.L.P.; PÉREZ-NEBRA, A.R. Suporte Social e Estresse no Trabalho: uma Análise com Métodos Mistos. *Contabilidade, Gestão e Governança*, Brasília, v. 2, n. 3, p. 442-462, 2017. Disponível em: <<https://www.revistacgg.org/contabil/article/view/1296/pdf>> Acesso em: 09 Dez. 2019.

BAPTISTA, M. N.; GOMES, J. O. Escala Baptista de Depressão (Versão Adulto) – EBADEP-A: evidências de validade de construto e de critério. *Psico-USF*, Itatiba, v. 16, n.2, pp.151-161, 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141382712011000200004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141382712011000200004&lng=en&nrm=iso)> Acesso em: 13 Dez. 2018.

BAPTISTA, M.N.; CARDOSO, H.F.; GOMES, J.O. Escala Baptista de Depressão (Versão Adulto) – EBADEP-A: validade convergente e estabilidade temporal. *Iso. Psico-USF*, Bragança Paulista, v. 17, n. 3, pp. 407-416, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pusf/v17n3/07.pdf>> Acesso em: 10 Dez. 2018.

BAPTISTA, M. N. *Escala Baptista de Depressão – Versão Adulto (EBADEP-A)*. São Paulo: Vetor Editora, 2012.

BAPTISTA, M. N. *et al. Escala de Suporte Laboral (ESUL)*. Relatório técnico não publicado. Universidade São Francisco, Itatiba, 2012.

BAPTISTA, M. N. *et al. Escala de Suporte Laboral*. São Paulo: Editora Hogrefe, 2016.

BARDAQUIM, V.A. *Ansiedade, Depressão, Estresse e níveis de cortisol capilar em trabalhadores de enfermagem do serviço hospitalar*. 2019. 160 f. Tese (Doutorado em Ciências) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, São Paulo. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/22/22132/tde-07082019-182114/publico/VANESSAAUGUSTO BARDAQUIM.pdf>> Acesso em: 10 Dez. 2019.

BERTONCELLO, B.; BORGES-ANDRADE, J.E. Relações entre suporte organizacional e saúde mental do trabalhador. *R. Laborativa*, v. 4, n. 2, p. 85-102, 2015. Disponível em: <<http://ojs.unesp.br/index.php/rlaborativa>> Acesso em: 09 Dez. 2019.

BERTUSSI, V.C. *et al.* Substâncias psicoativas e saúde mental em profissionais de enfermagem da Estratégia Saúde da Família. *Rev. Eletr. Enf.*, v. 20, n.21, pp.1-9, 2018. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fen/article/view/47820/26403>> Acesso em: 09 Dez. 2019.

BIGHETTI, C. A.; ALVES, G. A. S.; BAPTISTA, M. N. Escala Baptista de Depressão (EBADEP-A): evidências de validade com o Big Five. *Avaliação Psicológica*, Itatiba, v. 13, n. 1, pp. 29-36, 2014. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S167704712014000100005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167704712014000100005&lng=pt&nrm=iso)> Acesso em: 13 Jan. 2019.

BRASIL, CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM. *Perfil da enfermagem no Brasil*, 2013. Disponível em: <[http://www.cofen.gov.br/perfilenfermagem/blocoBr/QUADRO%20RESUMO\\_Brasil\\_Final.pdf](http://www.cofen.gov.br/perfilenfermagem/blocoBr/QUADRO%20RESUMO_Brasil_Final.pdf)> Acesso em: 04 Dez. 2019.

CAMPOS, I.C.M. *et al.* Fatores Sociodemográficos e Ocupacionais Associados à Síndrome de Burnout em Profissionais de Enfermagem. *Psychology/Psicologia Reflexão e Crítica*, v. 28, n.4, pp. 764-771, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v28n4/0102-7972-prc-28-04-00764.pdf>> Acesso em: 05 Dez. 2019.

CARDOSO, H. F. *et al.* Síndrome de *Burnout*: Análise da literatura nacional entre 2006 e 2015. *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho*, Brasília, v. 17, n. 2, pp. 121-128, 2017. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpot/v17n2/v17n2a07.pdf>> Acesso em: 10 Fev. 2019.

CARDOSO, H. F.; BAPTISTA, M. N. Escala de suporte laboral: correlação com suporte social, estresse e suporte organizacional. *Revista Psicologia Organizações e Trabalho*, v. 15, n. 4, pp. 374-383, 2015.

CARDOSO, H. F.; BAPTISTA, M. N.; CARLOTTO, M. S. *Escala Brasileira de Burnout*. Manual técnico não publicado, 2017.

CARVALHO, T. M.R. *Ansiedade, Depressão e Habilidades de Vida em enfermeiros de UTI de um hospital escola*. 2018. 60 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia e Saúde) – Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto, São José do Rio Preto, São Paulo. Disponível em: <[http://bdtd.famerp.br/bitstream/tede/444/2/TaniaMariCarvalho\\_dissert.pdf](http://bdtd.famerp.br/bitstream/tede/444/2/TaniaMariCarvalho_dissert.pdf)> Acesso em: 09 Dez. 2019.

CREEDY, D.K. *et al.* Prevalence of burnout, depression, anxiety and stress in Australian midwives: a cross-sectional survey. *BMC Pregnancy Childbirth*, v.17, n.13, 2017. Disponível em: <<https://bmcpregnancychildbirth.biomedcentral.com/articles/10.1186/s12884-016-1212-5#citeas>> Acesso em: 05 Jan. 2020.

DANCEY, C. P.; REIDY, J. *Estatística sem Matemática para Psicologia: usando SPSS para Windows*. 3 a ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

EISENBERGER, R. *et al.* Perceived organizational support. *Journal of Applied Psychology, USA*, v. 71, n. 3, pp. 500-507, 1986. Disponível em: <[http://classweb.uh.edu/eisenberger/wp-content/uploads/sites/21/2015/04/22\\_Perceived\\_Organizational\\_Support.pdf](http://classweb.uh.edu/eisenberger/wp-content/uploads/sites/21/2015/04/22_Perceived_Organizational_Support.pdf)> Acesso em: 05 Fev. 2018.

FALCONE, E. M. O. *et al.* Construção e validade de conteúdo da escala cognitiva de ansiedade em adultos. *Psicol. Pesq.*, Juiz de fora, v. 10, n. 1, pp. 85-93, 2016. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=s1982-12472016000100011&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s1982-12472016000100011&lng=pt&nrm=iso) Acesso: 25 Dez. 2019.

FERNANDES, M.A. *et al.* Transtornos mentais e comportamentais em trabalhadores: estudo sobre os afastamentos laborais. *Isso. Esc. Enferm. USP*, v. 52, pp. 1-8, 2018. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v52/1980-220X-reeusp-52-e03396.pdf>> Acesso em: 28 Mar. 2019.

FREITAS, A.R. *et al.* Impact of a physical activity program on the anxiety, depression, occupational stress and *burnout* syndrome of nursing professionals. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*, Ribeirão Preto, v.22, n.2, pp.332-336, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v22n2/0104-1169-rlae-22-02-00332.pdf>> Acesso em 05 Fev. 2019.

FREITAS, G.R.; CALAIS, S.L.; CARDOSO, H.F. Estresse, ansiedade e qualidade de vida em professores: efeitos do relaxamento progressivo. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 22, n. 2, pp. 319-326, 2018. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v22n2/2175-3539-pee-22-02-319.pdf>> Acesso em: 01 Abr. 2019.

GHAZWIN, M.Y. *et al.* The Association between Life Satisfaction and the Extent of Depression, Anxiety and Stress among Iranian Nurses: A Multicenter Survey. *Iran J Psychiatry*, v.11, n.2, pp. 120–127, 2016. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4947220/>> Acesso em: 05 Jan. 2020.

GHERARDI-DONATO, E.C.S. *et al.* Associação entre depressão e estresse laboral em profissionais de enfermagem de nível médio. *Isso. Latino-Am. Enfermagem*, v. 23, n. 4, pp. 733-740, 2015. Disponível em: <[http://www.scielo.br/pdf/rlae/v23n4/pt\\_0104-1169-rlae-23-04-00733.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rlae/v23n4/pt_0104-1169-rlae-23-04-00733.pdf)> Acesso em: 02 Abr. 2019.

GOMES, E.T. *et al.* Ansiedade e medo em enfermagem médico-cirúrgica. *Enfermagem Brasil*, v.13, n.1, pp. 49-54, 2014. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/profile/Eduardo\\_Tavares\\_Gomes/publication/289672906\\_Ansiedade\\_e\\_medo\\_em\\_enfermagem\\_medico-cirurgica/links/5691605808aed0aed81496d5.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Eduardo_Tavares_Gomes/publication/289672906_Ansiedade_e_medo_em_enfermagem_medico-cirurgica/links/5691605808aed0aed81496d5.pdf)> Acesso em: 02 Abr. 2019.

GOMES, R.K.; OLIVEIRA, V.B. Depressão, ansiedade e suporte social em profissionais da enfermagem. *Boletim de Psicologia*, v. 63, n. 138, pp. 23-33, 2013. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bolpsi/v63n138/v63n138a04.pdf>> Acesso em: 02 Jan. 2020.

GONÇALVES, A. *et al.* *Estresse e Burnout em Profissionais de Saúde*. In: Arezes P. *et al.* (eds) *Segurança e Saúde Ocupacional e Ambiental. Estudos em Sistemas, Decisão e Controle*, v. 202, Springer, 2019. [https://doi.org/10.1007/978-3-030-14730-3\\_60](https://doi.org/10.1007/978-3-030-14730-3_60).

GUERRER, F.J.L.; BIANCHI, E.R.F. Caracterização do estresse nos enfermeiros de Unidades de Terapia Intensiva. *Isso. Esc. Enferm. USP*, São Paulo, v.42, n.2, pp.355-362, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v42n2/a19.pdf>> Acesso em: 05 Fev. 2019.

GREENGLASS, E.R.; BURKE, R.J. Stress and effects of Hospital Restructuring in nurses. *Canadian Journal of Nursing Research Archive*, Canada, v. 33, n.2, pp.93-108, 2001. Disponível em: <<http://cjr.archive.mcgill.ca/article/view/1637/1637>> Acesso em: 05 Fev. 2019.

GUIRARDELLO, E.B. Impact of critical care environment on *burnout*, perceived quality of care and safety attitude of the nursing team. *Isso. Latino-Am. Enfermagem*, Ribeirão Preto, v.25, pp. 1-7, 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v25/0104-1169-rlae-25-e2884.pdf>> Acesso em: 10 Fev. 2019.

HAO, J. *et al.* Association between Work-Family Conflict and Depressive Symptoms among Chinese Female Nurses: The Mediating and Moderating Role of Psychological Capital, *Int. J. Environ. Res. Public Health*, v.12, n. 6, pp. 6682-6699, 2015. Disponível em: <<https://www.mdpi.com/1660-4601/12/6/6682/htm>> Acesso em: 06 Jan. 2020.

HUANG, C.L. *et al.* Risks of treated anxiety, depression, and insomnia among nurses: A nationwide longitudinal cohort study. *Plos One*, v. 13, n. 9 [e0204224], 2018. Disponível em: <<https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0204224>> Acesso em: 04 Jan. 2020.

KHAMISA, N. *et al.* Work Related Stress, *Burnout*, Job Satisfaction and General Health of Nurses. *Int. J. Environ. Res. Public Health*, v.12, n.1, pp. 652-666, 2015. Disponível em: <<http://www.mdpi.com/1660-4601/12/1/652/htm>> Acesso em: 05 Fev. 2019.

KHODADADI, E. *et al.* The relation of depression, anxiety and stress with personal characteristics of nurses in hospitals of Tabriz, Iran. *International Journal of Medical Research & Health Sciences*, v. 5, n. 5, pp. 140-148, 2016. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/profile/Esmail\\_Khodadadi2/publication/308969364\\_The\\_relation\\_of\\_depression\\_anxiety\\_and\\_stress\\_with\\_personal\\_characteristics\\_of\\_nurses\\_in\\_hospitals\\_of\\_Tabriz\\_Iran/links/57fb92bf08ae8da3ce60fc5e/The-relation-of-depression-anxiety-and-](https://www.researchgate.net/profile/Esmail_Khodadadi2/publication/308969364_The_relation_of_depression_anxiety_and_stress_with_personal_characteristics_of_nurses_in_hospitals_of_Tabriz_Iran/links/57fb92bf08ae8da3ce60fc5e/The-relation-of-depression-anxiety-and-)

stress-with-personal-characteristics-of-nurses-in-hospitals-of-Tabriz-Iran.pdf> Acesso em: 04 Jan. 2020.

KHRAIS, H. *et al.* Impact of Organizational Support on Nursing Job Stressors: A Comparative Study. *Health Science Journal*, v. 12, n.4, pp.1-6, 2018. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/profile/Manal\\_Ahmed\\_Higazee2/publication/327700072\\_Impact\\_of\\_Organizational\\_Support\\_on\\_Nursing\\_Job\\_Stressors\\_A\\_Comparative\\_Study/links/5ba92c53a6fdccd3cb6f89e0/Impact-of-Organizational-Support-on-Nursing-Job-Stressors-A-Comparative-Study.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Manal_Ahmed_Higazee2/publication/327700072_Impact_of_Organizational_Support_on_Nursing_Job_Stressors_A_Comparative_Study/links/5ba92c53a6fdccd3cb6f89e0/Impact-of-Organizational-Support-on-Nursing-Job-Stressors-A-Comparative-Study.pdf)> Acesso em: 03 Jan. 2020.

KORONAIU, P.; ANTONIOU, A.S. Investigating burnout/occupational stress in relation to emotional intelligence and coping strategies in Greek nurses. *Dialogues em Clinical Neuroscience & Mental Health*, v.1, n.1, pp.38-51, 2018. Disponível em: <<http://www.obrela-journal.gr/index.php/obrela/article/view/7/13>> Acesso em: 03 Jan. 2020.

LAEEQUE, S. H. *et al.* How Patient-Perpetrated Workplace Violence Leads to Turnover Intention Among Nurses: The Mediating Mechanism of Occupational Stress and Burnout. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma*, v. 27, n. 1, pp. 96-118, 2018. DOI: 10.1080/10926771.2017.1410751. Acesso em: 23 Dez. 2019.

LAINING, S.; JONES, S.M.W. Anxiety and Depression Mediate the Relationship Between Perceived Workplace Health Support and Presenteeism. *Journal of Occupational and Environmental Medicine*, v. 58, n. 11, pp.1144–1149, 2016. Disponível em: <doi: 10.1097/JOM.0000000000000880> Acesso em: 06 Jan. 2020.

LENTHALL, S. *et al.* Reducing occupational stress among registered nurses in very remote Australia: A participatory action research approach. *Collegian*, v.25, n. 2, pp.181-191, 2018. Disponível em; < <https://www.sciencedirect.com/70eriódi/article/pii/S1322769617300926>> Acesso em: 05 Fev. 2019.

LI, H; CHENG, B; ZHU, X. P. Quantification of burnout in emergency nurses: A systematic review and meta-analysis. *International Emergency Nursing*, v. 39, n. 2, pp. 46-54, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.ienj.2017.12.005>. Acesso em: 23 Dez. 2019.

LIMA, M.B. *et al.* Agentes estressores em trabalhadoras de enfermagem com dupla ou mais jornada de trabalho. *R. pesq.: cuid. Fundam.*, v. 5, n.1, pp. 3259-3266, 2013. Disponível em:<<https://www.redalyc.org/html/5057/505750897010/>> Acesso em: 01 Abr. 2019.

LIU, X.X. *et al.* Correlation between resilience and social support and anxiety in obstetric nurses. *Frontiers of Nursing*, v.1, pp. 311-316, 2018. Disponível em: <[https://content.sciendo.com/configurable/contentpage/journals\\$002ffon\\$002f5\\$002f4\\$002farticle-p311.xml?tab\\_body=pdf](https://content.sciendo.com/configurable/contentpage/journals$002ffon$002f5$002f4$002farticle-p311.xml?tab_body=pdf)> Acesso em: 06 Jan. 2020.

LIU, W. *et al.* Workplace violence, job satisfaction, burnout, perceived organisational support and their effects on turnover intention among Chinese nurses in tertiary hospitals: a cross-sectional study, *BMJ Open*, v.8 [e019525], 2018. Disponível em: <doi: 10.1136/bmjopen-2017-019525> Acesso em: 06 Jan. 2020.

MAHARAJ, S.; LEES, T.; LAL, S. Prevalence and Risk Factors of Depression, Anxiety, and Stress in a Cohort of Australian Nurses. *Int. J. Environ. Res. Public Health*, v.16, n. 61, pp.1-

10, 2019. Disponível em: <<https://www.mdpi.com/1660-4601/16/1/61/htm>> Acesso em: 06 Jan. 2020.

MARTINEZ, M.C.; LATORRE, M.R.D.O.; FISHER, F.M. Estressores afetando a capacidade para o trabalho em diferentes grupos etários na Enfermagem: seguimento de 2 anos. *Ciênc. saúde coletiva*, v.22, n.5, pp.1589-1600, 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v22n5/1413-8123-csc-22-05-1589.pdf>> Acesso em: 01 Jan. 2020.

MARZIALE, M.H.P.; RODRIGUES, C.M. A produção científica sobre os acidentes de trabalho com material perfurocortante entre trabalhadores de enfermagem. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, Ribeirão Preto, v.10, n.4, pp.571-577, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v10n4/13370.pdf>> Acesso em: 27 Jan. 2019.

MASLACH, C.; LEITER, M. *The truth about burnout: how organizations cause personal stress and what to do about it*. San Francisco: Jossey-Bass Publishers, 1997.

MASLACH, C.; JACKSON, S.E. The measurement of experienced *burnout*. *Journal of occupational behavior*, Califórnia, v. 2, p. 99-113, 1981. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/job.4030020205/pdf>> Acesso em: 29 Jan. 2019.

MOURA, R.S. *et al.* Estresse, burnout e depressão nos auxiliares e técnicos em enfermagem das unidades de terapia intensiva. *Revista Eletrônica trimestral de Enfermaria*, n.54, pp. 94-108, 2019. Disponível em: <<https://revistas.um.es/global/article/view/337321/258121>> Acesso em: 09 Dez. 2019.

NOGUEIRA, L.S. *et al.* Ambiente de trabalho de *Burnout* e enfermagem em instituições de saúde pública. *Isso. Bras. Enferm.*, v.71, n.2, pp. 358-365, 2018. Disponível em: <[http://www.scielo.br/pdf/reben/v71n2/pt\\_0034-7167-reben-71-02-0336.pdf](http://www.scielo.br/pdf/reben/v71n2/pt_0034-7167-reben-71-02-0336.pdf)> Acesso em: 04 Abr. 2018.

NOGUEIRA, L.S. *et al.* Burnout e ambiente de trabalho de enfermeiros em instituições públicas de saúde, *Rev Bras Enferm.*, v. 71, n. 2, pp. 358-365, 2018. Disponível em: <[http://www.scielo.br/pdf/reben/v71n2/pt\\_0034-7167-reben-71-02-0336.pdf](http://www.scielo.br/pdf/reben/v71n2/pt_0034-7167-reben-71-02-0336.pdf)> Acesso em: 06 Jan. 2020.

ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE LA SALUD, *Plan de acción sobre salud mental 2013-2020*. Ginebra, 2013. Disponível em: <[http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/97488/1/9789243506029\\_spa.pdf](http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/97488/1/9789243506029_spa.pdf)> Acesso em: 28 Jan. 2019.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Classificação estatística internacional de doenças e problemas relacionados à saúde, décima revisão (CID-10) (8ª ed.)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, Saúde Mental, *Folha informativa – Depressão, 2018*. Disponível em: <[https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=category&layout=blog&id=1257&Itemid=826](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=1257&Itemid=826)> Acesso em: 01 Abr. 2019.

OTTATI, F.; FREITAS, V. Avaliação da Qualidade de Vida e vulnerabilidade ao estresse no contexto hospitalar. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, Londrina, v. 4, n. 1, p. 15-29, 2013. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/eip/v4n1/a03.pdf>> Acesso em: 01 Abr. 2018.

PEREIRA, M.M.A.; GOMES, A.R.S. Stress, *burnout* e avaliação cognitiva: estudo na classe de enfermagem. *Arq. Bras. Psicol.*, Rio de Janeiro, v.68, n.1, 2016. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arbp/v68n1/v68n1a07.pdf>> Acesso em: 10 Fev. 2019.

PEREIRA, I.F. *et al.* Depressão e uso de medicamentos em profissionais de enfermagem. *Arq. Ciênc. Saúde*, v. 24, n. 1, pp. 70-74, 2017. Disponível em: <<http://www.cienciasdasaude.famerp.br/index.php/racs/article/view/544/278>> Acesso em: 06 Dez. 2019.

PORTER, W.D. *et al.* 12-month trajectories of depressive symptoms among nurses—Contribution of personality, job characteristics, coping, and burnout. *Journal of Affective Disorders*, v. 234, pp. 67-73, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.jad.2018.02.090>> Acesso em: 06 Jan. 2020.

POZZEBON, D. *et al.* Relação entre estresse percebido, ansiedade, depressão e dor craniocervical em profissionais de enfermagem em estresse no trabalho. *Fisioter. Mov.*, v.29, n.2, pp. 377-385, 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/fm/v29n2/1980-5918-fm-29-02-00377.pdf>> Acesso em: 02 Abr. 2019.

RASHIDAZAR, S.; ALIMOHAMMADZADEH, K.; AKHYANI, N. Investigation of the relationship between structural empowerment and reduction of nurses' occupational stress and job burnout (case study: nurses of public hospitals in Tehran). *Revista Latinoamericana de Hipertensión*, v.13, n.6, pp. 547-553, 2018. Disponível em: <[http://www.revhipertension.com/rlh\\_6\\_2018/9\\_investigation\\_of\\_the\\_relationship\\_between.pdf](http://www.revhipertension.com/rlh_6_2018/9_investigation_of_the_relationship_between.pdf)> Acesso em: 03 Jan. 2020.

RIBEIRO, R.P. *et al.* Prevalência da Síndrome Metabólica entre trabalhadores de Enfermagem e associação com estresse ocupacional, ansiedade e depressão. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*, v.23, n.3, pp. 435-440, 2015. Disponível em: <[http://www.scielo.br/pdf/rlae/2015nahead/pt\\_0104-1169-rlae-0383-2573.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rlae/2015nahead/pt_0104-1169-rlae-0383-2573.pdf)> Acesso em: 01 Jan. 2020.

RISSARDO, M.P.; GASPARINO, R.C. Exaustão emocional em enfermeiros de um hospital público. *Esc Anna Nery*, v.17, n.1, pp. 128-132, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/eann/v17n1/18.pdf>> Acesso em: 01 Abr. 2019.

RODRIGUES, E.P. *et al.* Prevalência de transtornos mentais comuns em trabalhadores de enfermagem em um hospital da Bahia. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 67, n. 2, pp. 296-301, 2014. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/2670/267030687019.pdf>> Acesso em: 05 Dez. 2019.

ROQUE, H. *et al.* Estresse ocupacional e satisfação dos usuários com os cuidados de saúde primários em Portugal. *Ciênc. Saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v.20, n.10, pp.3087-397, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v20n10/1413-8123-csc-20-10-3087.pdf>> Acesso em: 05 Fev. 2019.

ROSS, R. *et al.* Systemic assessment of depressive symptoms among registered nurses: a new situation-specific theory. *Nursing outlook*, v. 8, n. 7, 2019. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.outlook.2019.08.007>. Acesso em: 23 Dez. 2019.

RUEDA, F. J. *et al.* Escala de Suporte Laboral (ESUL) e Escala de Satisfação no Trabalho: evidências de validade. *Isso. Avaliação Psicológica*, v. 9, n. 3, pp. 479-488, 2010.

SANTANA, L.L. *et al.* Indicadores de saúde dos trabalhadores da área hospitalar. *Revista Bras. Enfermagem*, Brasília, v. 69, n. 1, pp. 30-39, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v69n1/0034-7167-reben-69-01-0030.pdf> Acesso em: 26 Jan. 2019.

SANTOS, N.A.R. *et al.* Estratégias de enfrentamento utilizadas pelos enfermeiros em cuidados paliativos oncológicos: revisão integrativa. *Cogitare Enferm.*, v. 21, n. 3, pp. 01-08, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/45063/pdf> Acesso em: 09 Dez. 2019.

SAQUIB, N. *et al.* Associação de insatisfação cumulativa no trabalho com depressão, ansiedade e estresse entre enfermeiros expatriados na Arábia Saudita. *Journal of Nursing Management*, v.27, n.4, pp.740-748, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/jonm.12762> Acesso em: 04 Jan. 2020.

SARAFIS, P. *et al.* The impact of occupational stress on nurses' caring behaviors and their health related quality of life. *BMC Nursing*, v.15, n.56, 2016. Disponível em: <https://bmcnurs.biomedcentral.com/articles/10.1186/s12912-016-0178-y> Acesso em: 05 Fev. 2019.

SEMMER, N.K. *et al.* Illegitimate tasks as a source of work stress. *Work & Stress*, v. 29, n. 1, pp.32-56, 2015. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/02678373.2014.1003996?needAccess=true> Acesso em: 05 Fev. 2019.

SCHMIDT, D.R.C. *et al.* Estresse Ocupacional entre profissionais de enfermagem do bloco cirúrgico. *Texto Contexto Enfermagem*, Florianópolis, v.18, n.2, pp.330-337, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v18n2/17.pdf> Acesso em: 20 Jan. 2019.

SENA, A.F.J. *et al.* Estresse e ansiedade em trabalhadores de enfermagem no âmbito hospitalar. *J Nurs Health*, v.5, n.1, pp. 27-37, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/enfermagem/article/view/5089/4298> Acesso em: 02 Abr. 2019.

SHARMA, P. *et al.* Occupational stress among staff nurses: Controlling the risk to health. *Indian J. Occup. Environ. Med.*, v.18, n.2, pp. 52-56, 2014. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4280777/> Acesso em: 05 Fev. 2019.

SILVA, C.D.L.; PINTO, W.M. Riscos ocupacionais no ambiente hospitalar: fatores que favorecem a sua ocorrência na equipe de enfermagem. *Saúde Coletiva em Debate*, Serra Talhada, v.2, n.1, pp. 29-62, 2012. Disponível em: <http://fis.edu.br/revistaenfermagem/artigos/vol02/artigo10.pdf> Acesso em: 05 Fev. 2019.

SILVA, D.S.D. *et al.* Depressão e risco de suicídio entre profissionais de Enfermagem: revisão integrativa. *Rev. Esc. Enferm. USP*, v.49, n. 6, pp. 1027-1036, 2015. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/reeusp/article/view/108430/106739>> Acesso em: 09 Dez. 2019.

SISTO, F. F. *et al.* *Escala de Vulnerabilidade ao Estresse no Trabalho* (EVENT). São Paulo: Ed. Vetor, 2007.

SISTO, F. F. *et al.* Análise Fatorial da Escala de Vulnerabilidade ao Estresse no Trabalho (EVENT). *Psicologia para a América Latina*, México, n. 15, 2008. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1870350X2008000400011&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870350X2008000400011&lng=pt&nrm=iso)> Acesso em: 13 Fev. 2019.

SOARES, J.P. *et al.* Qualidade de Vida, Estresse, Nível de Atividade Física e Cronotipo dos Auxiliares/Técnicos de Enfermagem em Unidades de Pronto Atendimento em Palmas/TO. *Revista CPAQV*, v.9, n.1, pp.9, 2017. Disponível em: <<http://www.cpaqv.org/revista/CPAQV/ojs2.3.7/index.php?journal=CPAQV&page=article&op=view&path%5B%5D=180&path%5B%5D=141>> Acesso em: 08 Fev. 2019.

SUEHIRO, A.C.B. *et al.* Vulnerabilidade ao Estresse e Satisfação no trabalho em profissionais do Programa de Saúde da Família. *Boletim de Psicologia*, São Paulo, v. 68, n. 129, pp. 205-218, 2008. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bolpsi/v58n129/v58n129a08.pdf>> Acesso em: 26 Jan. 2019.

SUGUWARA, N. *et al.* Work–family conflict as a mediator between occupational stress and psychological health among mental health nurses in Japan. *Neuropsychiatr. Dis Treat*, v.13, pp.779–784, 2017. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5356920/>> Acesso em: 05 Fev. 2019.

TRAN, T.T.T. *et al.* Stress, anxiety and depression in clinical nurses in Vietnam: a cross-sectional survey and cluster analysis. *Int J Ment Health Syst*, v.13, n.3, pp.1-11, 2019. Disponível em: <<https://link.springer.com/content/pdf/10.1186%2Fs13033-018-0257-4.pdf>> Acesso em: 03 Jan. 2020.

TRIGO, T.R. *et al.* The Influence of Depression on the Psychometric Properties of the Maslach Burnout Inventory–Human Services Survey: A Cross-Sectional Study With Nursing Assistants, *Front Psychiatry*, v. 9, 2018. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6305309/>> Acesso em: 06 Jan. 2020.

TRINDADE, L.L. *et al.* Absenteísmo na equipe de enfermagem no ambiente hospitalar. *Revista Electrónica Trimestral de Enfermería*, Murcia, v.13, n.4,2014. Disponível em: <<http://revistas.um.es/eglobal/article/view/181541/166581>> Acesso em: 25 Jan. 2019.

TSARAS, K. *et al.* Predicting Factors of Depression and Anxiety in Mental Health Nurses: A Quantitative Cross-Sectional Study. *Journal list, Med Arch*, v.72, n.1, pp.62-67, 2018. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5789556/>> Acesso em: 04 Jan. 2020.

UENO, L.G.S. *et al.* Estresse Ocupacional: Estressores referidos pela equipe de enfermagem. *Revista de Enfermagem UFPE*, Recife, v.11, n.4, pp.1632-1638, 2017. Disponível em:

<<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/15232/18002>> Acesso em: 09 Fev. 2019.

VASCONCELOS, E.M.; MARTINO, M.M.F.; FRANÇA, S.P.S. Burnout and depressive symptoms in intensive care nurses: relationship analysis, *Rev Bras Enferm.*, v. 71, n. 1, pp. 135-141, 2018. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v71n1/0034-7167-reben-71-01-0135.pdf>> Acesso em: 06 Jan. 2020.

VIDOTTI, V. *et al.* Burnout Syndrome and shift work among the nursing staff. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*, v. 26, pp. 1-10, 2018. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v26/0104-1169-rlae-26-e3022.pdf>> Acesso em: 04 Abr. 2019.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Depression and Other Common Mental Disorders - Global Health Estimates*, 2017. Disponível em: <<https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/254610/WHO-MSD-MER-2017.2-eng.pdf?sequence=1>> Acesso em: 05 Dez. 2019.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir da realização deste estudo foi possível compreender um pouco mais sobre a temática dos estressores ocupacionais na área da enfermagem, uma vez que esta pesquisa contemplou um estudo de análise da literatura e uma investigação empírica. Ao investigar a literatura nacional de um período de dez anos (2008 a 2017), percebeu-se algumas limitações, principalmente em relação ao período selecionado e ao uso das bases de dados, que concentram em sua maioria periódicos nacionais. Presume-se que se fossem utilizadas palavras-chave em outros idiomas, a busca seria direcionada a uma quantidade maior de artigos que poderiam ser analisados com base nos critérios de inclusão. Consequentemente, alguns resultados poderiam ter sido mais significativos.

Uma importante contribuição da pesquisa na literatura foi observar a escassez de instrumentos brasileiros que avaliem os estressores ocupacionais, reforçando mais uma vez, a necessidade de desenvolver novas pesquisas que se proponham a construir e validar instrumentos específicos para estudar este público. Ademais, para que estratégias em promoção de saúde mental sejam estabelecidas e legitimadas na categoria em questão, é imprescindível o uso de recursos para primeiramente realizar um diagnóstico organizacional.

A pesquisa empírica proporcionou a ampliação do conhecimento no tocante aos estressores inerentes do contexto da enfermagem, bem como, aos indicadores de depressão, ansiedade, *burnout* e suporte laboral. Mesmo observado baixa presença de indicadores de ansiedade, depressão, *burnout* e vulnerabilidade ao estresse no trabalho, a coleta de dados possibilitou visualizar alguns possíveis fatores que corroboram para que as pesquisas com profissionais da enfermagem sejam tão relevantes e necessárias, tais como, a ideia de que fatores como a idade, tempo de atuação na função e instituição, possam ser fatores de risco ao estresse ocupacional e ansiedade, o que pode colocar o indivíduo em posição vulnerável ao desenvolvimento de outros quadros.

O maior desafio encontrado foi na adesão da pesquisa. Para obter uma amostra considerada grande, possibilitando a compreensão em maior proporção às variáveis analisadas, foram necessários longos períodos de permanência nas instituições. Foi percebido como limitação da pesquisa, o não acesso aos setores diretamente em uma instituição e em outra, onde a pesquisadora não teve acompanhamento com profissionais do local, especialmente no período vespertino. Além disso, as frequentes perguntas e discursos vivenciados frente aos trabalhadores ao preencherem os questionários, deram margem a algumas interpretações e indagações, sendo compreendido inúmeras vezes, que os mesmos poderiam não estar

respondendo com veracidade por temor de imagináveis consequências por parte da instituição, mesmo após explicado de diversas formas, sobre o compromisso ético, a justificativa da pesquisa e o sigilo das informações.

Contudo, acredita-se que a partir dos dados aqui analisados, os gestores e profissionais da Psicologia Organizacional e do Trabalho que atuam no contexto hospitalar, poderão refletir, e posteriormente viabilizar programas de prevenção e intervenção cujo foco seja a saúde mental e ocupacional dos trabalhadores da enfermagem, favorecendo o bem-estar aos mesmos e conseqüentemente, trazendo benefícios no atendimento aos usuários, bem como, corroborando para o desenvolvimento científico nessa temática.

## REFERÊNCIAS GERAIS

AHMED, M.; RAYAN, A.; KHALIL, M. Relationship between Job Stressors and Organizational Support among Jordanian Nurses. *American Journal of Nursing Research*, v. 4, n. 3, pp. 51-55, 2016. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/profile/Ahmad\\_Rayan/publication/304775993\\_Relationship\\_between\\_Job\\_Stressors\\_and\\_Organizational\\_Support\\_among\\_Jordanian\\_Nurses/links/577a30cc08ae355e74f05a9d/Relationship-between-Job-Stressors-and-Organizational-Support-among-Jordanian-Nurses.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Ahmad_Rayan/publication/304775993_Relationship_between_Job_Stressors_and_Organizational_Support_among_Jordanian_Nurses/links/577a30cc08ae355e74f05a9d/Relationship-between-Job-Stressors-and-Organizational-Support-among-Jordanian-Nurses.pdf)> Acesso em: 03 Jan. 2020.

ALVES, M.G.M. *et al.* Versão resumida da “job stress scale”: adaptação para o português. *Revista Saúde Pública*, v.38, n.2, pp. 164-171, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsp/v38n2/19774.pdf>> Acesso em: 05 Out. 2018.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). *Manual Diagnóstico Estatístico de Transtornos Mentais: DSM 5*. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. p. 125-190.

ANDERSON, M.I.P.; RODRIGUES, R.D. O paradigma da complexidade e os conceitos da Medicina Integral: saúde, adoecimento e integralidade. *Revista do Hospital Universitário Pedro Ernesto*, v. 15, n.3, pp. 242-252, 2016. Disponível em: < <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistahupe/article/view/29450/23247>> Acesso em: 02 Jan. 2019.

ANDOLHE, R. *et al.* Estresse, coping e *burnout* da Equipe de Enfermagem de Unidades de Terapia Intensiva: fatores associados. *Rev. Esc. Enferm. USP*, v. 49, pp. 58-64, 2015. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v49nspe/1980-220X-reeusp-49-spe-0058.pdf>> Acesso em: 05 Out. 2018.

ANDRADE, D.L.B. *et al.* Estresse na equipe de enfermagem de emergência. Uma revisão de literatura. *Revista Digital*, v.17, n.178, 2013. Disponível em: <<https://www.efdeportes.com/efd178/estresse-na-equipe-de-enfermagem-de-emergencia.htm>> Acesso em: 10 Jul. 2019.

ANDRADE, K.O.; ANDRADE, P.O.; LEITE, L.F. Qualidade de vida dos trabalhadores na área da saúde: revisão de literatura. *Revista Científica do ITPAC*, Araguaína, v.8, n.1, Pub.1, 2015. Disponível em:< <https://assets.itpac.br/arquivos/coppex/revista%20volume%208/artigo1.pdf>> Acesso em: 03 Out. 2018.

ANDRADE, V.L.P.; PÉREZ-NEBRA, A.R. Suporte Social e Estresse no Trabalho: uma Análise com Métodos Mistos. *Contabilidade, Gestão e Governança*, Brasília, v. 2, n. 3, p. 442-462, 2017. Disponível em: <<https://www.revistacgg.org/contabil/article/view/1296/pdf>> Acesso em: 09 Dez. 2019.

ASCARI, R.A.; SCHMITZ, S.S.; SILVA, O.M. Prevalência de doenças ocupacionais em profissionais da enfermagem: revisão de literatura. *Revista UNINGÁ Review*, v.15, n.2, pp.26-31, 2013. Disponível em: < <http://revista.uninga.br/index.php/uningareviews/article/view/1449/1065>> Acesso em: 08 Set. 2018.

AZEVEDO, V.G.B. *et al.* Estresse ocupacional em profissionais de enfermagem que atuam em unidades de urgência e emergência. *R. Interd.*, v. 10, n. 4, p. 112-124, 2017. Disponível em: <<https://revistainterdisciplinar.uninovafapi.edu.br/index.php/revinter/article/view/1339>> Acesso em: 16 Set. 2018.

AZEVEDO, B.D.S.; NERY, A.A.; CARDOSO, J.P. Estresse ocupacional e insatisfação com a qualidade de vida no trabalho da enfermagem. *Revista Texto Contexto Enferm*, Florianópolis, v. 26, n.1, pp.1-11, 2017. Disponível em: <[http://www.scielo.br/pdf/tce/v26n1/pt\\_1980-265X-tce-26-01-e3940015.pdf](http://www.scielo.br/pdf/tce/v26n1/pt_1980-265X-tce-26-01-e3940015.pdf)> Acesso em: 06 Jan. 2019.

BANDASSOLLI, P.F.; ALVES, J.S.C.; TORRES, C.C. Inventário sobre significado do trabalho de profissionais de indústrias criativas. *Avaliação Psicológica*, v.13, n.2, pp. 177-186, 2014. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5115058>> Acesso em: 05 Jan. 2019.

BAPTISTA, M. N.; GOMES, J. O. Escala Baptista de Depressão (Versão Adulto) - EBADEP-A: evidências de validade de construto e de critério. *Psico-USF*, Itatiba, v. 16, n.2, pp.151-161, 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141382712011000200004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141382712011000200004&lng=en&nrm=iso)> Acesso em: 13 Dez. 2018.

BAPTISTA, M.N.; CARDOSO, H.F.; GOMES, J.O. Escala Baptista de Depressão (Versão Adulto) – EBADEP-A: validade convergente e estabilidade temporal. *Rev. Psico-USF*, Bragança Paulista, v. 17, n. 3, pp. 407-416, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pusf/v17n3/07.pdf>> Acesso em: 10 Dez. 2018.

BAPTISTA, M. N. *Escala Baptista de Depressão – Versão Adulto (EBADEP-A)*. São Paulo: Vetor Editora, 2012.

BAPTISTA, M. N. *et al.* *Escala de Suporte Laboral (ESUL)*. Relatório técnico não publicado. Universidade São Francisco, Itatiba, 2012.

BAPTISTA, M. N. *et al.* *Escala de Suporte Laboral*. São Paulo: Editora Hogrefe, 2016.

BARDAQUIM, V.A.; SANTOS, S.V.M.; ROBAZZI, M.L.C.C. Evidências científicas sobre fatores de ansiedade e depressão entre trabalhadores de enfermagem. *Revista de enfermería basada en la evidencia*, ISSN-e 1697-638X, v. 14, n. 1, 2017.

BARDAQUIM, V.A. *Ansiedade, Depressão, Estresse e níveis de cortisol capilar em trabalhadores de enfermagem do serviço hospitalar*. 2019. 160 f. Tese (Doutorado em Ciências) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, São Paulo. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/22/22132/tde-07082019-182114/publico/VANESSAAUGUSTOBARDAQUIM.pdf>> Acesso em: 10 Dez. 2019.

BELANCIERI, M.F; BIANCO, M.H.B.C. Enfermagem: estresse e repercussões psicossomáticas em trabalhadores da área da enfermagem de um hospital universitário. *Rev. Texto e Contexto Enfermagem*, Santa Catarina, v.13, n.21, pp.124-131, 2004. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/714/71413117.pdf>> Acesso em: 08 Jul. 2018.

BERTONCELLO, B.; BORGES-ANDRADE, J.E. Relações entre suporte organizacional e saúde mental do trabalhador. *R. Laborativa*, v. 4, n. 2, p. 85-102, 2015. Disponível em: <<http://ojs.unesp.br/index.php/rlaborativa>> Acesso em: 09 Dez. 2019.

BERTUSSI, V.C. *et al.* Substâncias psicoativas e saúde mental em profissionais de enfermagem da Estratégia Saúde da Família. *Rev. Eletr. Enf.*, v. 20, n.21, pp.1-9, 2018. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fen/article/view/47820/26403>> Acesso em: 09 Dez. 2019.

BEZERRA, F.N.; SILVA, T.M.; RAMOS, V.P. Estresse ocupacional dos enfermeiros de urgência e emergência: Revisão Integrativa da Literatura. *Acta Paul Enferm.*, v. 25, n.2, pp.151-6, 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/pdf/ape/v25nspe2/pt\\_24.pdf](http://www.scielo.br/pdf/ape/v25nspe2/pt_24.pdf)> Acesso em: 10 Jul. 2019.

BIANCHI, E.R.F. Escala Bianchi de Stress. *Rev. Esc. Enferm. USP*, v.43, (Esp), pp. 1055-1062, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reusp/v43nspe/a09v43ns.pdf>> Acesso em: 06 Out. 2018.

BIANCHI, E.R.F. *Stress entre enfermeiros hospitalares*. 1999.101 f. Tese (Livre Docência em Enfermagem) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

BIGHETTI, C. A.; ALVES, G. A. S.; BAPTISTA, M. N. Escala Baptista de Depressão (EBADEP-A): evidências de validade com o Big Five. *Avaliação Psicológica*, Itatiba, v. 13, n. 1, pp. 29-36, 2014. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S167704712014000100005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167704712014000100005&lng=pt&nrm=iso)> Acesso em: 13 Jan. 2019.

BRASIL, CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM. *Perfil da enfermagem no Brasil*, 2013. Disponível em: <[http://www.cofen.gov.br/perfilenfermagem/blocoBr/QUADRO%20RESUMO\\_Brasil\\_Final.pdf](http://www.cofen.gov.br/perfilenfermagem/blocoBr/QUADRO%20RESUMO_Brasil_Final.pdf)> Acesso em: 15 Set. 2018.

BRASIL, Ministério da Saúde, Fundação Oswaldo Cruz. *Pesquisa inédita traça perfil da enfermagem no Brasil*, 2015. Disponível em: <<https://portal.fiocruz.br/noticia/pesquisa-inedita-traca-perfil-da-enfermagem-no-brasil>> Acesso em: 15 Set. 2018.

CAHÚ, R.A.G. *et al.* Estresse e qualidade de vida em residência multiprofissional em saúde. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, Campinas, v. 10, n. 2, p.76-83, 2014. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-56872014000200003](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872014000200003)> Acesso em: 08 Mai. 2018.

CAMPOS, I.C.M. *et al.* Fatores Sociodemográficos e Ocupacionais Associados à Síndrome de Burnout em Profissionais de Enfermagem. *Psychology/Psicologia Reflexão e Crítica*, v. 28, n.4, pp. 764-771, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v28n4/0102-7972-prc-28-04-00764.pdf>> Acesso em: 05 Dez. 2019.

CARAYON, P.; SMITH, M.,J; HAIMS, M.,C. Work organization, job stress, and work-related musculoskeletal disorders. *Hum. Factors*, Texas, v. 41, pp. 644-663, 1999.

CARDOSO, H.F.; BAPTISTA, M.N. Escala de Suporte Laboral: Correlação com suporte social, estresse e suporte organizacional. *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho*, v.15,

n. 4, pp. 374-383, 2015. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpot/v15n4/v15n4a05.pdf>> Acesso em: 02. Jan. 2019.

CARDOSO, H. F.; BAPTISTA, M. N.; CARLOTTO, M. S. *Escala Brasileira de Burnout*. Manual técnico não publicado, 2017.

CARDOSO, H., F. *et al.* Síndrome de *Burnout*: Análise da literatura nacional entre 2006 e 2015. *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho*, Brasília, v. 17, n. 2, pp. 121-128, 2017. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpot/v17n2/v17n2a07.pdf>> Acesso em: 02. Jan. 2019.

CARVALHO, Tânia Mari Reis. *Ansiedade, Depressão e Habilidades de Vida em enfermeiros de UTI de um hospital escola*. 2018. 60 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia e Saúde) – Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto, São José do Rio Preto, São Paulo. Disponível em: <[http://bdtd.famerp.br/bitstream/tede/444/2/TaniaMariCarvalho\\_dissert.pdf](http://bdtd.famerp.br/bitstream/tede/444/2/TaniaMariCarvalho_dissert.pdf)> Acesso em: 09 Dez. 2019.

CHOR, D. *et al.* The Brazilian version of the effort-reward imbalance questionnaire to assess job stress. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 24, n.1, pp.219-224, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v24n1/21.pdf>> Acesso em: 06 Out. 2018.

CREEDY, D.K. *et al.* Prevalence of burnout, depression, anxiety and stress in Australian midwives: a cross-sectional survey. *BMC Pregnancy Childbirth*, v.17, n.13, 2017. Disponível em: <<https://bmcpregnancychildbirth.biomedcentral.com/articles/10.1186/s12884-016-1212-5#citeas>> Acesso em: 05 Jan. 2020.

DANCEY, C. P.; REIDY, J. *Estatística sem Matemática para Psicologia: usando SPSS para Windows*. 3 a ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DELGADO, S.E. Atuação fonoaudiológica na Unidade De Terapia Intensiva em bebê com síndrome de pterígeo poplíteo. *Revista Soc. Bras. Fonoaudiol*, São Paulo, v. 14, n. 1, p.123-128, 2009. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-80342009000100019&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-80342009000100019&script=sci_abstract&tlng=pt)> Acesso em: 05 Mai. 2018.

DIAS, D.S.; RESENDE, M.V.; DINIZ, G.C.L.M. Estresse do paciente na terapia intensiva: comparação entre unidade coronariana e pós-operatória geral. *Revista Bras. Ter. Intensiva*, São Paulo, v. 27, n.1, p.18-25, 2015. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-507X2015000100018&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-507X2015000100018&script=sci_abstract&tlng=pt)> Acesso em: 05 Mai. 2018.

EISENBERGER, R. *et al.* Perceived organizational support. *Journal of Applied Psychology*, USA, v. 71, n. 3, pp. 500-507, 1986. Disponível em: <[http://classweb.uh.edu/eisenberger/wp-content/uploads/sites/21/2015/04/22\\_Perceived\\_Organizational\\_Support.pdf](http://classweb.uh.edu/eisenberger/wp-content/uploads/sites/21/2015/04/22_Perceived_Organizational_Support.pdf)> Acesso em: 05 Fev. 2018.

FALCONE, E. M. O. *et al.* Construção e validade de conteúdo da escala cognitiva de ansiedade em adultos. *Psicol. Pesq.*, Juiz de fora, v. 10, n. 1, pp. 85-93, 2016. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=s1982-12472016000100011&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s1982-12472016000100011&lng=pt&nrm=iso) Acesso: 25 Dez. 2019.

FARIAS, S.M.C. *et al.* Caracterização dos sintomas físicos de estresse na equipe de pronto atendimento. *Rev. Esc. Enfermagem USP*, São Paulo, v.45, n.3, p.722-729, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v45n3/v45n3a25.pdf>> Acesso em: 05 Jul. 2018.

FARO, A; PEREIRA, M.E. Estresse: revisão narrativa da evolução conceitual, perspectivas teóricas e metodológicas. *Psicologia, Saúde e Doenças*, v.1, n.14, pp. 78-100, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.mec.pt/pdf/psd/v14n1/v14n1a06.pdf>> Acesso em: 05 Jun. 2019.

FAVERO, L.; JANSEN, M. F.; SANTOS, R. M. Benefícios da utilização do brinquedo durante o cuidado de enfermagem prestado à criança hospitalizada. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, Porto Alegre, v.31, n.2, p. 247-253, 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1983-14472010000200007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-14472010000200007)> Acesso em: 10 Mai. 2018.

FERNANDES, B.M.A. *et al.* Ansiedade em técnicos de enfermagem da atenção básica. *Revista Eletrônica Trimestral de Enfermaria*, v.17, n.3, pp.101-111, 2018. Disponível em: <<https://revistas.um.es/eglobal/article/view/289541/230201>> Acesso em: 01 Ago. 2019.

FERNANDES, M.A. *et al.* Transtornos mentais e comportamentais em trabalhadores: estudo sobre os afastamentos laborais. *Rev. Esc. Enferm. USP*, v. 52, pp. 1-8, 2018. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v52/1980-220X-reeusp-52-e03396.pdf>> Acesso em: 28 Mar. 2019.

FERREIRA, N.N.; LUCCA, S.R. Síndrome de *burnout* em técnicos de enfermagem de um hospital público do Estado de São Paulo. *Rev. Bras. Epidemiologia*, v. 18, n. 1, pp. 68-79, 2015. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1415-790X2015000100068&script=sci\\_abstract](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1415-790X2015000100068&script=sci_abstract)> Acesso em: 05 Out. 2018.

FERREIRA, T. S. *et al.* Efectos de un turno de 12 horas en los estados de ánimo y somnolencia de las enfermeras de la Unidad de Cuidados Intensivos Neonatales. *Rev. Esc. Enferm. USP*, v. 51, pp. 1-7, 2017. Disponível em: <[http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v51/es\\_1980-220X-reeusp-51-e03202.pdf](http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v51/es_1980-220X-reeusp-51-e03202.pdf)> Acesso em: 05 Out. 2018.

FRANÇA, F. M. *Burnout* e os aspectos laborais na equipe de enfermagem de dois hospitais de médio porte. *Rev. Latino-Am. Enfermagem USP*, v. 20, n. 5, 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/pdf/rlae/v20n5/pt\\_19.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rlae/v20n5/pt_19.pdf)>. Acesso em: 09 Set. 2018.

FREITAS, A.R. *et al.* Impact of a physical activity program on the anxiety, depression, occupational stress and *burnout* syndrome of nursing professionals. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*, Ribeirão Preto, v.22, n.2, pp.332-336, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v22n2/0104-1169-rlae-22-02-00332.pdf>> Acesso em 05 Fev. 2019.

FREITAS, G.R.; CALAIS, S.L.; CARDOSO, H.F. Estresse, ansiedade e qualidade de vida em professores: efeitos do relaxamento progressivo. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 22, n. 2, pp. 319-326, 2018. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v22n2/2175-3539-pee-22-02-319.pdf>> Acesso em: 01 Abr. 2019.

GHAZWAN, M.Y. *et al.* The Association between Life Satisfaction and the Extent of Depression, Anxiety and Stress among Iranian Nurses: A Multicenter Survey. *Iran J*

*Psychiatry*, v.11, n.2, pp. 120–127, 2016. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4947220/>> Acesso em: 05 Jan. 2020.

GOULART-JUNIOR, E. *et al.* Trabalho e estresse: Identificação do estresse e dos estressores ocupacionais em trabalhadores de uma unidade administrativa de uma instituição pública de ensino superior (IES). *Revista Gestão Universitária na América Latina - GUAL*, Santa Catarina, v. 7, n. 1, p. 1-17, 2014. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/3193/319330058002.pdf>> Acesso em: 05 Fev. 2018.

GREENBERG, J.S. *Administração do Estresse*. 6a ed. Traduzido por Dayse Batista. São Paulo: Manole, 2002.

GHERARDI-DONATO, E.C.S. *et al.* Associação entre depressão e estresse laboral em profissionais de enfermagem de nível médio. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*, v. 23, n. 4, pp. 733-740, 2015. Disponível em: <[http://www.scielo.br/pdf/rlae/v23n4/pt\\_0104-1169-rlae-23-04-00733.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rlae/v23n4/pt_0104-1169-rlae-23-04-00733.pdf)> Acesso em: 02 Abr. 2019.

GOMES, E.T. *et al.* Ansiedade e medo em enfermagem médico-cirúrgica. *Enfermagem Brasil*, v.13, n.1, pp. 49-54, 2014. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/profile/Eduardo\\_Tavares\\_Gomes/publication/289672906\\_Ansiedade\\_e\\_medo\\_em\\_enfermagem\\_medico-cirurgica/links/5691605808aed0aed81496d5.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Eduardo_Tavares_Gomes/publication/289672906_Ansiedade_e_medo_em_enfermagem_medico-cirurgica/links/5691605808aed0aed81496d5.pdf)> Acesso em: 02 Abr. 2019.

GOMES, R.K.; OLIVEIRA, V.B. Depressão, ansiedade e suporte social em profissionais da enfermagem. *Boletim de Psicologia*, v. 63, n. 138, pp. 23-33, 2013. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bolpsi/v63n138/v63n138a04.pdf>> Acesso em: 02 Jan. 2020.

GONÇALVES, A. *et al.* *Estresse e Burnout em Profissionais de Saúde*. In: Arezes P. *et al.* (eds) *Segurança e Saúde Ocupacional e Ambiental. Estudos em Sistemas, Decisão e Controle*, v. 202, Springer, 2019. [https://doi.org/10.1007/978-3-030-14730-3\\_60](https://doi.org/10.1007/978-3-030-14730-3_60).

GUERRER, F.J.L.; BIANCHI, E.R.F. Caracterização do estresse nos enfermeiros de Unidades de Terapia Intensiva. *Rev. Esc. Enferm. USP*, São Paulo, v.42, n.2, pp.355-362, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v42n2/a19.pdf>> Acesso em: 05 Jul. 2018.

GUIRARDELLO, E.B. Impact of critical care environment on *burnout*, perceived quality of care and safety attitude of the nursing team. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*, Ribeirão Preto, v.25, pp. 1-7, 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v25/0104-1169-rlae-25-e2884.pdf>> Acesso em: 10 Fev. 2019.

GREENGLASS, E.R.; BURKE, R.J. Stress and effects of Hospital Restructuring in nurses. *Canadian Journal of Nursing Research Archive*, Canada, v. 33, n.2, pp.93-108, 2001. Disponível em: <<http://cjr.archive.mcgill.ca/article/view/1637/1637>> Acesso em: 05 Fev. 2019.

HAO, J. *et al.* Association between Work-Family Conflict and Depressive Symptoms among Chinese Female Nurses: The Mediating and Moderating Role of Psychological Capital, *Int. J. Environ. Res. Public Health*, v.12, n. 6, pp. 6682-6699, 2015. Disponível em: <<https://www.mdpi.com/1660-4601/12/6/6682/htm>> Acesso em: 06 Jan. 2020.

HORA, K.P.H.S.; FERREIRA, M.G.L.; SILVA, A.P.F. Elementos desencadeadores de estresse no trabalho do enfermeiro hospitalar: uma revisão integrativa de literatura. *Cadernos de Graduação - Ciências Biológicas e da Saúde*, Maceió, v. 1, n.2, p. 167-180, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.set.edu.br/index.php/fitsbiosauade/article/view/1227/617>> Acesso em: 10 Jul. 2019.

HUANG, C.L. *et al.* Risks of treated anxiety, depression, and insomnia among nurses: A nationwide longitudinal cohort study. *Plos One*, v. 13, n. 9 [e0204224], 2018. Disponível em: <<https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0204224>> Acesso em: 04 Jan. 2020.

JODAS, D.A.; HADDAD, M.C.L. Síndrome de *Burnout* em trabalhadores de enfermagem de um pronto socorro de hospital universitário. *Acta Paul Enferm.*, v. 22, n.2, pp. 192-197, 2009. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-21002009000200012&script=sci\\_abstract&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-21002009000200012&script=sci_abstract&lng=pt)> Acesso em: 05 Out. 2018.

KARASEK, R.A. *Job Content Questionnaire and User's Guide*. University of Massachusetts, 1985.

KHRAIS, H. *et al.* Impact of Organizational Support on Nursing Job Stressors: A Comparative Study. *Health Science Journal*, v. 12, n.4, pp.1-6, 2018. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/profile/Manal\\_Ahmed\\_Higazee2/publication/327700072\\_Impact\\_of\\_Organizational\\_Support\\_on\\_Nursing\\_Job\\_Stressors\\_A\\_Comparative\\_Study/links/5ba92c53a6fdccd3cb6f89e0/Impact-of-Organizational-Support-on-Nursing-Job-Stressors-A-Comparative-Study.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Manal_Ahmed_Higazee2/publication/327700072_Impact_of_Organizational_Support_on_Nursing_Job_Stressors_A_Comparative_Study/links/5ba92c53a6fdccd3cb6f89e0/Impact-of-Organizational-Support-on-Nursing-Job-Stressors-A-Comparative-Study.pdf)> Acesso em: 03 Jan. 2020.

KHAMISA, N. *et al.* Work Related Stress, *Burnout*, Job Satisfaction and General Health of Nurses. *Int. J. Environ. Res. Public Health*, v.12, n.1, pp. 652-666, 2015. Disponível em: <<http://www.mdpi.com/1660-4601/12/1/652/htm>> Acesso em: 05 Fev. 2019.

KHODADADI, E. *et al.* The relation of depression, anxiety and stress with personal characteristics of nurses in hospitals of Tabriz, Iran. *International Journal of Medical Research & Health Sciences*, v. 5, n. 5, pp. 140-148, 2016. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/profile/Esmail\\_Khodadadi2/publication/308969364\\_The\\_relation\\_of\\_depression\\_anxiety\\_and\\_stress\\_with\\_personal\\_characteristics\\_of\\_nurses\\_in\\_hospitals\\_of\\_Tabriz\\_Iran/links/57fb92bf08ae8da3ce60fc5e/The-relation-of-depression-anxiety-and-stress-with-personal-characteristics-of-nurses-in-hospitals-of-Tabriz-Iran.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Esmail_Khodadadi2/publication/308969364_The_relation_of_depression_anxiety_and_stress_with_personal_characteristics_of_nurses_in_hospitals_of_Tabriz_Iran/links/57fb92bf08ae8da3ce60fc5e/The-relation-of-depression-anxiety-and-stress-with-personal-characteristics-of-nurses-in-hospitals-of-Tabriz-Iran.pdf)> Acesso em: 04 Jan. 2020.

KORONAIYOU, P.; ANTONIOU, A.S. Investigating burnout/occupational stress in relation to emotional intelligence and coping strategies in Greek nurses. *Dialogues em Clinical Neuroscience & Mental Health*, v.1, n.1, pp.38-51, 2018. Disponível em: <<http://www.obrela-journal.gr/index.php/obrela/article/view/7/13>> Acesso em: 03 Jan. 2020.

LAEEQUE, S. H. *et al.* How Patient-Perpetrated Workplace Violence Leads to Turnover Intention Among Nurses: The Mediating Mechanism of Occupational Stress and Burnout. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma*, v. 27, n. 1, pp. 96-118, 2018. DOI: 10.1080/10926771.2017.1410751. Acesso em: 23 Dez. 2019.

LAING, S.; JONES, S.M.W. Anxiety and Depression Mediate the Relationship Between Perceived Workplace Health Support and Presenteeism. *Journal of Occupational and Environmental Medicine*, v. 58, n. 11, pp.1144–1149, 2016. Disponível em: <doi: 10.1097/JOM.0000000000000880> Acesso em: 06 Jan. 2020.

LENTHALL, S. *et al.* Reducing occupational stress among registered nurses in very remote Australia: A participatory action research approach. *Collegian*, v.25, n. 2, pp.181-191, 2018. Disponível em; < <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1322769617300926>> Acesso em: 05 Fev. 2019.

LI, H; CHENG, B; ZHU, X. P. Quantification of burnout in emergency nurses: A systematic review and meta-analysis. *International Emergency Nursing*, v. 39, n. 2, pp. 46-54, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.ienj.2017.12.005>. Acesso em: 23 Dez. 2019.

LIMA, M.B. *et al.* Agentes estressores em trabalhadores de enfermagem com dupla ou mais jornada de trabalho. *R. pesq.: cuid. fundam.*, v. 5, n.1, pp. 3259-3266, 2013. Disponível em:<<https://www.redalyc.org/html/5057/505750897010/>> Acesso em: 01 Abr. 2019.

LIPP, M.E.N. *Pesquisas sobre stress no Brasil: saúde, ocupações e grupos de risco*. Campinas: Papyrus, 1996.

LIPP, M.E.N.; COSTA, K.R.S.N.; NUNES, V.O. Estresse, qualidade de vida e estressores ocupacionais de policiais: Sintomas mais frequentes. *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho*, v.17, n.1, pp. 46-53, 2017. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpot/v17n1/v17n1a06.pdf&gt>> Acesso em: 11 Abr. 2019.

LIU, X.X. *et al.* Correlation between resilience and social support and anxiety in obstetric nurses. *Frontiers of Nursing*, v.1, pp. 311-316, 2018. Disponível em: < [https://content.sciendo.com/configurable/contentpage/journals\\$002ffon\\$002f5\\$002f4\\$002farticle-p311.xml?tab\\_body=pdf](https://content.sciendo.com/configurable/contentpage/journals$002ffon$002f5$002f4$002farticle-p311.xml?tab_body=pdf)> Acesso em: 06 Jan. 2020.

LIU, W. *et al.* Workplace violence, job satisfaction, burnout, perceived organisational support and their effects on turnover intention among Chinese nurses in tertiary hospitals: a cross-sectional study, *BMJ Open*, v.8 [e019525], 2018. Disponível em: <doi: 10.1136/bmjopen-2017-019525> Acesso em: 06 Jan. 2020.

MAHARAJ, S.; LEES, T.; LAL, S. Prevalence and Risk Factors of Depression, Anxiety, and Stress in a Cohort of Australian Nurses. *Int. J. Environ. Res. Public Health*, v.16, n. 61, pp.1-10, 2019. Disponível em: <<https://www.mdpi.com/1660-4601/16/1/61/htm>> Acesso em: 06 Jan. 2020.

MAIA, E. C *et al.* Avaliação do nível de estresse de equipe de enfermagem de serviço de atendimento móvel de urgência. *Rev. Pesqui. Cuid. Fundam.*, v. 4, n.4, pp. 3060-3068, 2012.

MARTINEZ, M.C.; LATORRE, M.R.D.O.; FISHER, F.M. Estressores afetando a capacidade para o trabalho em diferentes grupos etários na Enfermagem: seguimento de 2 anos. *Ciênc. saúde coletiva*, v.22, n.5, pp.1589-1600, 2017. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/csc/v22n5/1413-8123-csc-22-05-1589.pdf>> Acesso em: 01 Jan. 2020.

MARZIALE, M.H.P.; RODRIGUES, C.M. A produção científica sobre os acidentes de trabalho com material perfurocortante entre trabalhadores de enfermagem. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, Ribeirão Preto, v.10, n.4, pp.571-577, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v10n4/13370.pdf>> Acesso em: 27 Jan. 2019.

MASLACH, C.; LEITER, M. *The truth about burnout: how organizations cause personal stress and what to do about it*. San Francisco: Jossey-Bass Publishers, 1997.

MASLACH, C; JACKSON, S.E. The measurement of experienced *burnout*. *Journal of occupational behavior*, Califórnia, v. 2, p. 99-113, 1981. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/job.4030020205/pdf>> Acesso em: 02 Jan. 2019.

MELO, L.P. *et al.* Estratégias de enfrentamento (coping) em trabalhadores: revisão sistemática da literatura nacional. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 68, n.3, pp.125-144, 2016. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arpb/v68n3/10.pdf>> Acesso em: 04 Out. 2018.

MENDONÇA, H.P.F. *A problemática da saúde na sociedade capitalista e suas implicações no processo de adoecimento dos trabalhadores brasileiros*. 2017. 134 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, Alagoas.

MORAES-FILHO, I.M.; ALMEIDA, R.J. Estresse Ocupacional no trabalho da enfermagem no Brasil: uma revisão integrativa. *Rev. Bras. Promoç. Saúde*, Fortaleza, v. 29, n.3, pp. 447-454, 2016. Disponível em: <<http://periodicos.unifor.br/RBPS/article/view/4645/pdf>> Acesso em: 15 Set. 2018.

MOREIRA, D.P.; FUREGATO, A.R.F. Estresse e depressão entre alunos do último período de dois cursos de enfermagem. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 21, p.1-8, 2013. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-11692013000700020&script=sci\\_arttext&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-11692013000700020&script=sci_arttext&tlng=pt)> Acesso em: 08 Mai. 2018.

MOURA, R.S. *et al.* Estresse da equipe de enfermagem atuante no cuidado da UTI adulto: revisão integrativa. *Revista Hórus*, v. 9, n.1, p. 35-52, 2014. Disponível em: <<http://periodicos.estacio.br/index.php/revistahorus/article/viewFile/4223/1941>> Acesso em: 10 Jul. 2019.

MOURA, R.S. *et al.* Estresse, burnout e depressão nos auxiliares e técnicos em enfermagem das unidades de terapia intensiva. *Revista Eletrônica trimestral de Enfermaria*, n.54, pp. 94-108, 2019. Disponível em: <<https://revistas.um.es/global/article/view/337321/258121>> Acesso em: 09 Dez. 2019.

MUSSO, L.B. *et al.* Fatores derivados dos laboratórios intra-hospitalares que provocam estresse nos estudantes de enfermagem. *Revista Latino-Am. Enfermagem*, Ribeirão Preto, v.16, n. 5, 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-11692008000500002&script=sci\\_arttext&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-11692008000500002&script=sci_arttext&tlng=pt)> Acesso em: 05 Mai. 2018.

NOGUEIRA, L.S. *et al.* Ambiente de trabalho de *Burnout* e enfermagem em instituições de saúde pública. *Rev. Bras. Enferm.*, v.71, n.2, pp. 358-365, 2018. Disponível em: <[http://www.scielo.br/pdf/reben/v71n2/pt\\_0034-7167-reben-71-02-0336.pdf](http://www.scielo.br/pdf/reben/v71n2/pt_0034-7167-reben-71-02-0336.pdf)> Acesso em: 04 Abr. 2018.

NOGUEIRA, L.S. *et al.* Burnout e ambiente de trabalho de enfermeiros em instituições públicas de saúde, *Rev Bras Enferm.*, v. 71, n. 2, pp. 358-365, 2018. Disponível em: <[http://www.scielo.br/pdf/reben/v71n2/pt\\_0034-7167-reben-71-02-0336.pdf](http://www.scielo.br/pdf/reben/v71n2/pt_0034-7167-reben-71-02-0336.pdf)> Acesso em: 06 Jan. 2020.

NOVAIS, P. G. N. *et al.* Efeito do relaxamento muscular progressivo como intervenção de enfermagem no estresse de pessoas com esclerose múltipla. *Revista Latino-Am. Enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 24, n. 2789, p.1-9, 2016. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010411692016000100409&script=sci\\_arttext&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010411692016000100409&script=sci_arttext&tlng=pt)> Acesso em: 05 Mai. 2018.

OLIVEIRA, D.M. *et al.* Afastamento do trabalho por transtornos mentais e comportamentais entre profissionais de enfermagem. *Revista Cuidarte*, v.10, n.02, pp. 1-11, 2019. Disponível em: <<https://revistacuidarte.uces.edu.co/index.php/cuidarte/article/view/631/1110>> Acesso em: 01 Ag. 2019.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Classificação estatística internacional de doenças e problemas relacionados à saúde, décima revisão (CID-10)* (8a ed.). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE LA SALUD, *Plan de acción sobre salud mental 2013-2020*. Ginebra, 2013. Disponível em: <[http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/97488/1/9789243506029\\_spa.pdf](http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/97488/1/9789243506029_spa.pdf)> Acesso em: 28 Jun. 2018.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, Saúde Mental, *Folha informativa – Depressão*. Disponível em: <[https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=category&layout=blog&id=1257&Itemid=826](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=1257&Itemid=826)> Acesso em: 01 Abr. 2019.

OTTATI, F.; FREITAS, V. Avaliação da Qualidade de Vida e vulnerabilidade ao estresse no contexto hospitalar. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, Londrina, v. 4, n. 1, p. 15-29, 2013. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/eip/v4n1/a03.pdf>> Acesso em: 01 Abr. 2018.

PADILHA, K.G. *et al.* Carga de trabalho de enfermagem, estresse/burnout, satisfação e incidentes em unidade de terapia intensiva do trauma. *Texto Contexto Enferm.*, Santa Catarina, v. 26, n. 3, p. 1-8, 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v26n3/0104-0707-tce-26-03-e1720016.pdf>> Acesso em: 10 Mai. 2018.

PAPALIA, D.E.; FELDMAN, R.D. *Desenvolvimento Humano*. 12 ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.

PASCHOAL, T.; TAMAYO, A. Impacto dos Valores Laborais e da Interferência Família – Trabalho no Estresse Ocupacional. *Rev. Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 21, n. 2, pp. 173-180, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v21n2/a07v21n2.pdf>> Acesso em: 05 Fev. 2018.

PEPSIC, Periódicos Eletrônicos em Psicologia Instituto de Psicologia da USP. *Estatísticas de Publicação*, 2018. Disponível em: <<https://analytics.scielo.org/w/publication/article?collection=psi>> Acesso em: 16 Set. 2018.

PEREIRA, D.S. *et al.* Estressores laborais entre enfermeiros que trabalham em unidades de urgência e emergência. *Rev Gaúcha Enferm.*, v. 34, n. 4, pp. 55-61, 2013. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/RevistaGauchadeEnfermagem/article/view/39824/28931>> Acesso em: 10 Jan. 2019.

PEREIRA, M.M.A.; GOMES, A.R.S. Stress, *burnout* e avaliação cognitiva: estudo na classe de enfermagem. *Arq. bras. Psicol.*, Rio de Janeiro, v.68, n.1, 2016. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arbp/v68n1/v68n1a07.pdf>> Acesso em: 10 Fev. 2019.

PEREIRA, S.S. *et al.* A relação entre estressores ocupacionais e estratégias de enfrentamento em profissionais de nível técnico de enfermagem. *Texto Contexto Enferm.*, v. 25, n. 4, pp. 1-8, 2016. Disponível em: <[http://www.scielo.br/pdf/tce/v25n4/pt\\_0104-0707-tce-25-04-2920014.pdf](http://www.scielo.br/pdf/tce/v25n4/pt_0104-0707-tce-25-04-2920014.pdf)> Acesso em: 05 out. 2018.

PEREIRA, I.F. *et al.* Depressão e uso de medicamentos em profissionais de enfermagem. *Arq. Ciênc. Saúde*, v. 24, n. 1, pp. 70-74, 2017. Disponível em: <<http://www.cienciasdasaude.famerp.br/index.php/racs/article/view/544/278>> Acesso em: 06 Dez. 2019.

PIMENTA, A.M.; ASSUNÇÃO, A.A. Estresse no trabalho e hipertensão arterial em profissionais de enfermagem da rede municipal de saúde de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. *Rev. Bras. Saúde Ocup.*, v.41,6 ed., 2016. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S030376572016000100204&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S030376572016000100204&script=sci_abstract&tlng=pt)> Acesso em: 05 Out. 2018.

PORTER, W.D. *et al.* 12-month trajectories of depressive symptoms among nurses—Contribution of personality, job characteristics, coping, and burnout. *Journal of Affective Disorders*, v. 234, pp. 67-73, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.jad.2018.02.090>> Acesso em: 06 Jan. 2020.

POZZEBON, D. *et al.* Relação entre estresse percebido, ansiedade, depressão e dor craniocervical em profissionais de enfermagem em estresse no trabalho. *Fisioter. Mov.*, v.29, n.2, pp. 377-385, 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/fm/v29n2/1980-5918-fm-29-02-00377.pdf>> Acesso em: 02 Abr. 2019.

PRADO, J.M.; KUREBAYASHI, L.F.S.; SILVA, M.J.P. Eficácia da auriculoterapia para diminuição de estresse em estudantes de enfermagem: ensaio clínico randomizado. *Revista Latino-Am. Enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 20, n. 4, p. 1-9, 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010411692012000400013&script=sci\\_arttext&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010411692012000400013&script=sci_arttext&tlng=pt)> Acesso em: 10 Mai. 2018.

PRIETO, G.; MUÑIZ, J. Um modelo para evaluar la calidad de tests usados na Espanha. *Papeles del Psicólogo*, Madrid, n. 77, p. 65-75, 2000. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/778/77807709.pdf>> Acesso em: 05 Mai. 2018.

RASHIDAZAR, S.; ALIMOHAMMADZADEH, K.; AKHYANI, N. Investigation of the relationship between structural empowerment and reduction of nurses' occupational stress and job burnout (case study: nurses of public hospitals in Tehran). *Revista Latinoamericana de Hipertensión*, v.13, n.6, pp. 547-553, 2018. Disponível em: <[http://www.revhipertension.com/rlh\\_6\\_2018/9\\_investigation\\_of\\_the\\_relationship\\_between.pdf](http://www.revhipertension.com/rlh_6_2018/9_investigation_of_the_relationship_between.pdf)> Acesso em: 03 Jan. 2020.

REVISTA DA ESCOLA DE ENFERMAGEM DA USP, REEUSP. Disponível em: <<http://www.scielo.br/revistas/reeusp/iaboutj.htm>> Acesso em: 02 Jan. 2019.

REVISTA LATINO-AMERICANA DE ENFERMAGEM, RLAE. Disponível em: <<http://www.scielo.br/revistas/rlae/iinstruc.htm>> Acesso em: 02 Jan. 2019.

RISSARDO, M.P.; GASPARINO, R.C. Exaustão emocional em enfermeiros de um hospital público. *Esc Anna Nery*, v.17, n.1, pp. 128-132, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ean/v17n1/18.pdf>> Acesso em: 01 Abr. 2019.

RODRIGUES, E.P. *et al.* Prevalência de transtornos mentais comuns em trabalhadores de enfermagem em um hospital da Bahia. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 67, n. 2, pp. 296-301, 2014. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/2670/267030687019.pdf>> Acesso em: 05 Dez. 2019.

ROQUE, H. *et al.* Estresse ocupacional e satisfação dos usuários com os cuidados de saúde primários em Portugal. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v.20, n.10, pp.3087-397, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v20n10/1413-8123-csc-20-10-3087.pdf>> Acesso em: 05 Fev. 2019.

ROSA, M.V.F.P.C.; ARNOLDI, M.A.G.C. *A entrevista na pesquisa qualitativa - mecanismos para validação dos resultados*. Rio de Janeiro: Autêntica, 2017.

ROSS, R. *et al.* Systemic assessment of depressive symptoms among registered nurses: a new situation-specific theory. *Nursing outlook*, v. 8, n. 7, 2019. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.outlook.2019.08.007>. Acesso em: 23 Dez. 2019.

RUEDA, F. J. *et al.* Escala de Suporte Laboral (ESUL) e Escala de Satisfação no Trabalho: evidências de validade. *Rev. Avaliação Psicológica*, v. 9, n. 3, pp. 479-488, 2010.

SAQUIB, N. *et al.* Associação de insatisfação cumulativa no trabalho com depressão, ansiedade e estresse entre enfermeiros expatriados na Arábia Saudita. *Journal of Nursing Management*, v.27, n.4, pp.740-748, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.1111/jonm.12762>> Acesso em: 04 Jan. 2020.

SARAFIS, P. *et al.* The impact of occupational stress on nurses' caring behaviors and their health related quality of life. *BMC Nursing*, v.15, n.56, 2016. Disponível em: <<https://bmcnurs.biomedcentral.com/articles/10.1186/s12912-016-0178-y>> Acesso em: 05 Fev. 2019.

SANTANA, J.S. *et al.* Instrumento de Avaliação do Estresse na equipe de Enfermagem. *Rev. Aten. Saúde*, São Caetano do Sul, v. 15, n. 52, p.61-65, 2017. Disponível: <

[http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista\\_ciencias\\_saude/article/view/4424/pdf](http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_ciencias_saude/article/view/4424/pdf)> Acesso em: 10 Jan. 2019.

SANTANA, L.L. *et al.* Indicadores de saúde dos trabalhadores da área hospitalar. *Revista Bras. Enfermagem*, Brasília, v. 69, n. 1, pp. 30-39, 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v69n1/0034-7167-reben-69-01-0030.pdf>> Acesso em: 26 Jan. 2019.

SANTOS, A.F. *Determinantes psicossociais da capacidade adaptativa: Um modelo teórico para o estresse*. 2010. 318 f. (Tese de Doutorado não publicada). Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, BA.

SANTOS, F.D. *et al.* O estresse do enfermeiro em unidades de terapia intensiva adulto: uma revisão de literatura. *Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas*, v.6, n.1, p. 1-16, 2010. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/smad/article/view/38711/41562>> Acesso em: 28 Ago. 2018.

SANTOS, N.A.R. *et al.* Estratégias de enfrentamento utilizadas pelos enfermeiros em cuidados paliativos oncológicos: revisão integrativa. *Cogitare Enferm.*, v. 21, n. 3, pp. 01-08, 2016. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/45063/pdf>> Acesso em: 09 Dez. 2019.

SCIELO - Scientific Electronic Library Online. *Estatísticas de Publicação*, 2018. Disponível em: <<https://analytics.scielo.org/w/publication/article?collection=scl>> Acesso em: 16 Set. 2018.

SCHMIDT, D.R.C. *et al.* Estresse Ocupacional entre profissionais de enfermagem do bloco cirúrgico. *Texto Contexto Enfermagem*, Florianópolis, v.18, n.2, pp.330-337, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v18n2/17.pdf>> Acesso em: 20 Jan. 2019.

SELYE, H. *The Stress of Life*. New York: McGraw-Hill Book Co., 1956.

SEMMER, N.K. *et al.* Illegitimate tasks as a source of work stress. *Work & Stress*, v. 29, n. 1, pp.32-56, 2015. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/02678373.2014.1003996?needAccess=true>> Acesso em: 05 Fev. 2019.

SENA, A.F.J. *et al.* Estresse e ansiedade em trabalhadores de enfermagem no âmbito hospitalar. *J Nurs Health*, v.5, n.1, pp. 27-37, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/enfermagem/article/view/5089/4298>> Acesso em: 02 Abr. 2019.

SHARMA, P. *et al.* Occupational stress among staff nurses: Controlling the risk to health. *Indian J. Occup. Environ. Med.*, v.18, n.2, pp. 52-56, 2014. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4280777/>> Acesso em: 05 Fev. 2019.

SILVA, D.S.D. *et al.* Depressão e risco de suicídio entre profissionais de Enfermagem: revisão integrativa. *Rev. Esc. Enferm. USP*, v.49, n. 6, pp. 1027-1036, 2015. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/reeusp/article/view/108430/106739>> Acesso em: 09 Dez. 2019.

SILVA, R.P. *et al.* Burnout e estratégias de enfrentamento em profissionais de enfermagem. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 67, n. 1, pp.130-45, 2015. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-52672015000100010](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672015000100010)> Acesso em: 05 Out. 2018.

SILVA, D.P.; SANTOS, N.R.O.; NASCIMENTO, L.K.A.S. Fatores que influenciam o estresse ocupacional na enfermagem. *Carpe Diem: Revista Cultural e Científica do UNIFACEX*, v. 14, n. 2, pp. 66-74, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.unifacex.com.br/Revista/article/viewFile/858/pdf>> Acesso em: 09 Jan. 2019.

SILVA, A.M.; GUIMARÃES, L.A.M. Occupational Stress and Quality of Life in Nursing. *Paidéia*, v. 26, n. 63, pp. 63-70, 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v26n63/1982-4327-paideia-26-63-0063.pdf>> Acesso em: 05 Out. 2018.

SILVA, G.S.A. *et al.* Estresse e Burnout em profissionais de enfermagem de unidade de terapia intensiva e semi-intensiva. *Rev. Cient. Sena Aires*, v.7, n.1, pp. 5-11, 2018. Disponível em: <<http://revistafacessa.senaaires.com.br/index.php/revisa/article/view/297/207>> Acesso em: 04 Out. 2018.

SILVA, C.D.L.; PINTO, W.M. Riscos ocupacionais no ambiente hospitalar: fatores que favorecem a sua ocorrência na equipe de enfermagem. *Saúde Coletiva em Debate*, Serra Talhada, v.2, n.1, pp. 29-62, 2012. Disponível em: <<http://fis.edu.br/revistaenfermagem/artigos/vol02/artigo10.pdf>> Acesso em: 05 Fev. 2019.

SILVA, R.M.; GOULART, C.T.; GUIDO, R.A. Evolução histórica do conceito de estresse. *Rev. Cient. Sena Aires*, v. 7, n.2, pp. 148-56, 2018. Disponível em: <<http://revistafacessa.senaaires.com.br/index.php/revisa/article/view/316/225>> Acesso em: 16 Set. 2018.

SISTO, F. F. *et al.* *Escala de Vulnerabilidade ao Estresse no Trabalho (EVENT)*. São Paulo: Ed. Vetor, 2007.

SISTO, F. F. *et al.* Análise Fatorial da Escala de Vulnerabilidade ao Estresse no Trabalho (EVENT). *Psicologia para a América Latina*, México, n. 15, 2008. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1870350X2008000400011&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870350X2008000400011&lng=pt&nrm=iso)> Acesso em: 13 Fev. 2019.

SOARES, J.P. *et al.* Qualidade de Vida, Estresse, Nível de Atividade Física e Cronotipo dos Auxiliares/Técnicos de Enfermagem em Unidades de Pronto Atendimento em Palmas/TO. *Revista CPAQV - Centro de Pesquisas Avançadas em Qualidade de Vida*, v.9, n.1, pp.9, 2017. Disponível em: <<http://www.cpaqv.org/revista/CPAQV/ojs-2.3.7/index.php?journal=CPAQV&page=article&op=view&path%5B%5D=180&path%5B%5D=141>> Acesso em: 08 Mai. 2018.

SOARES, N.V.; AGNOL, C.M. Privacidade dos pacientes – uma questão ética para a gerência do cuidado em enfermagem. *Acta Paul Enferm.*, São Paulo, v. 24, n. 5, p. 683-688, 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010321002011000500014&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010321002011000500014&script=sci_abstract&tlng=pt)> Acesso em: 05 Mai. 2018.

SUEHIRO, A.C.B. *et al.* Vulnerabilidade ao Estresse e Satisfação no trabalho em profissionais do Programa de Saúde da Família. *Boletim de Psicologia*, São Paulo, v. 68, n. 129, pp. 205-218, 2008. Disponível em: < <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bolpsi/v58n129/v58n129a08.pdf>> Acesso em: 26 Jan. 2019.

SUGUWARA, N. *et al.* Work–family conflict as a mediator between occupational stress and psychological health among mental health nurses in Japan. *Neuropsychiatr. Dis Treat*, v.13, pp.779–784, 2017. Disponível em: < <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5356920/>> Acesso em: 05 Fev. 2019.

TOLFO, S.R. *et al.* Sentidos y significados del trabajo: un análisis con base en diferentes perspectivas teórico-epistemológicas en Psicología. *Universitas Psychologica*, Bogotá, v.10, n.1, pp.175-188, 2011. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=64719284015>> Acesso em: 05 Jan. 2019.

TRAN, T.T.T. *et al.* Stress, anxiety and depression in clinical nurses in Vietnam: a cross-sectional survey and cluster analysis. *Int J Ment Health Syst*, v.13, n.3, pp.1-11, 2019. Disponível em: <<https://link.springer.com/content/pdf/10.1186%2Fs13033-018-0257-4.pdf>> Acesso em: 03 Jan. 2020.

TRIGO, T.R. *et al.* The Influence of Depression on the Psychometric Properties of the Maslach Burnout Inventory–Human Services Survey: A Cross-Sectional Study With Nursing Assistants, *Front Psychiatry*, v. 9, 2018. Disponível em: < <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6305309/>> Acesso em: 06 Jan. 2020.

TRINDADE, L.L. *et al.* Absenteísmo na equipe de enfermagem no ambiente hospitalar. *Revista Electrónica Trimestral de Enfermería*, Murcia, v.13, n.4, 2014. Disponível em: <<http://revistas.um.es/eglobal/article/view/181541/166581>> Acesso em: 25 Jun. 2017.

TSARAS, K. *et al.* Predicting Factors of Depression and Anxiety in Mental Health Nurses: A Quantitative Cross-Sectional Study. *Journal list, Med Arch*, v.72, n.1, pp.62-67, 2018. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5789556/>> Acesso em: 04 Jan. 2020.

UENO, L.G.S. *et al.* Estresse Ocupacional: Estressores referidos pela equipe de enfermagem. *Revista de Enfermagem – UFPE*, Recife, v.11, n.4, pp.1632-1638, 2017. Disponível em: < <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/15232/18002>> Acesso em: 09 Mai. 2018.

VASCONCELOS, E.M.; MARTINO, M.M.F.; FRANÇA, S.P.S. Burnout and depressive symptoms in intensive care nurses: relationship analysis, *Rev Bras Enferm.*, v. 71, n. 1, pp. 135-141, 2018. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v71n1/0034-7167-reben-71-01-0135.pdf>> Acesso em: 06 Jan. 2020.

VIDOTTI, V. *et al.* Burnout Syndrome and shift work among the nursing staff. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*, v. 26, pp. 1-10, 2018. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v26/0104-1169-rlae-26-e3022.pdf>> Acesso em: 04 Abr. 2019.

WORLD HEALTH ORGANIZATION, The WHOQOL Group. 1995. Quality of life assessment (WHOQOL): position paper from the World Health Organization. *Social Science and Medicine*, v. 10, pp. 1403-1409, 1995. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/027795369500112K?via%3Dihub>> Acesso em: 05 Out. 2018

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Depression and Other Common Mental Disorders - Global Health Estimates*, 2017. Disponível em: <<https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/254610/WHO-MSD-MER-2017.2-eng.pdf?sequence=1>> Acesso em: 05 Dez. 2019.

**APÊNDICE**

**APÊNDICE 1 - Ficha de Dados Sociodemográficos**

Data de Nascimento: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

Estado Civil: \_\_\_\_\_

Nº de Filhos: \_\_\_\_\_

Formação:

( ) Técnico de Enfermagem ( ) Graduação em Enfermagem ( ) Auxiliar de Enfermagem

( ) Pós-Graduação em \_\_\_\_\_

Há quanto tempo é formado? \_\_\_\_\_

Nome da instituição que atua: \_\_\_\_\_

Há quanto tempo trabalha nessa instituição?

\_\_\_\_\_

Há quanto tempo atua nesta função, nesta instituição?

\_\_\_\_\_

Qual é o seu setor nesta instituição?

\_\_\_\_\_

Qual é a sua carga horária diária nesta instituição?

\_\_\_\_\_

Qual é o seu turno de trabalho nesta instituição?

\_\_\_\_\_

Você desenvolve outra atividade remunerada além desta? ( ) Sim ( ) Não

Se sim, Qual e Onde?

\_\_\_\_\_